



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Março de 2024 – Nº 5 – ISSN 2446-5615



**Patrono da Academia de Letras
de Itabuna**
ADONIAS FILHO

**Diretoria da Academia de Letras
de Itabuna**

Presidente:

Wilson Caitano de Jesus Filho

Vice-Presidente:

Janete Ruiz de Macêdo

Presidente de Honra:

Cyro de Mattos

1ª Secretária:

Lurdes Bertol Rocha

2º secretário:

Marcos Antônio Santos Bandeira

1º Tesoureira:

Silmara Santos Oliveira

2ª Tesoureira:

Sione Maria Porto de Oliveira

Diretor da Revista:

Charles Nascimento de Sá

Diretor de Ações Culturais:

Jorge Luiz Batista dos Santos

Diretor da Biblioteca:

Silvio Porto de Oliveira

Diretor de Arquivo:

Alessandro Fernandes de Santana

Diretora de Comunicação e Marketing:

Raquel Silva Rocha

Diretora de Projeto e Pesquisas:

Margarida Cordeiro Fahel



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Março de 2024 – Nº 5 – ISSN 2446-5615

Bahia, Itabuna

2024

Copyright © 2024 by Academia de Letras de Itabuna (ALITA)

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem autorização
por escrito dos autores.

Presidente da Academia de Letras de Itabuna

Wilson Caitano de Jesus Filho

Diretor da Revista

Charles Nascimento de Sá

Conselho Editorial

Ceres Marylise Rebouças
Celina Silva dos Santos
Charles Nascimento de Sá
Margarida Cordeiro Fahel

Revisão textual

Charles Nascimento de Sá
Ceres Marylise Rebouças
Margarida Cordeiro Fahel

Diagramação

Elimarcos Santana

Serviço Editorial

Via Litterarum Editora
Rua Frederico Maron, 299 - Térreo - Centro
Ibicaraí - Bahia - Brasil - CEP: 45745-000
www.viaeditora.com.br

A ideia do nome Guriatã para a revista e a da capa
e contracapa com o pássaro é do acadêmico Cyro de Mattos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Guriatã - Revista da Academia de Letras de Itabuna. n. 4, (2023).
Publicação da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Itabuna-Ba-
hia: Libri Editorial, julho de 2020.
220 p.: il.; 15x22cm

ISSN: 2446-5615

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Poesia. 4. Poemas. I. Título.

CDU 82.34; 82-1; 7.04

Sumário

Apresentação 11

Charles Nascimento de Sá,
Margarida Cordeiro Fabel
Ceres Marylise Rebouças
Celina Silva

Ensaaios

A exaltação da experiência: Inéditos “Nesses rumores e mares”, em Canto até hoje, de Cyro de Mattos 17
Heloísa Prazeres

Uma viagem literária a bordo de Adonias Filho, Marcos Santarrita e Jorge Amado

O tráfico de pessoas no texto do escritor
Adonias Filho 25
Silmara Oliveira

Romances marcantes nas letras brasileiras 35
Cyro de Mattos

Rui Barbosa e a educação 48
Raimunda Alves Moreira de Assis

Brasis - Da literatura ao turismo 59
Maria de Lourdes Netto Simões (Tica Simões)

Artigos

Itabuna: um olhar sobre a cidade 73
Lurdes Bertol Rocha

O afoxé de Oxum 77
Ruy Póvoas

**Contribuições da Psicologia Hospitalar
para a humanização da saúde** 80
Raquel Rocha

Plante uma árvore frutífera 85
Raquel Rocha

As juízas afegãs 88
Sérgio Habib

**A verdade sobre Grande Sertão: Veredas, de
Guimarães Rosa** 91
Ivo Korytoswki

Contos

Coisas da vovó 101
Cyro de Mattos

Mudanças I 108
Charles Nascimento de Sá

Mudanças II 110
Charles Nascimento de Sá

A avó invisível 112
Ruy Póvoas

Crônicas Históricas e do Cotidiano

E a vaca queria estudar 121
João Otávio Macedo

O pássaro e a gaiola 124
Marcos Bandeira

Meus gansos canadenses 126
Marcos Bandeira

Um menino nos nasceu 128
Clóvis Silveira Góis Júnior

Durval Pereira da França Filho - Temas e tempos diversos: a memória, a história e a vida de um erudito 131
Charles Nascimento de Sá

Tributo a Alício Peltier de Queiroz, patrono da cadeira 7 da Academia de Medicina de Itabuna 135
Silvio Porto de Oliveira

Crônicas vencedoras do I Concurso Literário da Academia de Letras de Itabuna

1º lugar - Corredeiras com muitas histórias 149
Ronaldo Oliveira Santos

2º lugar - Três cidades e um rio 152
Lucas Correia Santos

3º lugar - O velho homem e o velho rio 154
Marcos Antônio Maurício da Costa

Poesias

Heloísa Prazeres 161

Cyro de Mattos 166

Sérgio Habib 171

Ruy Póvoas 180

Renato de Oliveira Prata	187
Ceres Marylise	191
Sione Maria Porto de Oliveira	195
Maria Luiza Nora de Andrade (Baísa)	197

Discursos

Discurso de recepção à acadêmica Heloísa Prata e Prazeres na cadeira 14 da Academia de Letras de Itabuna	203
---	-----

Cyro de Mattos

Discurso de Posse	210
--------------------------------	-----

Heloísa Prazeres

História entre as letras - Discurso de recepção ao confrade Clóvis Silveira Góis Júnior em sua posse na ALITA em 02 de março 2022	220
--	-----

Charles Nascimento de Sá

Discurso de Posse	226
--------------------------------	-----

Clóvis Silveira Góis Júnior

Discurso de agradecimento proferido por Cyro de Mattos, por ocasião do recebimento da Comenda 2 de Julho	237
---	-----

Cyro de Mattos

Discurso em homenagem a Cyro de Mattos por ocasião da outorga do título de Presidente de Honra da Academia de Letras de Itabuna	243
--	-----

Raquel Rocha

Homenagens Especiais

Homenagens a Soane Nazaré de Andrade

Cyro de Mattos	253
Ruy Póvoas	255

Registros

ALITA empossa o historiador e escritor Clóvis Góis Júnior	261
--	------------

Lurdes Bertol lança o livro <i>Encantos da Lagoa Encantada</i>	261
---	------------

Marcos Bandeira lança o livro <i>O adolescente em conflito com a lei</i>	262
---	------------

Roda de leitura na Escola Pio XII (2023)	262
---	------------

A Academia de Letras de Itabuna completa 12 anos, lança a revista Guriatã nº 4 e inaugura galeria de fotos com personagens ilustres de Itabuna	263
---	------------

Cyro de Mattos ganha o Prêmio Literário Casa de Las Américas - 2023	263
--	------------

I Concurso Literário da ALITA	264
--	------------

Lançamento do livro <i>Águas de meu rio</i>, de Cyro de Mattos	265
---	------------

Poeta e escritor Cyro de Mattos recebe Comenda Dois de Julho na ALBA	265
---	------------

Roda de leitura Sônia Maron aconteceu na Escola Lúcia Oliveira	266
---	------------

Homenagem aos Patronos

Homenagem ao Dr. Gil Nunes Maia 269

Margarida Cordeiro Fabel

**Quadro Social da Academia de Letras
de Itabuna** 277

Apresentação

A revista *Guriatã* chega ao nº 5 dando continuidade ao que foi proposto na gestão 2022-2023 desta direção e do seu Conselho Editorial: mostrar o mais amplo espectro do que faz da ALITA uma academia viva e atuante em sua força e diversidade de formações e estilos de escrita, revelando mais uma vez preciosas produções literárias em originalidade e constância. São obras marcadas pelo zelo de autores atentos aos sinais da vida, desde os mais sutis até os mais densos em sentimentos humanos e universais.

Este número traz uma nova configuração apresentando uma sequência mais lógica dos textos, fruto de algumas ponderações e consensos durante os trabalhos realizados por este Conselho, capitaneados pela expertise da congreira Margarida Fahel, com as seguintes seções: 1. Ensaio; 2. Artigos; 3. Contos; 4. Crônicas Históricas e do Cotidiano; 5. Crônicas vencedoras do I Concurso Literário da Academia de Letras de Itabuna; 6. Poesias; 7. Discursos; 8. Homenagens Especiais; 9. Registros; 10. Homenagem aos Patronos; 11. Quadro Social da Academia de Letras de Itabuna.

Nessa melhor adequação de cada produção à sua categoria literária específica, observa-se a inauguração de duas novas seções: a de Homenagem aos Patronos e a de Homenagens Especiais. Abre-se a nova seara dedicada aos patronos com o arguto texto produzido por Margarida Fahel em homenagem ao seu Patrono, Cadeira nº 29, Dr. Gil Nunes Maia.

Nos Ensaio temos a escrita de Heloísa Prazeres com A exaltação da experiência: inéditos “nesses rumores e mares”,

em Canto até hoje, de Cyro de Mattos. Silmara Oliveira nos brinda com um texto que mescla literatura e tráfico humano em Uma viagem literária a bordo de Adonias Filho, Marcos Santarrita e Jorge Amado - o tráfico de pessoas no texto do escritor Adonias Filho. Cyro de Mattos se faz presente com Romances marcantes nas letras brasileiras. Rui Barbosa e a educação é o contributo de Raimunda Alves Moreira de Assis, para esta seção. A professora Tica Simões nos entrega Brasis - da literatura ao turismo, um instigante texto sobre literatura e turismo.

A seção Artigos, tem início com a produção Itabuna: um olhar sobre a cidade de Lurdes Bertol Rocha. O afoxé de Oxum é o artigo de Ruy Póvoas e seu olhar sobre a religiosidade. Contribuições da psicologia hospitalar para a humanização da saúde e Plante uma árvore frutífera são dois textos de autoria de Raquel Rocha. As juízas afegãs tem como autor Sérgio Habib. Encerra-se esta parte com A verdade sobre Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, que tem como autor Ivo Korytoswki que não faz parte do quadro da ALITA, mas nos brinda com um artigo em que se discute o que é, de fato, um clássico.

Na seção Contos temos mais um contributo de Cyro de Mattos com Coisas da Vovó. Charles de Sá, atual diretor da revista *Guriatã*, se aventura em dois textos, ambos intitulados Mudanças. O mestre Ruy Póvoas encerra essa parte com A avó invisível.

Crônicas Históricas e do Cotidiano, inicia sua seção com um texto de Charles Nascimento de Sá unindo memória e análise histórica, onde reverencia seu mestre e amigo Durval Pereira da França Filho. Silvio Porto traz uma crônica histórica dedicada ao médico Alípio Peltier de Queiroz. João Otavio Macedo nos presenteia com o texto E a vaca queria estudar, lembrando tempos passados da Ação Fraternal de Itabuna. O pássaro e a gaiola e Meus gansos canadenses

trazem a prosa leve e reflexiva de Marcos Bandeira. Como fechamento desta seção temos o texto histórico do confrade Clóvis Silveira Góis Júnior, intitulado Um menino nos nasceu.

Do primeiro concurso de crônicas patrocinado pela ALITA tem-se aqui seus três textos e autores premiados: Corredeiras com muitas histórias, primeiro lugar entre os inscritos, que tem como autor Ronaldo Oliveira Santos. Coube o segundo lugar para Três cidades e um rio de Lucas Correia Santos. O terceiro colocado foi Marcos Antônio Maurício da Costa com a crônica O velho homem e o velho rio.

A parte dedicada à Poesia está muito bem representada em diversidade de temas e estilos por Heloísa Prazeres, Sérgio Habib, Cyro de Mattos, Renato de Oliveira Prata, Ruy Póvoas, Ceres Marylise, Baísa Nora e Sione Maria Porto de Oliveira.

Marcam a seção Discursos, textos profusos em conhecimento: o de Cyro de Mattos recebe a confradeira Heloísa Prazeres. O de posse proferido por Heloísa Prazeres, vem em seguida. Charles Nascimento de Sá foi o responsável pela recepção do confrade Clóvis Silveira Góis Júnior, seguido pelo discurso de posse do referido e novo acadêmico. Cyro de Mattos traz também seu discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia ao receber a Comenda 2 de Julho. Fechando essa fecunda gama de textos está Raquel Rocha em sua recepção ao confrade Cyro de Mattos como Presidente de Honra desta agremiação.

Na anteriormente mencionada seção inaugural de Homenagens Especiais, Soane Nazaré de Andrade, recebe homenagens de Cyro de Mattos e Ruy Póvoas.

Em Registros mencionam-se as atividades desenvolvidas pela ALITA no ano de 2023 e o seu Quadro Social fecha este número.

Nosso objetivo é que esta edição proporcione prazer, amplie conhecimentos, suscite debates e tudo aquilo que somente a palavra escrita pode criar interiormente no leitor que se lança a descortinar novos mundos. A todos os leitores dessa *Guriatã* nº 5 desejamos uma boa e fecunda leitura.

Charles Nascimento de Sá

Diretor da Revista

Margarida Cordeiro Fahel

Ceres Marylise Rebouças

Celina Silva

Conselho Editorial

Ensaaios

A exaltação da experiência: Inéditos “Nesses rumores e mares”, em Canto até hoje, de Cyro de Mattos*

Heloísa Prazeres**

“o poema é o meu lugar
onde tudo arrisco.”
(Cyro de Mattos)

Sáudo com admiração o mestre apaixonado pela Literatura e pela Língua Portuguesa. Nesses últimos anos, leio com regularidade a sua poesia de conexão com o mundo imaginativo, cuja metáfora “rumores”, aqui se associa a variedade de sentidos, que o eu poético enumera, “flor e vento”; “sonho e música”; mundo além da aparência, enunciado como estado de poesia (*cf.* MATTOS, 2020, “O milagre da poesia”, p. 414).

* Texto apresentado na Mesa 1- Cyro de Mattos: diálogos com Jorge Amado. Abertura do III Webinário Estudos Amadianos, Universidade da Gente. Evento remoto em 09/08/2022.

** Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história, poemas selecionados* (2014), *Casa onde habitamos, poemas* (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa, poemas* (2020), *A vigília dos peixes, poemas* (2021), *O tempo não detém a vida* (2023). Ocupa a Cadeira nº 26, na Academia de Letras da Bahia. Membro. Eleita membro titular da Academia de Letras de Itabuna, em novembro de 2022, ocupa a Cadeira nº14.

A divisão de “Nesses rumores”, inicia-se com a compreensão sobre sua poética, por meio do recurso da metalinguagem, traduzido nos poemas, “Lugares”, “O milagre da poesia”, “Nesses rumores” e a “A poesia é um pássaro” (MATTOS, *op cit.*, p. 415-416). Na coletânea inédita, de 93 poemas, da qual me ocupo, ora inserida na obra poética reunida (MATTOS, 2020), Cyro de Mattos cataloga o ambiente marinho, conforme anuncia nos títulos, I “Nesses rumores”, 44 poemas (MATTOS, *op. cit.*, p. 415-439) e II “Nesses mares”, 49 poemas (MATTOS, *op. cit.*, p. 439-465).

No alentado volume, *Canto até hoje* (2020), fruto do prêmio das Artes Jorge Portugal, Literatura, Editora Fundação Casa de Jorge Amado - Casa de Palavras, em comemoração aos 60 anos de atividade literária, pode-se acompanhar, na extensão de sua trajetória, inúmeras vozes críticas que a leram e se manifestaram.

Dessas, quero destacar três; a impressão do consagrado Mario da Silva Brito (BRITO *apud* MATTOS, 2020, p.33-34), que tenta inscrever sua poesia inaugural numa determinada tendência experimentalista, e conclui pela singularidade e refração desta a rótulos; também a antípoda desta conclusão, na voz do criador e conterrâneo, Jorge Amado (AMADO *apud* MATTOS, 2020, p.19), que o saúda e sabe, de cor, o sentido do seu canto espacial, localizado num universo de grapiunidade; e a leitura estrangeira, de Graça Capinha (CAPINHA *apud* MATTOS, 2020, p.393-396), que desejo comentar um pouco mais, pois, com esta, coincide aquilo que venho observando sobre o seu universo de criação, desde 2015, quando li, com finalidade de comentário, o seu potente projeto *Poemas da terra e do rio* (cf, PRAZERES *apud* MATTOS, 2015, p 11-20).

Concluiu Graça Capinha, que a poesia de Cyro de Mattos remete ao que se vê, e ao que se consagra, e, talvez, por isso, a comunicação dos sentidos de sua poética seja transparente,

metaforizada por meio de uma poesia da natureza da Terra e das Águas e do meio ambiente, onde o poeta habita.

Tal percepção, segundo suponho, dá-se de modo instantâneo, e há, na voz que poeticamente se comunica com o seu público, uma atitude ideológica, um reclamo a favor da celebração do lugar.

Gaston Bachelard, em *A poética do devaneio* (2018), adverte: o devaneio poético é cósmico; a imagem poética é uma imagem nova, atual, presente, separada de todo o passado. Chega-se à constatação de que só é possível reter a atividade imaginativa por meio do devaneio - atividade psíquica manifesta. Também a Fenomenologia teoriza sobre o reconhecimento do mundo tal como é, antes de qualquer retorno - processo de percepção, captura a respectiva transformação imaginativa - que a linguagem literária dá conta (*cf.* BACHELARD, 2018, p.14).

Intui-se que o poeta poderá desenhar e colorir painéis - principalmente solucionados em quadras simples, canções de métrica livre, forjando linguagem, como fonte de sentido e ordem num mundo desordenado.

Nas folhas o vento.
Da mãe-natureza abano.
Carícia de lenço.
(MATTOS, op. cit, "Haicais", p. 421).

Bem assim, sua *ecopoética* (CAPINHA *apud* MATTOS, 2020, p. 396), reduto detentor de respostas alusivas ao lugar, à geografia, de onde fala o escritor, culminando num desenvolvimento, tanto de sua concepção de poesia quanto do universo da experiência humana. Registre-se a tendência a conduzi-la a visões singulares - tentativas de transcendência da dimensão limitada da experiência. Daí a epígrafe geral da seção em estudo. Cito-a, retirada do segmento do seu *Canto até hoje* (MATTOS, 2020), na abertura da divisão dos Inéditos "Nesses rumores e mares (MATTOS, 2020):

[...]

Viver não é necessário;

o que é necessário é criar.

Fernando Pessoa (*apud* MATTOS, 2020).

Quem conhece a poesia de Cyro de Mattos sabe que a *exaltação* a que me refiro, no título desta fala, é um traço predominante do seu fazer, vital e literariamente voltado para a questão da existência e relacionado a um horizonte ético. O poeta mantém a relação essencial com a sua personalidade marcadamente constante de preocupação com a mudança, o sentido e o sentimento. Por isso, sugiro, Cyro de Mattos basicamente, como um "poeta exaltado" (e exaltador), que faz soar palavras num modo poético fundamentalmente verbal/oral, porque a sua poesia esclarece, pela voz, a procedência de onde ele cria, ou seja, no domicílio de determinada forma de vida imaginativa, da qual, temas recorrentes fluem:

A possibilidade de esquecimento o sobressalta, os poemas têm estrutura de listagem ou enumeração, que busca *fixar o mundo* para que não desapareça.

O melhor do eu lírico de Cyro de Mattos exalta um mundo de esperança difícil, mas de permanente, advertência para que as coisas se sustentem, permaneçam, evitando-se colapsos de fluxos naturais.

Pode-se dizer que o eu lírico exalta o mundo justamente porque sabe que sua solidez é tão evidente quanto sua inconsistência e leveza, sua falta de substância assusta. Daí o expurgo da inevitabilidade, que toma o símbolo da ave como mote:

[...]

gaivota, xô velha suja

gaivota, some-te porca

gaivota, bruxa na onda

gaivota vai e volta

(MATTOS, *op cit*, "Gaivota", p.460).

Quando se associa o comportamento desta ave marinha à predação, ao cleptoparasitismo e ao oportunismo.

Na coleção de poemas em estudo, o que há de novo é um determinado lócus exclusivo para a proposição de histórias ou experiências, os “rumores do mar”. O diálogo não é conosco, é com entidades que o poeta vê pelas lentes de sua poética, e que gravitam nos textos:

[...]
Bebo tudo do mistério
sem nunca ter chegado perto
(MATTOS, 2020. “Cercos das águas”, p. 454).

Refiro ainda o interesse que registra a escolha de suas metáforas, com base no poema que se distingue, na contracapa da obra reunida, quarto texto do segmento “Nesses Rumores”:

A poesia é um pássaro (MATTOS, *op. cit.*, “A poesia é um pássaro”, p. 416).

Nessa linha de experiências, que se reúnem e se acumulam de modo a formar um composto de textura, memórias e emoções, certamente, de modo a ativar princípios igualitários, que animem a sua poesia, entendo que se construa o alicerce espiritual, espécie de transcendentalismo, que celebra a humanidade e a natureza. Elementos dessas duas esferas podem ser detectados em louvação,

Pela enseada de flor, luz e magia
O litoral ventava turmalinas
Ao menino bebedor de poesia
Que falava com as nuvens nas colinas
(MATTOS, *op. cit.*, “O Marinheiro”, p.457-458).

Sugiro que se entre no universo de Cyro de Mattos, no campo de uma lírica, na qual, a sinestesia, as imagens visuais,

A exaltação da experiência: Inéditos “Nesses rumores e mares”, em Canto até hoje, de Cyro de Mattos | 21

principalmente, são os recursos em que o poeta investe com consciência autoral. Na euforia que sente e expressa o eu lírico “Nesses mares”, lócus “todo azul”, onde se evoca a totalidade (MATTOS, 2020, p.439-465).

Tal perspectiva manifesta-se e a memória presentifica a linha evocativa, referindo a sua própria experiência [...] menino bebedor de poesia/ Que falava com as nuvens nas colinas.” (MATTOS, *op. cit.*, “O Marinheiro”, p.457).

Propõe-se, pois, a ideia de que a natureza é reveladora, aí aparecendo, consistentemente, em seu esplendor, complexidade e vastidão, isto é, a natureza dá testemunhos. Como todos os escritores que já tentaram descrever sua geopoética a luta para articular quem ele seja, é vitoriosa, e se anuncia na epígrafe:

Ilumino-me
de imenso
Ungaretti
(MATTOS, 2020, “Salinas”, p. 463).

Aprecie-se a sua autodescrição. Voz mais positiva e afirmativa que ele encontra e utiliza para compartilhar o entusiasmo: “Ilumino-me/de imenso”. Os poetas que vivem em reverência e adoração, experimentam este estado de não-vazio, preenchimento pela percepção de seu engrandecimento pela poesia. Os encontros de Cyro de Mattos com a majestade, colocando o pronome de primeira pessoa, da epígrafe de Ungaretti, capitaliza a referência.

Porque envolver-se na arte é uma atitude que se encontra na mais alta tradição, quando se abrem as profundezas do ser interior para a realidade e se encontra a poesia no centro. Em suas palavras: “Sem essa alquimia do verbo que se faz revelação, não me torno sequer menino, não aceno para as coisas da vida que se foi [...]” (MATTOS, 2022, “Como é ser escritor”). Toda poesia lida nos Inéditos constitui-se como

clara assunção da simplicidade e recusa de grandeza pessoal “Nesse instante de flor/a subir pelas espumas/ mínimos amantes.” (MATTOS, *op cit.*, p. 453); que, de outra forma, de algum modo, esmagaria a percepção privilegiada do instante aí preservada.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. [Antípoda]. *In*: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 19.
- BACHELARD, Gaston. Introdução. *In*: BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 1-26.
- BRITO, Mario da Silva. [Impressões]. *In*: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p.33-34.
- CAPINHA, Graça. [Leitura estrangeira]. *In*: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 19, 396.
- CAPINHA, Graça. [Vozes]. *In*: PRAZERES, Heloísa Prata e. **Poemas da terra e do rio**. Tradução de Fred A. Ellison. Edição bilíngue. Ibicaraí: Via Litterarum, 2015. p. 131.
- MATTOS, Cyro de. **Canto até hoje**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. 800 p.
- MATTOS, Cyro de. **Guitarra de Salamanca, poesia**. Edição bilíngue português-espanhol. Madrid: Editorial Verbum, 2022. p. 453.
- MATTOS, Cyro de. O Marinheiro. *In*: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p.457-458.

MATTOS, Cyro de. Salinas. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 463.

MATTOS, Cyro de. A poesia é um pássaro. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 415 - 416.

MATTOS, Cyro de. O Marinheiro. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p.457.

MATTOS, Cyro de. Cerco das águas. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p.454.

MATTOS, Cyro de. Coqueiro. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 421.

MATTOS, Cyro de. Gaiivota. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 460.

MATTOS, Cyro de. Haicais. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 421.

MATTOS, Cyro de. Natureza. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 430.

PESSOA, Fernando. [Poema]. *In: MATTOS, Cyro. **Canto até hoje***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2020. p. 421.

PRAZERES, Heloísa Prata e. Prefácio. *In: MATTOS, Cyro. **Poemas da terra e do rio***. Tradução de Fred A. Ellison. Edição bilíngue. Ibicaraí: Via Litterarum, 2015. p.11-20.

Uma viagem literária a bordo de Adonias Filho, Marcos Santarrita e Jorge Amado

O tráfico de pessoas no texto
do escritor Adonias Filho¹

Silmara Oliveira

A novela *Um anjo mau*, localizada na obra *Léguas da Promissão*² inicia, indica e denuncia uma questão não resolvida na temática social, que atende pelo nome de vulnerabilidade feminina. O livro é composto por seis novelas, em meio à narrativa fundante do território da região sul da Bahia, além dos temas conhecidos e estudados, tais como violência, morte, desbravadores e cacau, e traz um componente não necessariamente novo, mas pouco falado nas análises dos textos adonianos: o tráfico de pessoas.

Para balizar o nosso pensamento sobre o que define tráfico de humanos, tomamos como norte o seguinte: a Organização das Nações Unidas (ONU), no Protocolo de Palermo (2003), define tráfico de pessoas como o “recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas, por meio de ameaça ou uso da força ou outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de engano, do abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade ou de dar ou receber

¹ Texto apresentado no Festival Literário Sul-Bahia - FLISBA Ilhéus - BA 17 de novembro de 2022

² Publicado em 1968 pela Editora Civilização brasileira.

pagamentos ou benefícios, a fim de obter o consentimento para uma pessoa ter controle sobre outra pessoa, com o propósito de exploração”.

Embora a mulher no texto adoniano tenha, muitas vezes, o lugar de heroína, há situações em que se descortinam caminhos muito tortuosos e, em geral, com o amadurecimento é que ela se transforma em heroína. Antes é vista como elemento raro na selva, motivo de disputas entre os homens, e atravessa inúmeros momentos em que tem que lutar arduamente pela própria vida ou dos seus.

Para apresentação desta manhã, trago esta novela, *Um Anjo Mau*, como recorte, em face do apelo infantil, mas também pela forma mais aberta sobre a temática, tráfico/escravidão/prostituição e sua aparente naturalidade da época, digo, anos de 1900 e começo do século XX. Essas trocas e negociações em torno do indivíduo humano podem ocorrer a partir de familiares, pais, mães e tutores. O tema tráfico de humanos, no século XXI, mostra o tom de atualidade na obra do escritor Adonias Filho, embora já saibamos do caráter universal nas discussões do autor e, para além disso, observa-se uma conexão com problema social de grandes proporções na atualidade, motivo pelo qual trago essa peça literária para a contemporaneidade.

Esta novela narra a história de uma menina de dez anos de idade que, ao perder o pai, perde também a infância, quando é vendida pela mãe a um comerciante estabelecido no território de Itajuípe. Seu pai, um tropeiro de cacau mole, João Sergipano, morto num assassinato, talvez por posse de terra, não se sabe ao certo, apenas constando como informação o que a mãe repetia para a filha: “que ele era um homem condenado”. Sua mãe era uma mulher de poucas palavras, calada o dia inteiro em afazeres, num ir e vir dentro e fora de casa no meio do mato, não lhe deu chance de mais conhecimento sobre seu pai.

Chama a atenção o ato de descarte como solução imaginada com relação à filha, no momento após desaparecimento do marido, e como recomendam os estudos sobre tráfico de humanos, isso atesta que os agentes são sempre pessoas de perto da vítima, parentes, vizinhos, alguém interessado em ofertar vantagens de empregos ou outras oportunidades. Mas sempre com seus próprios mecanismos para lucros pessoais sobre os traficados.

No livro, o último som da voz materna foi para dizer, em voz baixa, que ela, a menina, pertencia a seu Mário Afonso, comerciante. Açucena era o seu nome. Para fins de observação, aponto para essa escolha do autor, o que é emblemático na contraposição ao título da obra. Originado a partir do hebraico, Açucena quer dizer “lírio” ou “flor branca”. No entanto, alguns estudiosos acreditam que se origine do egípcio sua raiz, *ssn*, traduzida como lótus. Sua tradição popular relaciona Açucena (lírio) à pureza. Açucena, a “pura”. Por isso talvez, em seu coração de criança chorou e gritou pelo nome da mãe, imaginando que ela voltasse, que estaria por perto.

Sua mãe recebeu o dinheiro e sumiu apressada. A menina, agarrando-se ao homem que a pusera no colo, assustada com Itajuípe, lhe assomava a lembrança do pai. Esse momento de separação da criança cumpre o ritual do tráfico que se resolve com a força física, venda de vulneráveis, seguido de trabalho infantil e, em quase todos os casos femininos, seguido de prostituição, o que também ocorreu.

Longe de ser um assunto da atualidade, o tráfico de humanos existe há séculos. Segundo as estudiosas Anamaria Marcon Venson e Joana Maria Pedro, esse termo pertence a uma proposição jurídica e não a uma elaboração sociológica, marcando uma base conceitual do termo. A amplitude do assunto, nos mais diversos formatos e abrangência, tem despertado um sem-número de estudos, e em especial aponta a rejeição do tráfico de pessoas negras para escravos, no século XIX,

associando a isso também a rejeição do tráfico de pessoas brancas para a prostituição.

Esse tema nos remete de imediato ao mundo do trabalho, à necessidade das pessoas e a pobreza. E não foi diferente para Açucena, lírio, que ao adentrar na casa de seu par, Mário, encontrou a genitora do comerciante, seu algoz, impossibilitando-a de sair às ruas, bem como colocando-a na escravidão do trabalho doméstico, nos maus tratos, desde a alimentação à base de restos, à cama dura que lhe servia o chão, contrastando tudo isso com o significado do seu nome escolhido pelo pai. Eis o retrato da vida de escravizada de Açucena, a partir do tráfico a que foi submetida:

A tina de madeira, lava os pratos. A cisterna lava as roupas. Limpa a casa, varrendo os quartos. Serve a mesa, de pé, seu Mário Afonso comendo apressado. A velha e a tosse, puxado que mia nos peitos, a dureza nos olhos. Quando se deita na esteira sente medo. A velha a acompanha por toda parte, ordena com raiva, não entende como possa ofender aquela coisa doente.

- Menina molenga! - exclama.

O Chicote, é de couro, Com ele seu Mário Afonso bate na mula quando viaja. E com ele, a velha a espanca, o couro na carne. Grita com a dor cortando. Tardinha, antes da noite, tem o corpo cansado. Seu único brinquedo é o gato...

Adonias detalha o sofrimento da pequena para concluir o mundo fechado do cárcere daqueles que estão nas mãos de outros, que detém sua liberdade.

Casa triste, não pode sair, uma prisão.

Léguas da Promissão; p. 87

O tráfico de humanos tomou proporções muito ampliadas na lista das preocupações dos dias atuais. Telenovelas e filmes abrem espaço para a defesa dos indivíduos vulneráveis espalhados pelo mundo.

Anjos do sol, nas grandes telas de cinema que recebeu premiação em Gramado, no ano de 2006, do diretor Rudi Lagemman, é um clássico de precisão cirúrgica para sensibilizar o seu público. Versa a história de uma menina de 12 anos tirada de uma família muito pobre em Recife, para ser levada para a selva da Amazônia. Cruel e desumana a ação de um conjunto de pessoas que trabalham em torno do tráfico degradante. Maria, a personagem do filme, enfrenta uma fila de homens na sua primeira noite como objeto do sexo no prostíbulo do meio da mata, aos doze anos, como já foi referido.

Ao contrário do que se possa imaginar, o tráfico de humanos tem crescido e, segundo dados da ONU, o tráfico de pessoas movimentada, anualmente, 32 bilhões de dólares em todo o mundo. Desse valor, 85% provêm da exploração sexual. É expansivo o comércio da exploração do sexo. O tráfico está em toda parte e é silencioso, mas não desconhecido, nem localizado em apenas um lugar ou mesmo em lugares restritos.

Mas, ainda dentro do âmbito literário e artístico, Adonias encontra par na descrição de personagens com problemas graves de tráfico pela própria família, e ninguém menos que Tereza Batista Cansada de Guerra, de Jorge Amado, sofreu o pesadelo de ser entregue pela família e acolhida por um coronel que exibia anéis numa corrente no pescoço, indicando o número de meninas que desvirginara.

Ainda nesta semana, 13/11/2022, o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem apresentou a questão de número 43, com este mesmo assunto, levando para análise um excerto do livro *Nu de botas*, do autor Antônio Prata, da Editora Companhia das Letras.

QUESTÃO 43

Vanda vinha do interior de Minas Gerais e de dentro de um livro de Charles Dickens. Sem dinheiro para criá-la, sua mãe a dera, com seus sete anos, a uma conhecida. Ao recebê-la, a mulher perguntou o que a garotinha gostava de comer. Anotou tudo num papel. Mal a mãe virou as costas, no entanto, a fulana amassou a lista e, como uma vilã de folhetim, decretou: “A partir de hoje, você não vai mais nem sentir o cheiro dessas comidas!”.

Vanda trabalhou lá até os quinze anos, quando recebeu a carta de uma prima com uma nota de cem cruzeiros, saiu de casa com a roupa do corpo e fugiu num ônibus para São Paulo.

Todas as vezes que eu e minha irmã a importunávamos com nossas demandas de criança mimada, ela nos contava histórias da infância de gata-borracheira, fazia-nos apertar seu nariz quebrado por uma das filhas da “patroa” com um rolo de amassar pão e nos expulsava da cozinha: “Sai pra lá, peste, e me deixa acabar essa janta”.

PRATA, A. *Nu de botas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013 (adaptado).

Soma-se a isso o caso do *Podcast A mulher da casa abandonada*, da Folha de São Paulo. Chico Felitti, jornalista produtor do *Podcast*, afirma que é um retrato do Brasil. Uma moça foi levada para os Estados Unidos por Margarida Bonetti, filha de milionários paulistas, e passou mais de 20 anos em trabalho escravo. Depois do referido *podcast*, “A mulher da Casa abandonada”, lançado em dezembro de 2021, “Denúncias de trabalho escravo doméstico multiplicaram”, afirma o Jornal A folha de São Paulo.

Para entender como as autoridades lidam com esse problema, lançamos mão de conceituação, suas interpretações e institutos envolvidos em cerceá-lo entre os limites dos inúmeros territórios. E já que se trata especialmente de casos internacionais, então leiamos o seguinte:

[...] o problema não se restringe à pluralidade de definições, mas também abarca o impasse trazido pela "abertura" dos significados, que possibilita a existência de uma diversidade de interpretações. Esse é o caso do Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças - Protocolo de Palermo -, que cuida de definir o tráfico de seres humanos. Sua definição conta com ampla adesão, sendo, inclusive, aceita pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Ademais, mesmo os países que adotam o Protocolo não se encontram plenamente vinculados a seu texto, podendo promover adequações que entendam necessárias.

Estas imagens dão conta do processo e circunstâncias nos quais acontecem o tráfico:



Como forma de combate ao tráfico, países europeus elaboram formas e legislações com intenções parecidas, mas, dentre eles, dois se destacam por se utilizarem de artifícios de expulsão e controle de migração em seus territórios. Referimo-nos a Portugal e Espanha que, donos de uma política

de combate ao tráfico de humanos, têm um comportamento criticado na própria comunidade europeia, por quanto tratam mais de criminalizar a imigração que combater o tráfico de humanos, melhor dizendo, mais de “humanas”. Segundo estudos realizados em mais de dez países, o autor destaca os dois países supracitados, haja vista a nota seguinte, nos estudos da Doutora em Criminologia pela Universidade de Gante/Bélgica. Niterói, RJ, Brasil, Julie Lima de Péres,

A Espanha por muitos anos pareceu relutar a adaptar suas leis aos standards internacionais estabelecidos pelas Nações Unidas, pelo Conselho da Europa e pela União Europeia, temendo, talvez, que estes a impedissem de manipular a sua estrutura antitráfico para melhor servir aos seus objetivos. Sua legislação só passou a reconhecer todos os tipos de tráfico após o país ter sido condenado pelo Tribunal de Justiça da União Europeia (Caso C-266/08) pela não transposição da Diretiva de 2004 sobre a residência de vítimas de tráfico²³. Mesmo após essa mudança a Espanha continua lidando quase que exclusivamente com tráfico para a exploração sexual.

No caso de Portugal temos, entre outras afirmações, a seguinte notícia da mesma autora:

Ao contrário do que ocorre na Espanha, em Portugal tais operações não partem da premissa que todas as mulheres (estrangeiras) exercendo a prostituição são (potenciais) vítimas de tráfico. Ao contrário, há um reconhecimento de que essas mulheres (muitas delas brasileiras) são em sua grande maioria trabalhadoras independentes e que entre elas há um número comparativamente pequeno de vítimas. No entanto, a posição antiprostituição (e antiprostitutas)

que existe em Portugal, aliada à percepção negativa sobre mulheres brasileiras criou uma impressão prevalente, ainda que não universal, de que essas trabalhadoras sexuais “autônomas” vão até Portugal para “ganhar dinheiro fácil” à custa da integridade moral e econômica das famílias portuguesas.

Como respostas ao drama das vulnerabilidades, todos na sociedade atual podem dar sua parcela de contribuição anti-tráfico das mais diversas formas, por meio de denúncias de informação às pessoas vulneráveis, ou fornecendo orientação.

E, voltando a obra em análise, temos em Açucena a transformação da menina em mulher e da mulher em heroína que vinga a morte de seu filho e do marido. Ainda na casa de Mário Afonso, o destino a empurrara para transformar-se em profissional do sexo.

[...] A marafona de beira de estrada, alguns espancam, outros zombam. Há os que propõem união, já viu um vaqueiro ainda sem barba tornar-se homem em seu corpo. Passam, todos eles, são iguais. Animais que precisam da mulher como feijão no prato, ela os alimenta, mata a fome e recebe o dinheiro.
Léguas da Promissão, página 94.

[...] A casa incendiada, os urubus denunciariam os defuntos, nos vinháticos, a gente de Itajuípe falaria daquela luta com guerra de amor. Açucena seria dele enquanto a vida durasse, iriam para a s funduras do território, homem mais homem com a mulher. As estrelas chegaram – eles viram – as estrelas do sul da Bahia. Deitaram-se -se na terra abraçados, para o sono.

Léguas da Promissão, página 110.

O insondável destino dos homens e mulheres traficados para trabalho braçal ou de sexo é um caminho tortuoso de longa espera e do qual, talvez, nunca haja uma identificação.

REFERÊNCIAS

FILHO. Adonias. ***Léguas da Promissão***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1970.

PÉREZ, Julie de Lima. **Respostas ao tráfico no Norte Global: O caso de Espanha e Portugal**. REMHU: Revista interdisciplinar da mobilidade Humana. 15/11/2022. <https://www.scielo.br/j/remhu/a/JyNxBCvGJY6nWhQthj-c4pMd/?lang=pt#>

TRÁFICO de seres humanos e trabalho forçado: uma abordagem crítica ao fluxo de informações utilizado pela Organização Internacional do Trabalho. <https://br.usembassy.gov/pt/relatorio-sobre-o-trafico-de-pessoas-2022-brasil/https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/trafico-de-pessoas>.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. **Tráfico de pessoas: uma história do conceito**. 15/11/2022

Romances marcantes nas letras brasileiras

Cyro de Mattos*

Beira Rio, Beira Vida

Quando Assis Brasil estreou no romance com *Beira rio, beira vida* (1965), já era conhecido nos meios literários do Rio como crítico atuante de jornais e revistas importantes, além de ser visto como conceituado ensaísta do livro *Faulkner e a nova técnica do romance*. Editava o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB), do qual era colaborador assíduo com ensaios e artigos, no período compreendido entre 1956 a 1961. A atuação constante do ensaísta e crítico fizera com que durante largo tempo o escritor esquecesse a experiência existencial ligada às raízes na terra natal, importantes vivências que poderiam ser transformadas em ficção de alto nível.

Beira rio, beira vida rendeu-lhe o Prêmio Nacional WAL-MAP, o maior e mais prestigiado na época. Seu autor informava, em depoimento à imprensa, que nesse romance vigoroso deflagrava o processo estético da tetralogia piauiense, constituída a seguir com os livros *A filha de meio quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão*. Ficava visível na escrita contundente que

* Cyro de Mattos é autor de 65 livros pessoais, de diversos gêneros. Premiado no Brasil, Portugal, Itália, Cuba e México, em concursos de relevante expressão. Traduzido e publicado nos Estados Unidos, Itália, França, Espanha, Alemanha, Dinamarca e Rússia. Membro da Academia de Letras da Bahia e Pen Clube do Brasil. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ocupa a cadeira 5 da Academia de Letras de Itabuna, patrono Jorge Amado.

a tetralogia formava um dos mais vastos painéis de denúncia social do Brasil arcaico encravado no Piauí. Revelava um narrador seguro, que se apresentava com um projeto dotado de técnica inovadora, de rico conteúdo na denúncia social equilibrada, sem que fosse nas linhas traçadas da realidade impiedosa um autor panfletário, favorecendo o ideológico em prejuízo do estético.

Assis Brasil dedicou-se durante dez anos ao projeto da tetralogia, comprometido em projetar o que viveu na problemática social da terra natal em matéria ficcional, dotada de feição humanista com engajamento implícito na solidariedade social, tendo como vínculo de gravidade a dura existência de mulheres largadas ao azar, estagnadas na vida áspera sob o peso da vida. Criaturas que eram procuradas no cais do Parnaíba para suprir na cama carências dos marujos de água doce. Mulheres infelizes, fundadoras de uma dinastia em que o destino não dava trégua ao círculo inevitável de infelicidade, que lhes impingia o gosto da tristeza nos dias.

Com um ritmo veloz, centrado no drama, livre da sequência cronológica linear e da onisciência narrativa do romance convencional, em que o autor é o que sabe tudo sobre os personagens, imprimindo sua impressão digital na escrita como um controlador exclusivo do plano previsível do que deve acontecer no desenvolvimento do enredo, *Beira rio, beira vida* mostrava-se como resultado de uma imaginação audaciosa, técnica inovadora bem-sucedida, texto contemporâneo contrário aos tipos estereotipados na forma de narrar da ficção brasileira.

De curtos trechos, diálogos cerrados, convincentes espaços, usando silêncios imprescindíveis, ligeireza nos trechos. A narrativa de textura nervosa informava o necessário do que pretendia expressar na ideia tecida de sentimentos dolorosos, pensamentos com um ritmo nada agradável suscitando

uma realidade dura, na teia armada de situações críticas. Com peculiaridades instigantes na forma romanesca de narrar, contemporâneos modos de apreender a lembrança tornada cena no detalhe, surgia esse romance arguto na denúncia social com uma estrutura plural tanto no significado como no significante. Vinha estruturado no texto coeso com felizes soluções, surpreendentes efeitos no movimento, que se aglutinavam na desenvoltura da trama impregnada de sofrimento. Impressionantes lances do enredo preenchiam-se de ideias nítidas, apropriada cadência fragmentada na entonação ausente de ternura, na rude verdade dos enleios e anseios, que assinalavam desabafos, choros e gritos.

De vozes solitárias ecoava o gesto perverso nas rações diárias, simbolizadas pela vida impotente diante da realidade cruel, sem brilho, fomentada na sina lastimável de mulheres que viviam no cais envelhecendo, no tempo igual, sem cura, onde tudo acontecia com o sofrimento. A intensidade conferida com clareza por cada recorte da existência lembra Calvino na proposta do milênio. Leveza e concisão na linguagem de fácil acesso, rapidez e precisão como ingredientes eficazes para o desdobramento do enredo.

Assis Brasil denuncia em *Beira rio beira vida* o drama de mulheres marginalizadas, suas relações agudas com a paisagem humana e física do rio, descendo na água barrenta, nas travessias com as canoas, as balsas, os navios-gaiolas, o delém, delém das sinetas; no deslize rotineiro das embarcações as cargas de arroz e algodão, transporte de gente simples, marinheiros que sempre vinham jantar com a mesma farda vistosa, branca, de botões dourados, o inseparável dolmã, o quepe azul, o talabarte brilhante.

Romance que toca com sensibilidade apurada nas feridas sociais, faz emergir as verdades com sensações de um tempo invariável onde habitam criaturas que sentem bater o coração em dó e tristeza. Conta o drama de mulheres, que,

de mãe à filha, ocupam um destino estipulado pelo rio da vida, sem perspectiva de fuga, desprotegidas na rotina sofrida.

Vergonha, humilhação, por quanto tempo? Os mesmos atos, palavras – uma submissão completa. Assim, assim, nada mudava, todos sabiam e aceitavam, a vida era aquela, botar os passos no rumo e pronto. Eles nasceram na cidade para dar esmolas, elas nasceram no cais para receber. (página 65, ano 1965).

Cremilda, Luiza, tempo de solidão, cenas caracterizadas na saga do destino marcado na dura profissão de humildes prostitutas do cais, mal a noite caía. E Mundo-ca, que não se interessava por homens, não esperaria em vão com a barriga cheia. Havia pegado o vício de fumar o cachimbo desde cedo. E Jessé e Nuno, personagens absorvidas pelos lances aventureiros da vida, que também compartilham dessa saga atravessada com tristeza e revolta pela imaginação audaciosa e técnica que renova a estrutura da narrativa brasileira.

Entra no conjunto das personagens desse romance de província uma protagonista passiva, que não fala, não ouve, vestida de pano feito com retalhos coloridos. A boneca Ceci recebe tratamento cuidadoso de Luíza, porque sabe como ela consola quando se busca apoio para sublimar lembranças de coisas amargas, remoídas com sentimentos que po-rejam nas pulsações de feridas abertas.

Assis Brasil serve da personagem Luíza para montar a história das prostitutas no cais do Parnaíba e ela própria, como figura central do drama, cria os outros personagens, fazendo com isso que a nervura da trama ganhe em autonomia e intensidade dramática. A mãe contava uma história quando estava bêbada. Ela ouviu da avó, se referindo a outra pessoa. Era a mais bonita mulher do cais, tinha casa própria,

muitos vestidos e admiradores tantos. Um dia um moço da cidade, de família rica e conhecida, se apaixonou por ela, causando grande escândalo. De tanto repetir a história, terminou por ficar entendendo tudo. Um marinheiro amigado com a mulher matou o pobre rapaz. Diziam que o pai mandou matar o próprio filho e botar a culpa na mulher, que foi presa. Na cadeia, toda noite, quando a cidade dormia, gritava e chorava alto. Um dia descobriram que a mulher estava de barriga, passando os meses atormentada na cela. Gritava e chorava, maldizendo a filha que estava para ser parida, para que a cidade toda ouvisse o sofrimento e não dormisse. Do marinheiro assassino nunca se soube.

Nuno fora o primeiro e verdadeiro amor de Luíza, do encontro dos dois no camarote do navio-gaiola, quando ela era jovem, nascera Mundoca. Ele fora o primeiro a lhe pagar. A cédula de vinte mil réis era um presente para ela comprar o que mais quisesse, embora o que mais quisesse era que ele ficasse uma porção de tempo ou quando voltasse que fosse para sempre. Guardara o dinheiro sem jeito, não querendo que ele notasse sua tristeza. Guardara como um presente. Viriam outras cédulas, de outros homens, acompanhados com as sombras de Nuno. O tempo passava, ia conhecendo outros marinheiros, os retratos deles afixados na parede, como fizeram a bisavó, a avó, a mãe.

Em todos os traços, de um homem que gostava da aventura na vida, ela amara Nuno como nenhum outro. Os cabelos crespos, o rosto rústico de marinheiro, a pele tostada, a barba entranhada na pele, dando coloração azul no queixo. A boca diferente dos beijos de Jessé - firme, altiva nos dentes enfileirados, certos, alvos. Jessé sempre lhe pareceu com uma boca de velho, beijo caído, uns cacos estragados nas gengivas à mostra - a dentadura nova o fizera bicudo, cuspidando as palavras com uma feição grotesca e modo esquisito de dizer a vida.

Olhava um, que era Nuno, afogada na ilusão, e via o outro, Jessé, o amigo de brincadeiras na infância como livre expressão de inocência pura. Crescera ao seu lado como guia e protetor, nutrindo por ela com o tempo o sentimento do amor. Era correspondido com os risos de afeição, relações de uma amizade boa feita nas corridas pelo mato para saber quem chegava primeiro. Encontros com os passos despreocupados aconteciam pela rua quieta do cais, debaixo do sol que aquece, no sopro do vento que ameniza.

Mundoca era uma figura estranha, não tinha interesse por marinheiros, jamais conhecera Nuno, jamais esperaria de barriga grande, seguindo a sina de sofrer aquele sofrimento terno, “aquela saudade boa, o choro de uma infelicidade doce.” Perguntava à mãe quem era o pai, perguntava, perguntava, até que um dia soube dela a verdade num desabafo misturado de dor e lembrança. Ouviu que era o Nuno, ficando surpresa na revelação súbita, frustrada por saber que não justificava a ausência paterna durante tanto tempo. Ele nunca voltou para Luíza, depois de anos que vivera com o coração pulsando na ilusão da espera.

E Mundoca, numa mistura de perversidade e tristeza, quando enterraram a velha, disse:

- Quantos não passaram por cima dessa pobre.

A acusação ressoava grave, como anotação desconfortável dirigida à mãe, à avó, à bisavó, a toda família que se reproduziu no ciclo da prostituição, nas submissões diárias da derrota, das amargas procedentes das aspirações sociais que não vingavam, o coito exasperado no armazém através daqueles homens conhecidos, com gestos conhecidos que sumiam uma vez consumados. Era tudo agora lembrado como notas do argumento solitário, desgastante ali mesmo na beira do cais. Na saga que perfurava com choros e gritos, o tempo era indiferente, não dava descanso aos cortes da dor. Os meses passavam em dó nas vidas vendidas para o dinheiro,

envelhecendo sem cura, sem volta no tempo que tudo sabe, lambe o sal e escorre sua neutralidade perene na paisagem subvertida dos dias saudáveis, estes que confortam nessa hora leve do sono desfrutado pelos justos.

Assim se externa numa dinâmica que aflige o romance *Beira rio, beira vida*, sem forçar as notas. Tem sua ordem formal contemporânea, personalidade gritante que transcende da vida nada fácil de mulheres humildes, amassadas nas dobras opressivas do tempo, que não muda, pois na temperança do feio e belo ao mesmo tempo dá permanência a uma criação artística realizada com sobras no acerto. Procede da palavra insuspeita no texto intocável porque operado com habilidade e talento. De tanto saber o lado ruim da canção, da vida que ventava entre pobres mulheres com os sopros do não.

REFERÊNCIA

*ASSIS **Brasil. Beira rio, beira vida.** Romance, Grande Prêmio Walmap, edição O Cruzeiro, Rio:1965.

Maria de cada porto

O ficcionista Moacir C. Lopes faz sua estreia literária com *Maria de Cada Porto* (1959), romance que chamou a atenção da crítica por revelar um autor de fôlego no gênero, seguro na arte moderna de narrar uma história com tema original, protagonizada por uma gente simples, marinheiros nas suas aventuras constantes, entre o alegre e o triste dos mares ou quando pisam em terra. O livro rendeu ao autor o Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras e o Fábio Prado da União Brasileira de Escritores.

Com os elementos do romance moderno bem estruturados, Moacir C. Lopes fazia sua estreia por cima, despontando na novelística brasileira como autor que sabia dosar o realismo através de diálogos crus com a poesia dos que se apresentavam na vida com simplicidade. A imaginação e a sensibilidade do autor-personagem conduziam a história com observações e alusões marcadas com os valores simbolizados pela mulher e o amor. No texto intenso, fragmentado no tempo em que acontecem as histórias, cruzavam-se os momentos tradicionais da vida e da morte.

O romance conta a história do naufrágio com o navio *Bahia* nos mares do Recife, das solidões e aflições que doze marinheiros passam em uma balsa. Sentimentos e pensamentos ressoam de vozes alegres quando estavam em terra, distantes das agruras de uma situação perigosa no presente, que cada vez mais piorava na agonia das horas. Deixava a razão em companhia do medo enquanto indiferente à sorte de homens o vasto mar jogava e deitava sombras, o vento salpicava de dores momentos largados à sorte. Os marinheiros deploravam a viagem do *Bahia*, cruzador da Marinha de Guerra, em comboio, já que a Segunda Guerra Mundial havia terminado.

E a solidão segue minando a esperança dos que procuravam reunir forças para se apegar à vida, a balsa atrelada a outras balsas sendo levada pela corrente, às vezes escutavam-se gritos no meio da vastidão das águas, aos naufragos só trazendo a certeza de que a prisão deles era maior do que uma cela, pois “o céu fechando o mar é pior que grades”. Quatorze pessoas ao todo. A primeira morte abalou o ânimo do pessoal. Procópio dormiu sentado, os braços abertos e apoiados, com um jogo de balsa seu corpo tombou sobre o de Rubens machucando as feridas.

Em certo trecho deparamos com os naufragos no lugar onde a esperança vai se esvaindo no embate desigual com o inexorável.

Nunca vira a morte tão de perto e tão ameaçadora, tão familiar, porque intimamente a esperávamos. Se pudéssemos correr nos afastando dela. Eu parecia ver na escuridão uma figura descarnada, sentada à borda da balsa, nos apontando (pág. 57).

Delmiro e Nina, Rubens e Dolores, Dílson e Carmelita são alguns dos personagens nessas aventuras de paixão que acontecem em *Maria de Cada Porto*, enredados na vida marinheira que escolheram, nos enleios do amor marcado de sonho, cenas tristes, dramas com gosto de sal e vento. As combatentes de retaguarda eram essas Marias, “as mulheres que aqueciam o leito todas as noites para receber corpos cansados na labuta da guerra” (pág.144).

Arigó, Já Morreu, Gonzaga, Divisor-Comum, Deixa-que-eu-atiro e outros marujos do *Bahia* têm o andar bamboleante, como o mar que tem comichão, não para de mexer. Despertam sem querer amor tão grande, que é uma parede de maresia no coração de qualquer um, já que “a maresia é, para marinheiro, um cheiro bom de mar, um beijo de respingos de água que o vento levanta das águas e espalha no corpo da gente...” (pág. 145).

Como Herman Melville e Joseph Conrad com seus dramas do mar, Moacyr C. Lopes aproveita a experiência que adquiriu de sua vida no mar, de suas navegações como marinheiro, em cada navio que era para ele o seu próprio interior, para transformá-la em matéria verbal com estofado de arte literária. Torna-se exímio e dinâmico narrador da vida de uma gente com saca e maca, em cada viagem que faz pelo mar cheio de mistérios, lendas, medos, que sempre atraiu os seres humanos para aventuras indescritíveis, encadeadas de ousadia e coragem ante o desconhecido, desde tempos imemoriais.

De sexo feminino no cruzador Bahia só mesmo a ca-de-la Cubana, que encontraram vagando pelas ruas e beira do cais e trouxeram para bordo para alegrar os dias com a sua vivacidade. Ia conhecer com os marujos *Port of Spain*, baixaria em terra e faria suas aventuras às escondidas, Divisor-Comum se incumbira de arranjar um cão simpático para lhe fazer companhia.

Nos cinco dias de naufrágio, para sustentar a esperança esvaindo-se em mente e alma de homens sedentos e famintos, com feridas abertas pelo sol quente no corpo que tremia, sem forças, abatidos com as visões da morte levando-os para as funduras do mar, Moacir C. Lopes usa a técnica do contraponto para recordar passagens e aventuras antes que chegassem a viver a experiência desoladora da morte, cercando e amassando para qualquer lado que se vá.

Vale lembrar que, publicado há 71 anos, *O Velho e o Mar*, romance, de Ernest Hemingway, tornou-se em pouco tempo sucesso de público e crítica, trazendo de volta à cena literária um dos mais notáveis contadores de histórias nas letras americanas. Depois de escrever obras primas como *O Sol Também se Levanta* e *Por Quem os Sinos Dobram*, Ernest Hemingway estava calado há anos, dando a entender que a sua carreira de romancista estava encerrada. Redimia-se agora ao publicar um pequeno grande romance.

Em *O Velho e o Mar*, o autor de *As Neves do Kilimanjaro* deslocava sua imaginação das zonas de África para os mares de Cuba, ao contar agora a história de Santiago, um velho pescador, de 72 anos, que depois de passar 82 dias no mar, sem pescar nada, consegue enfim pegar um peixe marlim de 700 quilos. Depois de muita luta, esforço extremo, conviver com dores e desânimo, ultrapassa os percalços e vence o peixe enorme. Consegue amarrá-lo com dificuldades à embarcação. Seu retorno à terra é cercado

de apreensões e dúvidas por temer que o marlim pescado pudesse ser comida por peixes predadores. O resultado final é quando se dá conta que chega ao porto transportando uma carcaça de um peixe gigantesco.

Usuário de uma prosa descarnada, a serviço de uma dinâmica narrativa precisa na exposição do drama, Ernest Hemingway declarou que não quis fazer alegoria de nada quando escreveu *O Velho e o Mar*, a história de Santiago, apenas quis contar a história do velho pescador pensando em ser um bom relato, que desse prazer ao leitor quando a conhecesse. Não importa o que disse sobre o sentido da história narrada em *O Velho e o Mar*, a obra literária costuma passar à frente das intenções do autor, pois assim é a arte da palavra com o seu simbolismo. O conteúdo da obra presta-se às interpretações plurissignificativas, transcende seres e coisas, indo além do pensamento de quem a elabora; como portadora de significados que pulsam por veios inalcançáveis, permanece além do tempo cognitivo do autor através de seus segredos e mágicas. *O Velho e o Mar*, obra prima da ficção no século XX, foi considerado como uma alegoria centrada na solidão do homem diante das coisas impossíveis de serem alcançadas, tanto é a sua pequenez, já que se acha perdido na imensidão da natureza, representada pelo macro.

Com uma estilística precisa, veemência na narrativa para desenvolver o drama, veraz nos diálogos, Moacir C. Lopes, ao elaborar os pontos nevrálgicos de *Maria de Cada Porto* usa como pretexto o conhecimento de perto da vida dos marinheiros com as suas aventuras em terra e afazeres cotidianos no navio, onde se aprende de tudo: “lavar, costurar, cozinhar, fazer continências, varrer, bater ferrugem, amar, dizer pornografias” e até mesmo, “na falta do que fazer, pega-se uma vassoura pelo convés, arrastando-a o dia inteiro para o sargento não vê que se está parado” (231).

Para o marinheiro, a proa do navio é o começo do mundo, de onde se vê a linha do horizonte, lugar que você se aproxima, mas nunca consegue chegar perto. “Marinheiro é como pedaço de vento, porto atrás de porto, uma morena, outra loura, uma vesga, outra pálida, uma igreja ou cabaré”. E cada um, no seu amor de perdição pelo mar, conta o seu tanto, sabe “como é bonito um navio cortando as águas de uma madrugada.” Assim considera que “Vênus nasceu das espumas do mar; as espumas são branquinhas, volúveis, como os lábios de uma namorada” (pág. 232). Chega-se à conclusão de que no fundo de tudo marinheiro não passa de um viajor.

O mar, misterioso mar, lá estava antes de aparecer o primeiro. Mar alto com o propósito de proteger a passagem de aviões no tempo de guerra, que pretende desmorrar o mundo, mas que não aparecem para prestar o socorro nas horas funéreas entre de sombras e abismos, perigo e desolação, para afastar a ideia da morte que se apodera dos que restam de dez ou doze balsas espalhadas, talvez cinquenta ou sessenta criaturas, tantas foram engolidas pelas águas. Chama-se por Deus, que injustiça! até quando o sofrimento? Mais um cadáver do companheiro largado no sepulcro líquido, onde enormemente cavernume impede que se faça algo para remover o inexorável.

Nas mãos trêmulas, os objetos dos falecidos embrulhados, a noite é silêncio, o mar é silêncio, o rosto magro é silêncio. A tremedeira cresce, mudos mugidos chupam a salsugem do que resta deles aos frangalhos, já não há alguma lembrança do que se foi antes. O relógio do falecido nas mãos é como um brinquedo. De quem teria sido? Brinquedos, o mar faz agora de suas vidas. Um está sentindo a dor do outro. Lambem-se as feridas, bebe-se o sangue, morresse bebendo água salgada para enganar a sede. O abraço é sinal de que a hora é chegada, certeza e desalento de que vai se separar.

Os sobreviventes renascem nas ambulâncias lotadas, na algazarra entre os que procuram os parentes. Choro, desespero, gritos. Apesar dos azares, o mundo continua bonito para quem vive. O homem é como o elo fundamental para que a vida tenha sentido. Vê-se então que há outra linguagem nesse romance do cearense Moacir C. Lopes: poética, subjacente no texto construído com beleza e sofrimento, que o marinheiro sente e não sabe expressar. De certeza fica essa coisa tatuada na pele com cada Maria, entre o sim e o não. A humanidade que persiste, na terra que se avista, no mar que traiçoeiro arrebatava, nas velas em que verás ventar canção sob o peso do enigma.

Em *Maria de Cada Porto*, o cearense Moacir Lopes trata enfim da experiência da derrota, mas onde há sobreviventes, como nesse naufrágio de gemidos e tremores, os seres humanos não se sentem vencidos. Deus existe com suas criaturas, até a gota derradeira de sangue. Parece loucura, mas tudo passa a ter sentido.

REFERÊNCIA

Lopes, Moacyr. **Maria de Cada Porto**. Romance. Editora Cátedra, terceira edição, Rio de Janeiro:1970.

Rui Barbosa e a educação

Raimunda Alves Moreira de Assis*

“Quem não luta pelos seus direitos
não é digno deles.”

(Rui Barbosa)

Fui convidada pela colega, Profa. Janete Roriz Macedo, para proferir uma palestra no Centro Cultural Teosópolis (CCT) em comemoração à Semana Nacional dos Museus, evento que acontece anualmente, no dia 18 de maio em todos os países, com a finalidade de promover e divulgar os museus como veículo de cultura. Este ano, no Brasil, buscou-se prestar uma homenagem especial ao grande intelectual brasileiro, Rui Barbosa, pelos 100 anos de sua morte. O tema central das comemorações foi ***Cem anos sem Rui Barbosa.***

A programação das comemorações da Semana dos Museus no Município de Itabuna iniciou-se no dia 15 de maio, numa segunda-feira. O trabalho foi coordenado pelo Centro Cultural Teosópolis, sob a direção da Prof.^a Dra. Janete R. Macedo, com a participação dos estudantes de graduação

* Doutora pela Universidade Federal Fluminense Niterói/RJ. Docente aposentada da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Vinculada ao Departamento de Ciências da Educação (DCIE). Com produções acadêmicas no campo das Políticas Públicas de Educação e História da Educação de Itabuna. Membro da Academia de Letras de Itabuna (ALITA) desde 2011, ocupando a cadeira 18, cujo Patrono é Anísio Teixeira.

do Curso de História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e o apoio especial da Academia de Letras de Itabuna (ALITA).

A abertura do evento foi marcada por uma conferência proferida por mim, a respeito da importância do papel de Rui Barbosa para com a educação no Brasil. Essa tarefa me impulsionou a retomar leituras realizadas, enquanto professora da Educação Básica, docente do ensino superior e pesquisadora da área de História da Educação na UESC. Em seguida, foi apresentada e aberta ao público a exposição temporária a respeito da vida e do legado político-cultural de Rui, em favor da democracia brasileira. A exposição tinha como público alvo os professores e os estudantes do ensino fundamental e médio da região do cacau. E ficaria aberta à visitação pública até o dia 21 de julho do corrente ano.

O tema proposto para a palestra foi *“Rui Barbosa e a Educação”*. Confesso que precisei de muito ânimo para realizar a tarefa, considerando-se que o tema em foco foi pouco estudado pelos historiadores da educação. Ou seja, a literatura educacional brasileira tem poucas produções a respeito da educação no período imperial, fato que dificultava a construção de um texto robusto para a apresentação. Além do mais, a historiografia do período imperial não destaca Rui Barbosa como formulador de políticas para a educação ou o aponta como referência para o campo educacional. O seu protagonismo ficou limitado à elaboração de extensos Pareceres, objeto de reformulação da educação, a partir do decreto de Leôncio de Carvalho (1879). Desse modo, atribui-se a Rui um papel pontual no campo educacional, diferentemente do que ocorreu no ambiente jurídico. Os biógrafos o apontam como um dos grandes juristas da época. Ressaltam os seus feitos na esfera política, com importantes análises sobre os tratados na área legal ou como advogado, legislador, diplomata, orador, jornalista, abolicionista e tantos outros papéis exercidos.

Considerando estes aspectos, procurei direcionar a palestra a partir da sua singularidade como importante intelectual e ator político da sociedade brasileira na época. As informações que serão apresentadas, neste texto, são frutos da leitura e análise dos seus pareceres sobre a situação do ensino primário, secundário e superior no Brasil e que, agora, passarei a compartilhar com todos e todas que se dispuserem a fazer leitura deste texto.

1. Rui Barbosa e a defesa da educação nacional

Ainda que Rui Barbosa não tivesse a educação como o seu principal campo de luta, ele foi uma das figuras públicas mais importantes na defesa do ensino público. Podemos constatar o seu conhecimento e compromisso a respeito do tema, a partir da sua participação na elaboração da primeira Constituição Republicana de 1891 e na formulação de seus pareceres sobre a Reforma Leôncio de Carvalho, de 1879, nos quais destaca as mazelas do ensino primário, secundário e superior no Brasil, atuando como relator da Comissão de Educação da época.

Para o intelectual baiano, não haveria desenvolvimento sem investimentos na educação. E, por serem consideradas como um processo de longo prazo, as reformas educacionais deveriam ser iniciadas imediatamente para acelerar o processo de desenvolvimento social no país. Para Rui Barbosa, as transformações esperadas na expansão das atividades econômicas, na crise da escravidão e transição do Regime Imperial para a República só seriam possíveis com investimentos na educação. Ele defendia que a escola pública era a instituição adequada para preparar o homem para solucionar os conflitos sociais, o desenvolvimento econômico e a formação do cidadão livre.

A defesa da educação pública feita por Rui Barbosa foi fundamentada em teóricos clássicos da época. As suas leituras seguiam na direção do liberalismo político de John Locke, de Montesquieu e no próprio Liberalismo econômico de Adam Smith. Fundamentos esses que alavancaram a Revolução Industrial e Francesa do final do século XIX, influenciando os demais países a implantarem o modelo da escola moderna, a qual propunha a formação de um novo indivíduo adaptado à ordem industrial e capitalista. Desse modo, entende-se que Rui comungava dos princípios do liberalismo e apontava que a via para a modernização do país era a educação. Foi considerado pelos seus biógrafos como um liberal oligárquico.

2. O cenário educacional do Império

Para deixar o estudo mais didático é importante informar que ao longo do período Imperial (1822-1889), o ensino primário era restrito: somente os homens brancos e livres poderiam frequentar a escola. E, não poderia ser diferente se compreendermos que a base da economia brasileira era agrário-exportadora e o trabalho braçal era realizado pela mão de obra escravizada, a qual dispensava conhecimentos especiais. Mediante essa situação, as escolas eram poucas e sem sistematização. A primeira tentativa de organização foi concretizada pelo **Ato Adicional de 1834**. As orientações recomendavam que cada província instituisse o seu próprio sistema de ensino; contudo, deveria obedecer a proibição de escravos frequentarem a escola.

Com o passar dos anos constata-se que a medida implantada não funcionou e que o quadro educacional continuava deficitário. Ou seja, permanecia a desorganização do ensino e se mantinham os altos índices de analfabetismo. Vários fatores foram atribuídos a esta realidade, principalmente:

a matrícula reduzida, escassez de escolas, falta de professores, dificuldades econômicas das províncias, além da falta de interesse dos governantes para com a educação e o desenvolvimento do país. O governo na tentativa de conter o atraso educacional do país implantou outra reforma, a **Reforma Couto Ferraz**, em 1854, a qual estabeleceu a obrigatoriedade do ensino primário em todo o país. Contudo, ainda, conservava a proibição de acesso de escravos à escola. Esse fato expressava muito da mentalidade aristocrática da época presente em uma sociedade sustentada pela mão de obra de pessoas escravizadas.

Com esta realidade educacional estampada, os intelectuais da época percebiam o quanto era necessário priorizar o ensino para que os obstáculos ao desenvolvimento econômico e social do país fossem superados. Eles defendiam a urgência de formar o cidadão para o trabalho, pois era um momento em que a escravidão entrava em declínio definitivo. Nessa fase, o grupo dos liberais tinha a clareza que o analfabetismo no país era uma questão nacional, um problema a ser tratado com prioridade e a devida responsabilidade pelo Estado.

Na época, a presidência do Gabinete Liberal era liderada pelo Visconde de Sinimbu. Ao seu lado, tinha-se o advogado, deputado e professor Carlos Leôncio de Carvalho, também membro do gabinete Liberal. Ele ocupava a pasta de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império e tinha a responsabilidade de realizar uma nova reforma do ensino na perspectiva de civilizar os indivíduos como meio para o desenvolvimento do país. A proposição educacional foi feita através de um Decreto de nº 7.247, que determinou novos rumos para o ensino primário e secundário nos municípios da Corte e superior em todo o país, promulgando uma nova legislação denominada de Lei Leôncio de Carvalho, em 19 de abril de 1879 (Venâncio Filho, 2007).

O Decreto de cunho liberal autorizava o governo a criar ou auxiliar, nas províncias, cursos para o ensino primário e permitia que os escravos frequentassem as escolas. Buscava também estimular a alfabetização dos adultos, exigindo a leitura e escrita, para obtenção de empregos, além da exigência que se soubesse ler e escrever para o exercício do voto. Instituiu, ainda, a liberdade de ensino e a liberdade de frequência nas escolas. Tais medidas foram consideradas revolucionárias e causaram muitas polêmicas, recebendo críticas, especialmente, por permitir a matrícula de estudantes escravos e facilitar o crescimento das escolas particulares. Em outras palavras, as ideias propostas foram apreendidas como “excessivamente” liberais. Diante de tantas críticas, Leôncio de Carvalho, viu-se obrigado a se demitir da pasta.

3. Rui Barbosa: os pareceres para a educação

Os pareceres para a educação redigidos por Rui Barbosa representavam uma proposta educacional para substituir o Decreto de Leôncio de Carvalho, de junho de 1881. A Câmara da Instrução Pública resolveu criar uma Comissão para avaliar o referido decreto. Os deputados indicados para a Comissão foram: Thomaz do Bonfim Spínola e Ulisses Vianna e Rui Barbosa, designado como relator. Os pareceres ficaram conhecidos como **Pareceres de Rui Barbosa**, com Reforma para o Ensino Secundário e Superior (1882) e Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública (1883). Segundo Lourenço Filho, o decreto fora enviado ao Parlamento, não para discussão de toda a matéria, mas apenas para autorização das despesas acrescidas nos novos serviços que o decreto criara e o exame de alguns dispositivos, os quais exigiam o voto do parlamento. (LOURENÇO FILHO, 1956, p. 44-46).

Certamente, a comissão responsável em avaliar o parecer de Leôncio de Carvalho, não se dedicou somente às questões de aumento de despesas, ela seguiu direções mais amplas. Rui Barbosa procurou aprofundar os estudos, analisando diferentes documentos. Buscou apoio nas experiências educacionais promovidas em diferentes países como: Estados Unidos, França, Inglaterra, Áustria, entre outros. Após essas análises, concluiu que havia muitas lacunas no decreto. Afirmava que os ensinos secundários e superiores encontravam-se atrasados e não atendiam as necessidades de desenvolvimento para o país. Portanto, se fazia necessário uma nova lei para a educação no Brasil. Desse modo, Rui Barbosa, seguia a tese de que somente por meio da educação do povo seria possível construir uma sociedade melhor e as nações se desenvolverem. De acordo com essa perspectiva, ele propôs uma reforma educacional profunda, destacando **o papel do Estado** e a criação de um sistema nacional, que abarcasse dos anos iniciais do ensino até o superior (VALDEMARIN, 2000).

Para Rui Barbosa, o Estado deveria tomar para si a responsabilidade pela instrução popular com vistas à superação das condições de atraso a qual estava submetida. Daí reforçava a necessidade de tornar a educação **obrigatória por meio da legislação**. Há que se considerar que a obrigatoriedade da educação escolar já havia sido regulamentada desde 1854, com a Reforma Couto Ferraz. Contudo, ela não foi colocada em prática, justificada pelas razões já citadas. Mas nunca é demais repetir a falta de condições materiais do Brasil e a falta de compromisso político dos governantes para com a educação pública.

Outro aspecto importante destacado no parecer de Rui Barbosa foi a falta de **estrutura física das escolas**. Ele defendia ideia de que o Estado deveria ter a responsabilidade de construir escolas em quantidade suficiente,

para que todos os alunos em idade escolar fossem matriculados. Essa seria a única condição para torná-la obrigatória e acessível a todos. Enfim, sem a construção de novas escolas ficaria impossível o Brasil ingressar no patamar de desenvolvimento das nações consideradas civilizadas.

Entre tantos aspectos a destacar na educação, Rui Barbosa, apresenta **a defesa da separação entre o Estado e a Igreja**. Ele assume a posição de que o ensino deveria ser laico, uma vez que o Estado não precisaria estar vinculado a nenhuma orientação religiosa. Também, avaliou a **temática da liberdade de ensino**, colocando-se contrário à liberdade irrestrita defendida por Leôncio de Carvalho. Entendia que era papel do Estado zelar pela qualidade de ensino e se fosse necessário fazer a intervenção. Apontou, ainda, a necessidade de **criação de um Ministério da Instrução Pública** para tratar exclusivamente da educação pública no Brasil. Outro ponto de conflito foi à ideia da **liberdade de frequência**. Essa proposição, segundo Rui, não poderia ser aplicada em cursos nos quais eram necessários exercícios regulares.

Além das alterações propostas, Rui Barbosa, sugeriu mudanças no **método e programa escolar**, rejeitando as práticas tradicionais que os professores empregavam nas escolas. Criticava o ensino da maioria das escolas do país, baseado na memorização e repetição, inadequado às necessidades dos novos tempos. E, por outro lado, demonstrava o avanço do ensino da Corte e o modo como as crianças aprendiam, os livros utilizados e a forma como estudavam.

Afirmava, ainda, que para melhorar a **qualidade do ensino** seria necessária a introdução do ensino da ciência desde os primeiros anos de instrução até a universidade. Também destacou a importância do ensino de desenho. Para Rui, o desenho precedia a aprendizagem da escrita, o qual poderia ser utilizado em diversas situações na vida, principalmente,

para melhorar a qualidade do trabalho realizado pelo operário, que se tornaria mais hábil para promoção da expansão da indústria em nossas terras. Propunha, também, o ensino de música, canto e ginástica como instrumentos de preparação do indivíduo aos novos tempos e que poderiam ser ensinados e apreendidos pelo uso do método de **ensino intuitivo** ou lições de coisas que superariam os conteúdos tradicionais.

Ao analisar a **educação superior** foram apresentadas mudanças importantes, começando com a sugestão de implantação de novos cursos que pudessem atender as demandas do mercado de trabalho. Chamava a atenção dos deputados para a importância da discussão, expondo que o desenvolvimento nacional se encontrava diretamente associado à expansão das oportunidades escolares. Contudo, os seus apelos não sensibilizavam a classe política e os pareceres sequer chegaram a ser discutidos na Câmara dos 15 Deputados. Na época, os temas que agitavam o ânimo dos parlamentares, eram outros, principalmente, a abolição da escravidão, o desenvolvimento da economia e a organização do trabalho livre. Vê-se bem, que as contribuições de Rui Barbosa para com a educação, defendidas em seus pareceres não receberam a adesão necessária na época. Certamente, foram arquivadas, quiçá trancadas em alguma gaveta do poder legislativo.

4. Considerações finais

Rui Barbosa foi um grande intelectual que vivenciou as transformações ocorridas no período final da Monarquia (1822-1889) e início do Regime Republicano no Brasil. Tornou-se famoso como jurista, político, escritor e diplomata. Ao longo de sua vida, contribuiu significativamente para o desenvolvimento do país. No campo educacional, atuou desde a elaboração da primeira Constituição republicana do Brasil,

em 1891, propondo os fundamentos legais para a organização do sistema educacional no país.

Outro ponto importante do desempenho política de Rui Barbosa foram os seus pareceres no final do Império. Neles, eram debatidos a importância da escolarização do povo para a modernização do país e a indicação de construção de um sistema nacional de ensino. Rui afirmava que o Estado tinha o dever de ofertar educação para todos e assumir a tarefa de organizar um sistema escolar moderno, amparado nas ideias científicas que estavam em circulação nos países civilizados.

Como um bom liberal que era, defendeu nos seus pareceres, a necessidade de educação para todos os brasileiros. Além do que, apontava alguns dos principais deveres do Estado: a obrigatoriedade e gratuidade do ensino, a liberdade religiosa, a construção de prédios escolares. Para além dos aspectos citados, defendeu também, a reformulação nos métodos e programas de ensino com a finalidade de promover um ensino moderno. Enfim, almejava uma verdadeira revolução educacional como requisito necessário ao desenvolvimento.

Finalmente, é importante ressaltar que o legado político e cultural deixado por Rui Barbosa é imensurável. Ele foi uma das figuras públicas que muito se destacou na defesa do ensino público, embora muitos biógrafos, não o considerem como um ativista do campo educacional. Contudo, nos seus pareceres há uma defesa intransigente em favor da formação da cidadania, da universalização da educação e do combate ao analfabetismo, metas educacionais que ecoam como necessidades sociais a serem atingidas, ainda hoje.

Concluimos, afirmando que estudos sobre o papel de Rui Barbosa na educação merecem destaque e pesquisas mais aprofundadas. Na minha visão, ajuízo que os seus pareceres

lançaram os princípios gerais para a educação brasileira da época e, muitos deles, ainda não se concretizaram. Nessa direção, ressalto que o intelectual baiano, teve um papel inquestionável no assentamento das bases legais e estruturais para o desenvolvimento do nosso país, no início da Primeira República.

REFERÊNCIAS

LOURENÇO FILHO, M. B. **A pedagogia de Rui Barbosa**. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1956.

SILVA, Leandro de Almeida. **O discurso Modernizador de Rui Barbosa (1879 - 1923)**.

Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009 (Dissertação de Mestrado)

VALDEMARIN, Vera Teresa. **O liberalismo demiurgo: Estudo sobre a reforma educacional projetada nos pareceres de Rui Barbosa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

VENANCIO FILHO, Alberto. **O liberalismo nos Pareceres de Educação de Rui Barbosa**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 21, n. 21, p. 267-276, set./dez. 2007. Acesso em: 27 Agosto, 2023. Encaminhado em 30 de setembro 2023.

Brasis - Da literatura ao turismo

Maria de Lourdes Netto Simões (Tica Simões)*

"Flor do Lácio Sambódromo/ Lusa América Latina em pó/
o que quer o que pode essa língua".

(Caetano Veloso)

"Minha pátria é a Língua Portuguesa".

(Fernando Pessoa)

Pensar Brasil ou Brasis?

Aesses versos emblemáticos, quero acrescentar a minha intenção de, com base na Literatura, e ressaltando as mensagens nos versos citados, suscitar a reflexão sobre como a lusofonia, enquanto laço linguístico, poderá ser favorecedora de um turismo cultural, num Brasil múltiplo - Brasis. Especialmente também, a ideia é ressaltar, neste ano, os dois séculos de independência do Brasil, na Bahia.¹

* Doutora em Estudos Portugueses e Pós-Doc em Literatura Comparada e em Turismo Cultural (UNL, Portugal). Profa Titular aposentada/UESC, onde foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação e pesquisadora CNPq. Comendadora da Ordem do Ensino Público (Portugal); Mérito São Jorge dos Ilhéus (Bahia, Brasil). Produção científica publicada em livros, artigos e documentários, no Brasil e exterior. Auto-ficção: A Casinha-que-anda, em uma aventura inesquecível, FUNARTE, 2010. Na ALITA, ocupa a cadeira 31, cujo patrono é Ildásio Tavares.

¹ Bem a propósito, vale aqui referir que apresentei parte deste texto na Mesa: Sonhos de Liberdade do Colóquio: Literatura, Liberdade, Brasis. 11^o FLICA. Cachoeira, Bahia. Em 9 de julho de 2023.

De saída, é bom lembrar, que a língua falada no Brasil, oficialmente a Língua Portuguesa, tem tons de brasilidade uma vez que recebeu influência de índios, africanos e outros povos europeus. Portanto, já considero que a lusofonia, inicialmente pensada como forma de garantir a hegemonia portuguesa, não acontece no Brasil. Então, quando aqui uso o termo, não é no sentido hegemônico, muito pelo contrário. Faço-o, considerando a língua que perpassa todo o país. Mas acrescento a isso, a constatação do seu enriquecimento pelas várias etnias que aqui habitam; os dialetos perfeitamente identificados, tendo em conta a presença maior ou menor de determinadas culturas nas diversas regiões: baianês, caipira, carioca, gaúcho, mineiro, nordestino, nortista... Daí podermos pensar numa língua portuguesa-brasileira, como discutem dialectologistas a exemplo do estudioso Ataliba Castilho, inclusive quando escreve sobre *A hora e a vez do português brasileiro* (Acesso 2003).

O sentido é de *decolonialidade*, enquanto postura de resistência, de desconstrução de padrões hegemônicos impostos aos povos subalternizados, da lógica capitalista; é de ênfase pelo direito à diferença (MOREIRAS, 2001); a outras formas de ser e pensar, como querem os estudiosos da *decolonialidade*, a exemplo de Nelson Maldonado-Torres (Acesso 2003) e Walter D. Mignolo (2011), dentre outros...

Diversidade brasileira provocadora do turismo?

Enfatizando a ideia de Brasis, a pergunta se impõe: Como tratar tal diversidade brasileira numa ação onde a literatura seja provocadora do turismo?

O entendimento é de que a literatura é influenciada e influenciadora da história. (SIMOES, 2018). Além do seu intrínseco valor estético, a literatura dá visibilidade ao imaginário das comunidades e faz veicular os seus fazeres, dizeres e saberes;

isto é, as suas vivências, o seu patrimônio; perspectiva a identidade cultural de uma nação, uma região, um lugar.

Quanto ao Turismo, a ideia da viagem está atrelada a uma visão de respeito às diferenças históricas, culturais e ambientais (CANCLINI, 2003).

Pensando em bens simbólicos, valor e mercado (YU-DICE, 2004), elementos da viabilização do turismo cultural, temos, então, de considerar e valorizar a *diferença* cultural de cada região, visando à referida ideia de Brasis, em consideração da liberdade do falar e do imaginário, como elemento de interesse do viajante em potencial. Considerar, ainda, que a Língua Portuguesa-Brasileira, bem comum, instiga e facilita intercâmbios e trânsitos; pensar a literatura de um Brasil multicultural como potencializadora de riqueza cultural e natural, que contribuem para o desenvolvimento local.

É corrente que as questões de regionalismos e de identidades regionais, naturalmente interferindo no imaginário, estão presentes nas várias expressões literárias e discursos culturais, hoje reconceitualizados e amplamente discutidos. O descentramento do sujeito, como já mencionava Stuart HALL (2000), acentuou-se na sociedade contemporânea. De modo geral, tem provocado toda uma redimensão das identidades, em revisionamento mesmo da própria identidade nacional. Isto se justifica se pensamos na possibilidade da articulação dos referentes locais e, também, das culturas que, atravessando muitos territórios, reconfiguram as marchas estabelecidas a partir de experiências regionais.

Pensando nas várias formas de expressão, a *diferença*, a ser aqui tratada, é valorizada inclusive como elemento de resistência à colonialidade e à globalização uniformizante. Ressaltadas a hibridização cultural e a postura de resistência, a *diferença* se faz, ainda, por força da descentralização das identidades, notadamente devido aos Brasis. Tal reflexão sustenta-se no entendimento de nação (ANDERSON, 1983),

não mais como uma entidade política, mas como um sistema de representação cultural. As culturas constroem identidades ao produzirem símbolos e sentidos com os quais nos identificamos e que estão contidos nas memórias contadas e nas imagens criadas sobre uma nação, sobre uma região.

Uma política de respeito e valorização da *diferença* pressupõe o abandono da postura de dependência e submissão. A variedade, visível nos patrimônios natural e cultural de cada território, é o que vai singularizar as diversas regiões Brasis: sua paisagem, suas narrativas, suas vivências, sua herança. Então, a identidade cultural é composta de várias camadas e resultante da intersecção de múltiplas influências que se moldam por um senso de pertinência; enquanto a cultura, como estratégia de desenvolvimento, há que ser considerada como transnacional e tradutória (influência africana, indígena, italiana, alemã, holandesa e portuguesa). É que os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural; e, mais, agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias *globais* de mídia. Por isso, uma identidade já não pode ser definida exclusivamente dentro de suas fronteiras.

O que isto quer dizer dentro dos Brasis? Significa que podemos gerar sentidos diversos porém comuns em pertinência. A cultura enquanto conjunto de sistemas simbólicos (valores hábitos de relação e interação, crenças) pode ser a fonte de reelaboração de identidades baseadas na diversidade multicultural que terão como elemento de intersecção a Língua Portuguesa, sim, mas numa postura de *decolonialidade!* No espaço entre as identidades e a multiculturalidade global, é trabalhar a diferença, sem subalternidade, na zona de cruzamentos e mesclas que existem no nosso Brasil múltiplo.

É também de ser observado que, nos dias atuais, os acontecimentos são acelerados e as distâncias encurtadas,

por imagens televisivas, navegação eletrônica, trânsito de pessoas, rompendo limites e fronteiras de tempo e espaço. Tais transformações interferem nas formas de interpretação da sociedade, incapazes de acompanhar as mudanças, tantas em extensão, profundidade e, sobretudo, velocidade. Assim, é possível afirmar que é notória a ideia hoje veiculada da necessidade de ações ágeis e criativas para atender aos Brasis - à multiculturalidade brasileira. Se o Brasil é, por um lado, nacional, por outro, é local.

Outra questão a ser posta é que, principalmente devido às migrações, assim como não podemos associar totalmente uma identidade a um espaço, também não podemos designar um patrimônio como exclusivo de uma cultura (o acarajé, a capoeira são exemplos). As identidades são dinâmicas e as culturas também. Viajam, redefinem fronteiras móveis. Muitos dos seus componentes se originam de um território e migram, acentuando suas características, hibridando-se com a cultura receptora.

De Leitor a Turista

Nesse contexto, a evidência da problemática cultural na sociedade contemporânea exige a atenção a outros fatores, inclusive o seu aspecto econômico, enquanto oportunidade de desenvolvimento, através da valorização das especificidades locais. Por isso, torna-se necessário analisar a cultura enquanto valor e transformada em mercadoria, para o que é fundamental considerar tanto os territórios, como os mercados; tanto as políticas como os agentes envolvidos na produção e no consumo. Diretamente condicionada às políticas que hoje se voltam para o turismo, a cultura, tornada mercadoria, no entanto, não deverá se subordinar aos apelos meramente econômicos, sob pena de corromper-se. O turismo cultural deve apresentar-se como forma eficiente, garantindo a sustentabilidade da cultura local.

A possibilidade de poder conhecer uma cultura local através da literatura (muitas vezes relida pela mídia através de novelas, séries e mesmo filmes) aguça a curiosidade das pessoas e funciona como estimulador para a viagem. No contexto globalizado, a literatura, situada no lugar híbrido do valor cultural é, assim, valorizadora da singularidade que instiga a curiosidade do leitor. O discurso literário como um domínio recorrente de temas, valores, tensões e sentidos ideológicos (diretamente atinentes às questões do nacionalismo e de problematizações identitárias), torna-se, então, agenciador do turismo cultural.

Exemplifico com o município de Porto Seguro, local muito visitado, onde os colonizadores tiveram o primeiro contato com o povo originário brasileiro. Nesse caso, uma referência literária é o poema *Canto Brasileiro*, de Valdelice Pinheiro (in SIMÕES, 2000):

Pego-me aos pedaços. Quinhentos anos estranhos desfiguram minha face negra, meus dedos índios. Por que estes dedos gorduchos se eu nunca fui barroca? Por que esta lágrima de Pietá, se meu centro é a fecundidade de minha barriga, a ligeireza de meus pés?

Restauro-me. Meus dedos de pontas Achata-das voltam ao rústico bambu de flautas indizíveis e batem, com a graça do braço engajando o corpo, doces berimbaus.

.....

Restaurando-me, cresço.

Crio detalhes que se liberam de minha mente e de minhas mãos.

Sou da idade de meus príncipes negros, jovem como meus guerreiros tupiniquins.

Sabemos que vários textos literários são tomados como verdadeiros guias de viagem. Ao fruir a literatura,

o leitor viaja também no mundo do imaginário. Depois, busca aquele cenário ficcional no mundo real e viaja para as terras que motivaram a ficção. Passa de leitor (turista do mundo ficcionalizado) a turista (leitor da cidade real). Ao oportunizar esses movimentos, a literatura se redimensiona aos olhos do leitor quanto ao gênero e se oferece como guia de viagem. Tal fato é singular e, hoje, já de certa forma explorado, quando os produtos turísticos oferecem os roteiros literários, muitas vezes, a partir da vida de um grande escritor. Quem lê Jorge Amado ou, até mesmo, assistiu à novela Gabriela... sente curiosidade de conhecer a nação grapiúna, ver de perto a cultura do cacau, comer o bolinho árabe, no restaurante Vesúvio.

E muitos exemplos há! Ler o **Auto da Compadecida**, de Ariano Sussuna, leva o leitor a Pernambuco; **O Tempo e o Vento**, de Erico Veríssimo, ao Sul; **Menino do Engenho**, de J. Lins do Rego, a visitar uma fazenda de cana de açúcar. Após ler José de Alencar, o leitor terá curiosidade do contato com a cultura indígena... **Grande Sertão - Veredas**, de Guimarães Rosa, faz querer conhecer os Gerais. etc, etc... Só para citar alguns autores da vasta literatura brasileira, das várias regiões. E não posso deixar de dizer que, sobre a nossa rica literatura baiana, quem lê o Batetê, conto de Ruy Póvoas, certamente vai querer provar o batetê, iguaria trazida da gastronomia africana... E, da vasta obra ficcional e poética desse autor, terá a curiosidade de ver a presença afrodescendente, na Bahia.

Por outro lado, os passeios pelas cidades, antes conhecidas através da ficção, são verdadeiros trajetos turísticos, de percursos e conhecimento do local. Lembro-me que eu mesma fiz isso, lendo **A Décima Noite**, de Josué Montelo. Percorri a Rua do Sol, a travessa dos Viados, sentei-me na Praça dos Amores... por isso, a cidade de São Luís do Maranhão tem, para mim, um encanto especial. O prazer de ler o livro redobra-se, quando vemos o seu cenário ao vivo!

Interagimos com os seus personagens, releemos a cidade por outras perspectivas.

Especialmente, no ano do bicentenário da independência da Bahia, o leitor há que querer conhecer as cidades do recôncavo baiano por sua relevante importância histórica, por se constituir em um amplo repositório da cultura de matriz africana no Brasil.

Quem leu Castro Alves vai também querer conhecer Cachoeira e, na cidade, melhor sentir o seu poema **O Navio Negroiro**:

*Existe um povo que a bandeira empresta /
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia! E deixa-a
transformar-se nessa festa/ Em manto impuro
de bacante fria!... Meu Deus! meu Deus! mas
que bandeira é esta, Que imprudente na gá-
vea tripudia? Silêncio. Musa... chora, e chora
tanto/ Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...
/ Auriverde pendão de minha terra, Que a bri-
sa do Brasil beija e balança, Estandarte que a
luz do sol encerra E as promessas divinas da
esperança... ..
.....*

Também, lendo **Viva o Povo Brasileiro**, de João Ubaldo Ribeiro, o leitor-turista terá curiosidade de conhecer Itaparica, que traz como ponto de partida as últimas batalhas pela independência, travadas na Bahia, em fins de 1822. A narrativa, é verdade, abrange mais de três séculos; remonta aos tempos vividos pelo Caboco Capiroba, canibal dos primeiros momentos da colônia, e do qual derivam muitos brasileiros. Mas o povo do Recôncavo Baiano é o principal personagem do romance que trata de consciência identitária e luta por sua afirmação.

E são inúmeras as curiosidades provocadas ao leitor-turista pela obra ficcional, por elementos que suscitam a viagem.

O imaginário ainda é povoado por bens materiais e imateriais; do patrimônio natural e cultural. Aspectos característicos do viver.

Visitar a Chapada Diamantina por seus recursos naturais é uma alternativa que **Torto Arado**, de Itamar Vieira Júnior (2020), estimula. Mas essa narrativa que se passa no sertão, naquele interior da Bahia, na fictícia Fazenda Água Negra, antes de tudo é forte e significativa porque representa a síntese do sertão brasileiro; refere o trabalho servil, marcado pela violência, e pelas crenças, lendas e religiosidades próprias da mestiçagem cultural e da ancestralidade africana. E deixa, ao leitor, o pensar:

*Se o ar não se movimenta, não tem vento,
se a gente não se movimenta, não tem vida.*

Ações estratégicas para um turismo cultural com sustentabilidade

Políticas públicas, sem dúvida, são garantia de favorabilidade para o desenvolvimento de ações sustentáveis de turismo e valorização da cultura local. Projetos podem ser desencadeados a partir de articulações realizadas por iniciativas locais e, outras, por acordos entre os Estados. Deverão ser celebrados protocolos, convênios, parcerias e intercâmbios; ser valorizada uma real política editorial, que se volte não somente para a edição da literatura, mas principalmente para a distribuição das obras nos vários estados do país. A intensificação desses procedimentos poderá contribuir para gerar projetos de intercâmbio, que promovam a intensidade do fluxo de viajantes interessados na história, na literatura, na cultura local.

Por outro lado, ações localizadas deverão desencadear programas para a recepção de visitantes, acionando segmentos sociais, através da promoção de formas de sustentabilidade

relacionadas a comércio de artesanato, a visitação de museus e sítios históricos, a formas de divulgação das representações culturais locais, seja através do teatro, da literatura, da arte visual, etc. Afora estratégias mais simples, empreendimentos mais ousados poderão justificar investimentos em editoras, livrarias, teatro e espetáculos. A riqueza natural justifica suscitar propostas de ecoturismo cultural, através de fazendas modelos, de programas de intercâmbio, de parceria entre a comunidade local, empresários e poder público, de valorização do litoral, sua fauna e sua flora.

Outra forma é a universidade e demais instituições culturais realizarem projetos de pesquisa e extensão com o foco na literatura. Projetos que provoquem impacto cultural, visando à visibilidade do patrimônio cultural e natural, através da literatura e, assim, provocar o turismo; também projetos que visem à formação de leitores.

Exemplos da Literatura relacionados ao tema dizem respeito aos estudos sobre literatura e turismo. Sobre o assunto, realizei pesquisa na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC que resultaram nas publicações: livro **Esteja a Gosto - viajando pela Costa do Cacau e do Descobrimento**, que oferece ao leitor, através de fotografias e fragmentos literários, uma mostra do patrimônio cultural e natural da região. Também o livro **Grapiunidades** evidencia o patrimônio através de fotografias, inclusive é encartado com postais. **A Expressão Poética de Valdelice Pinheiro** - um resgate de manuscritos inéditos e de seus desenhos. Ainda a auto-ficção **Casinha que anda, em uma aventura inesquecível**, que relata uma viagem num motorhome, através da Costa do Cacau e da Costa do Descobrimento, com o qual venho desenvolvendo projeto de estimulação à leitura em escolas de ensino fundamental.

De modo geral, as ações sugeridas buscam funcionar como agenciadoras de uma expressiva circulação, onde o trânsito será o motor de rica articulação de culturas.

A ousadia, a vontade política, o olhar lúcido e comprometido com o bem estar social é que fazem grandes ideias se tornarem realidade. Além disso, ações que busquem a integração através da cultura impedirão que a mesma pretendida integração não seja somente um acordo de cúpulas. Assim, o desenvolvimento não se restringirá a aspectos econômicos, mas atentará para o respeito aos cidadãos e aos diferentes Brasis. Além disso, será forma de luta contra os padrões de poder; atitudes de *decolonialidade*, que valorizem as resistências e lutas de descendentes africanos e indígenas.

Sonhos de Liberdade! E foi isso mesmo que a vitória do 2 de julho de 1823 nos mostrou; depende de cada um de nós tornar sonho em realidade!!! Então, nesses dois séculos de independência do Brasil, relembro os versos do hino de autoria de Ladislau dos Santos Titara:

Brava gente, brasileira/ Longe vá temor servil!

.....

E digo com Jorge Amado:

Liberdade é como o sol. É o bem maior do mundo!

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 92. ed. edição. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1983.

CASTILHO, Ataliba T de. *A hora e a vez do português brasileiro*. Disponível em <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>. Acesso em 5/6/2023.

CASTRO ALVES. **O Navio Negroiro**. s/l, EX! Editora, 2016.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Silva e Guacira Louro. 4ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

MOREIRAS, Alberto. **A Exaustão da Diferença - a política dos estudos culturais latino-americanos**. Trad.: Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte :UFMG, 2001.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Transdisciplinaridade e decolonialidade**. Trad.: Joaze Bernardino-Costa. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/CxNvQSnhxqSTf4GkQv-zck9G/>. Acesso 5/6/2023.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Editora Todavia, 2019

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **PLURALIDADES - Patrimônio Cultural e Viagem**. Ilhéus: Editus, 2018.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org). **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002.

YUDICE, George. **A conveniência da Cultura - usos da cultura na era global**. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte, UFMG, 2004.

Artigos

Itabuna: um olhar sobre a cidade

Lurdes Bertol Rocha*

Nosso mundo é um mundo de pensamento lógico, mas, também, um mundo de emoções, de sentimentos e de percepções intuitivas. O ser humano não apenas pensa, ele também vivencia. É racional e não-racional. O ser humano é um ser binário em todos os sentidos, uma síntese de opostos conflitantes. E dentro desse universo encontra-se um espaço todo especial, um espaço de nossas vivências: a cidade. E mais que isso: a cidade de Itabuna.

Há pessoas, para as quais, a cidade não se revela, pois apenas estão nela, não a sentem. Aos que a sentem, a conhecem, a enxergam, e não só a veem, a cidade se dá a conhecer através do significado de seus elementos.

Olhando a cidade de um ângulo diferente, o da percepção, qual seu significado? Poderíamos dizer que a cidade é um grande texto, onde se encontra a história dos objetos, das ruas,

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Teófilo Otoni (FAFITO). Pós-graduação lato sensu em Geografia Humana (FAFITO) e Desenvolvimento e Gestão Ambiental (UESC). Mestrado em Geografia, na área de Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal da Bahia. Doutorado pela Universidade Federal do Sergipe, com a defesa da tese: A região cacauzeira da Bahia - uma abordagem fenomenológica. Professora titular aposentada da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus - BA. Autora de vários livros e capítulos em livros na área de geografia e artigos científicos publicados. Na Academia de Letras de Itabuna (ALITA), ocupa a cadeira 6, cujo patrono é Milton Santos.

das praças, dos prédios, das pontes, dos monumentos, das pessoas que ali residem, que ali passam e das que ali construíram os objetos e equipamentos que compõem o espaço urbano. A imagem da cidade se mistura, no imaginário das pessoas, à coleção de lembranças de viagens, memórias de infância, segredos encarnados em objetos. Mas, as pessoas também percebem a cidade como um espaço onde exercem suas lides: circular, trabalhar, morar, estudar, comprar, divertir-se, chorar, sofrer, morrer. Enfim, viver a vida em todas as suas nuances. Há, porém, pessoas, para as quais, a cidade não se revela, pois apenas estão nela, não a sentem. É o caso, por exemplo, de alguns que se utilizam de suas praças, suas calçadas, para vender seus produtos, mas não cuidam daquele espaço, deixam-no sujo, triste, desarrumado. Se ganham sua vida naquele lugar, por que não zelam por ele?

Quantos acham que a rua é lugar de lixo! Varrem suas calçadas, mas fazem de seu entorno ou da rua um grande depósito do que não lhes interessa mais. Mas, aos que sentem sua cidade, a conhecem, a enxergam, e não só a veem, a cidade se dá a conhecer através do significado de seus elementos.

Numa cidade superpõem-se várias cidades. Elas se aglomeram, se interpenetram. Cada habitante, cada profissional tem uma imagem especial de sua cidade. Os camelôs, os empresários, os comerciantes a veem como um grande mercado onde se desenrolam ou poderão se desenrolar seus negócios. Para os artistas, ela é uma grande tela em branco para ser preenchida com as mais diversas formas e cores. Para os músicos, a cidade é uma grande página com pautas a serem preenchidas com notas musicais, melodias e letras. Os idosos veem-na como uma tela de cinema, aonde as reminiscências vão e vêm. Para os jovens, é um espaço a ser conquistado. Para as crianças, ela se constitui num imenso *playground*. Para os intelectuais,

a cidade é uma vasta biblioteca a ser desvendada nos seus mais íntimos recantos. Para os despossuídos, ela é algo inacessível, cujas portas se fecham e os repele para longe de suas belas lojas, de seus restaurantes, de seus clubes, de sua casa, de sua mesa, de sua cama. Para os traficantes é o território a ser dividido e dominado para seu comércio de dor e morte.

A cidade constitui-se no lugar de cada um. Se é o lugar, significa afeto, gostar de estar, preservar, cuidar. O centro da cidade é a sala de visitas desse lugar. E a sala de visitas é, ou pelo menos deveria ser, o lugar mais bonito da casa. Apesar de os moradores de Itabuna sentirem amor pela sua cidade, sua sala de visitas precisa, urgentemente, ser recuperada, serem revitalizados seus espaços/lugares/signos: monumentos, praças, ruas. Reconstruir. Senão, como fazer a leitura da história/geografia, da memória da cidade, se os registros que lhe deveriam dar acesso encontram-se maltratados pelo descaso/desconhecimento por muitos de seus moradores? Transformar-se-á, por certo, numa cidade sem alma. Uma cidade sem alma é fantasma. Urge, portanto, reavivar a alma da cidade de Itabuna. Torná-la bonita, acolhedora, receptiva em todo seu perímetro. Isto é tarefa do poder público, do poder privado, da comunidade. Enfim, de todos. É mister que cada um cuide de sua casa, de sua rua, de seu pedaço, de seu lugar.

Itabuna, por ter sido um grande pólo da cultura do cacau, foi a terra de desbravadores, dos coronéis, de caxixes, palco de transformações urbanas que, certamente, trouxeram tanto consequências positivas quanto negativas. Sua população tenta, hoje, sair da maior crise de sua história, a causada por uma bruxa que aqui campeou montada em sua vassoura, varrendo tudo que foi encontrando pela frente. Se, por um lado, trouxe muita dor para os habitantes de sua cidade, fossem eles ricos, pobres ou remediados, por outro lado,

uniu todos num só objetivo: salvar a cidade, torná-la novamente pujante, líder da região cacauera. A vassoura-de-bruxa, apesar de ter sido um desastre, fez algo importante: varreu o egoísmo, a individualidade, o comodismo, obrigou que se procurassem novas tecnologias de trato com a cultura do cacau, geralmente cultivado para que suas árvores dessem o fruto de ouro *ad eternum*.

Itabuna é a minha cidade, é sua, é nossa. Tratemos bem dela, cuidemo-la, pois ela é a nossa casa, nosso lar, nossa vida!

O afoxé de Oxum

Ruy Póvoas

Desde tempos imemoriais, a humanidade vem construindo um imaginário que lhe proporciona as mais diversas interpretações do universo e da vida. De tal construção, também não escapou o povo nagô.

Com o tráfico de pessoas africanas a serem escravizadas no Brasil, elas trouxeram para aqui um modo bastante peculiar de tais interpretações. Por tratar-se de um povo animista que cultuava as forças criadoras da Natureza sob forma de Orixás, sua visão particular abarcava crenças e práticas que se fundamentavam na visão de que a cabeça das pessoas (o *ori*) era o assento, o altar vivo, em quem tais forças se fixavam.

Para além disso, também entendiam que o Feminino participava e continuava participando como força criadora, fazendo questão de se meter no destino dos humanos. Assim, as *iabás* (Orixás femininos) recebiam culto destacado e especial que se concretizava, na existência, no poder das mulheres.

Quando o sistema escravocrata se estabeleceu, capitaneado pela Europa, os nagôs trouxeram para aqui a crença de que o Orixá continuava a se manifestar em suas cabeças. Seria necessário, no entanto, que tais forças também atravessassem o Atlântico. Contam os mais velhos que o primeiro a empreender tal travessia foi Oxaguian (o Oxalá novo), que veio nadando, agarrando-se a um tronco de árvore. Exu copiou isso e deu um salto para cima e caiu no Novo Mundo.

Nisso, Oxum, a mãe da riqueza, do luxo, da alegria, do sentimento, que cuida de crianças, entendeu de vir também. Teria de ser, porém, uma viagem que ficasse na história. Com música, dança, cortejo enorme, muita luz e muito dourado. Além do mais: com a participação do maior número possível de todos os Orixás.

Por tratar-se de um cortejo organizado pelo Feminino, os atabaques teriam de ser percutidos por mulheres. Acontece que os tambores percutidos pelos *alabês* (os tocadores) tinham a membrana percussiva apenas em uma de suas duas bocas. Oxum queria atabaques com membranas em ambas as bocas de cada cilindro. Tinha que ser um objeto leve para as mulheres pendurarem no pescoço.

E Oxum criou o *ilu*, nome que se dá ao atabaque já tipificado e que deve ser percutido somente pelas mulheres. Não satisfeita ainda, Oxum decidiu que o cortejo a ser realizado deveria ter um nome pomposo, igual àquele ajuntamento. E ela ordenou que o nome deveria ser *Afoxé*.

Ocorre que *afoxé*, do nagô *afòṣé*, designava anteriormente uma espécie de ritual fúnebre de encomendação da alma de um morto. Oxum, porém, é assim: do alto de seu poder alquímico do Feminino, altera, muda, transforma, transmuta, cria e recria.

Ela é a titular das águas doces. Por isso mesmo, Rainha das Águas. Dos rios, cachoeiras, fontes, regatos, ribeiros e ribeirões. Abarca as corredeiras e os redemoinhos de água, os poços fundos. Só não quis ser titular da pororoca.

Oxum criou, então, dois símbolos para o cortejo. Um *òpágun* (estandarte), empunhado por uma mulher de destaque onde se lia a frase: Viva Oxum, a Rainha do Ijexá. Também criou uma boneca preta, que viria logo após o estandarte, empunhado por uma de suas damas de companhia. A essa boneca, Oxum chamou de *Babalotin*.

Faltava ainda uma música, pois para naquele modo de se interpretar o universo e a vida, a música é necessária e essencial aos humanos. Sem música, Iku, a morte chega mais cedo para as pessoas.

Oxum compôs a letra que seria tocada e dançada ao ritmo ijexá:

Oloniô baylaxé
Afoxé lonin
Ayê lonin
Afoxé oloniô

E Oxum viajou da África para o Brasil, comandando um cortejo como nunca se viu igual. Vinha pelos ares. Os mais antigos contavam que ainda seria possível até então ver e ouvir o cortejo, faiscando de ouro pelos ares, na noite de 31 de dezembro, quando acontecia a virada do ano.

Depois, os mais velhos se foram e não se tem notícia hoje que alguém tenha visto tal maravilha. Ficou, no entanto, o Afoxé de Oxum que alguns terreiros de origem Ijexá ainda celebram. De um modo geral, em tais terreiros, a exemplo do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, situado em Itabuna, no sul da Bahia, na liturgia do Presente de Oxum, o Afoxé de Oxum pontifícia, recamado de dourado, abundante de flores, perfumes e adereços, formando um grande cortejo constituído por todos os membros do terreiro e de inúmeros visitantes e convidados.

Eventualmente, o Afoxé de Oxum do Ilê Axé Ijexá também desfila em celebrações que acontecem na cidade, mormente as de cunho afrodescendente.

Texto produzido em 10 de agosto de 2023.

Contribuições da Psicologia Hospitalar para a humanização da saúde

Raquel Rocha*

A Psicologia Hospitalar tem como objetivo minimizar o sofrimento do sujeito em processo de hospitalização. Diferentemente da medicina tradicional, o foco da psicologia hospitalar não está na patologia, mas nas consequências emocionais do adoecimento.

A internação frequentemente se revela como a fase mais desafiadora da experiência de adoecimento. Ao ser hospitalizado o paciente perpassa por um processo de despersonalização, perdendo sua autonomia, tornando-se apenas um número de prontuário. Muitas vezes o olhar da equipe hospitalar não é para a pessoa do paciente, mas para sua patologia, seu câncer, sua inflamação, seu diabetes. O sujeito, em sua integralidade e subjetividade, perde sua autonomia e deixa de ter significado próprio.

A hospitalização restringe o espaço vital do paciente, implica uma desorganização na sua rotina. Longe do conforto do seu lar, o paciente já não escolhe como conduzir sua rotina, não escolhe o que comer, que hora tomar banho, que hora acordar. Em muitos casos, até mesmo a possibilidade de receber visitas é limitada. Além da perda de seu espaço e liberdade para gerenciar sua própria rotina, o paciente também enfrenta procedimentos muitas vezes dolorosos e invasivos.

* Raquel Rocha é Psicóloga, Psicanalista, Especialista em Saúde Mental, Especialista em Terapia Familiar, Especialista em Neuropsicologia.

O próprio diagnóstico do paciente se traduz, por vezes, em instrumento de estigmatização e preconceito, ignorando-se todo o não dito, não escutado por trás da patologia.

Até o presente momento os hospitais, com raras exceções, seguem uma estrutura rígida, engessada no que tange a horários, entradas e saídas de pessoas, alimentos e objetos pessoais. Embora algumas dessas regras sejam necessárias para manter o funcionamento adequado da instituição, não podemos ignorar que provocam desconforto e sofrimento ao paciente.

No que tange à relação médico paciente, a menos que haja uma abordagem voltada para a humanização, frequentemente percebemos que o diálogo de outrora está cedendo espaço para uma crescente ênfase em exames clínicos, ignorando-se que por trás do diagnóstico há um nome, uma história, alguém que deseja, que sente, que sofre. É preciso que a equipe hospitalar veja o paciente como um indivisível, integral. Conforme a Política de Humanização da Assistência à Saúde destaca, uma das distinções fundamentais entre o ser humano e os animais irracionais reside no fato de que o corpo biológico do ser humano é permeado, desde a infância, por uma rede de imagens e palavras. Essas imagens e palavras são inicialmente apresentadas pelos pais, familiares e, em seguida, pela escola, trabalho e, em última instância, por todas as interações sociais. Esse constante "banho" de imagens e linguagem molda o desenvolvimento do corpo biológico, transformando-o em um ser humano com um estilo de vida singular.

A missão do Psicólogo Hospitalar é justamente considerar toda a subjetividade do indivíduo, com o intuito de minimizar o sofrimento psíquico, visto que esse sofrimento pode agravar o curso da própria doença. Para Simonetti (2004, p. 29), "a psicologia hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento". O psicólogo olha para o paciente em toda sua singularidade,

enxergando-o como alguém que sente angústia, tristeza, ansiedade e medo, alguém com vontade e desejos próprios, uma história de vida única e todo um complexo processo de subjetivação.

A psicoterapia dentro de um hospital não segue os moldes de um *setting* terapêutico tradicional. O psicólogo precisa lidar com o desconforto do paciente, suas dores físicas e as frequentes interrupções. Cada sessão tem um início, meio e fim, uma vez que o profissional não pode prever quantos encontros terá com o paciente. Além de atender ao paciente, o psicólogo atua junto aos familiares e à equipe de serviço. Dada a multiplicidade das demandas, por mais que se estude sobre a psicologia hospitalar o aprendizado real ocorre na experiência que se desenha no cotidiano da atuação em um hospital, onde o psicólogo, muitas vezes, passa por situações inusitadas.

Tratar a pessoa, e não a doença foi um dos objetivos mais valiosos em psicologia hospitalar, e tal só se faz possível quando se conhece minimamente a vida da pessoa seus interesses, seus assuntos favoritos, seu trabalho, sua condição de vida, etc. e uma ótima maneira de se alcançar esse conhecimento é conversando de maneira descompromissada com o paciente.” (SIMONETTI, 2004, p. 125).

Entre as atividades do psicólogo da Saúde definidas pelo Conselho Federal de Psicologia (2003a), estão: atendimento psicoterapêutico, organizar e atuar em psicoterapia de grupo, grupos de psicoprofilaxia e psicoeducação, atendimentos em ambulatório, atendimentos em unidade de terapia intensiva, pronto atendimento nas enfermarias, psicomotricidade no contexto hospitalar, avaliação diagnóstica, psicodiagnóstico, consultoria e inter consultoria e atuação em equipe multidisciplinar.

A Psicologia Hospitalar já nasce em consonância com as diretrizes da Política de Humanização da Assistência à Saúde lançada em 2002: “Mas então, o que é humanizar? Humanizar é garantir à palavra a sua dignidade ética. Ou seja, para que o sentimento humano, as percepções de dor ou de prazer sejam humanizadas, é preciso que as palavras que o sujeito expressa sejam reconhecidas pelo outro. É preciso, ainda, que esse sujeito ouça do outro palavras de seu reconhecimento. É pela linguagem que fazemos as descobertas de meios pessoais de comunicação com o outro. Sem isso, nos desumanizamos reciprocamente.”

A presença do psicólogo no ambiente hospitalar desempenha um papel essencial na promoção do bem-estar do paciente, que se sente acolhido, escutado e capacitado a compreender e ressignificar seu adoecimento e todas as implicações dele. O psicólogo deve contribuir, ainda, para maior integração entre toda a equipe porque diálogo, o vínculo, o respeito e a valorização entre os profissionais implica maior qualidade de trabalho e maior eficácia no atendimento ao paciente. Como salientado pela Política Nacional de Humanização da Assistência à Saúde (PHAS), "Sem comunicação, não há humanização. A humanização depende da nossa capacidade de expressar e de ouvir, baseando-se no diálogo com nossos semelhantes."

REFERÊNCIAS

Conselho Federal de Psicologia (Brasil). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) nos serviços hospitalares do SUS** / Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Brasília: CFP, 2019.

RODRÍGUEZ-MARÍN, J. En Busca de un Modelo de Integración del Psicólogo en el Hospital: Pasado, Presente y Futuro del Psicólogo Hospitalario. In REMOR, E.; Arranz, P.; ULLA, S. (org.). **El Psicólogo en el Ámbito Hospitalario**. Bilbao: Desclée de Brouwer Biblioteca de Psicología, (2003).

SIMONETTI, A. (2004). **Manual de Psicología Hospitalar**. São Paulo: Casa do Psicólogo.



Plante uma árvore frutífera

Raquel Rocha

Plante uma árvore frutífera. Mesmo sendo mais fácil ir ao supermercado comprar as frutas desejadas. Mesmo que você não tenha tempo para regar plantas, limpar folhas secas no chão; não tenha paciência para esperar anos e anos para que cresçam. Mesmo com tudo isso, plante uma árvore. Não plante árvores ornamentais, lindas, glamorosas e vazias. Não faça apenas um jardim, cultive um pomar.

Ainda que você disponha apenas de um pequeno espaço, plante uma árvore frutífera. Ela vai lhe tornar uma pessoa melhor. Vai nascer toda feinha, toda desengonçada e você vai perceber que a beleza pouco importa, porque aquele galhinho torto tem grande potencial de vida.

E o tempo irá passar e você naquele trabalho de regar aqueles galhinhos tortos, que agora são três ou quatro, e que estão longe, muito longe, de dar algum fruto. Sua árvore crescerá, buscando seu espaço, um galho mais baixo e inconveniente poderá atrapalhar a sua passagem, mas, nem assim, você irá cortá-lo, porque nunca se sabe de qual galho virá a primeira frutinha. As folhas sujarão o chão e você vai ter que limpar, além de travar uma guerra com lagartas e formigas para defender sua pequena árvore.

Os anos vão passar, sua vida vai mudar, você terá filhos, cães, gatos, carros, mas continuará cuidando daquele pé feinho, que você defendeu de todos que sugeriram cortá-lo na última reforma.

E os frutos não vieram... mas você aprendeu a amar aquela árvore sem esperar nada em troca, porque ela está enorme, espaçosa e tornou-se uma parte inseparável de sua casa e de sua história.

Essa longa jornada de cuidados, expectativas e afeto tornou válido o dia em que você pegou aquela mudinha, ou semente, cavou um buraco e a enterrou no chão.

Então, eis que, um belo dia você vê algo estranho, minúsculo, grudadinho timidamente em um galho próximo ao tronco (é assim com quase todos os frutos). E você precisa olhar várias vezes para acreditar no que está vendo. E esse fruto vai crescer no tempo dele, sem pressa, e você irá admirá-lo todos os dias, com devoção e uma certa vaidade de Criador. Vai olhá-lo muitas vezes até ele estar pronto.

E você hesita em comê-lo, porque ele é o mais perfeito dos frutos.

Mas sabe que aquele momento é seu, porque é o tempo certo, porque você esperou por ele, porque ele tem sabor de carinho e cuidado. Com um gesto quase sagrado, você colhe o fruto da árvore e o consome, sentindo que ele não nutre apenas o seu corpo, mas também alimenta a sua alma, a sua esperança e a sua fé na vida.

Engraçado, o primeiro fruto geralmente é solitário, como se fosse uma forma do universo mostrar o quão especial é aquele momento do nascimento. Outros frutos virão, em grandes quantidades, e cada um deles o fará feliz como o primeiro. Algumas vezes você perceberá que aquele pelo qual esperou pacientemente foi comido por um pássaro. E aprenderá que o tempo do pássaro é diferente do seu. E aprenderá a dividir seus frutos com os pássaros,

assim como eles dividem o canto com você. Se orgulhará em ser responsável por toda aquela produção, ficará confuso, sem entender por que há tanta fome no mundo.

E aquele pé tortinho continuará a produzir frutos por anos e anos, lhe agradecendo por todo cuidado e amor que você lhe dedicou. No entanto, com o passar do tempo, a árvore envelhecerá, e seus frutos diminuirão e diminuirão... E talvez já não dê frutos, mas não, isso não importa, porque já cumpriu sua missão, que não era dar frutos, mas ensinar-lhe sobre paciência, respeito, generosidade e doação.

As juízas afegãs

Sérgio Habib*

Recentemente tomamos conhecimento de que o Brasil acolheu alguns magistrados que fugiram do regime talibã, implantado no Afeganistão. Dentre esses magistrados, duas juízas, Maryam e Zahra (nomes fictícios), recepcionadas em função do trabalho desenvolvido por organismos internacionais juntamente com a AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros).

A saga por elas descrita impressiona pelo realismo de suas narrativas e pelo conteúdo dos depoimentos. Como se sabe, o Talibã constitui um partido fundamentalista islâmico sunita da etnia pachto, que durante muitos anos predominou no Afeganistão, ocupando o poder de 1996 a 2001 com a invasão estadunidense que durou até 2021. Com a saída das tropas americanas, os talibãs retornaram ao poder dominando o país, reimplantando a política do terror, desvirtuando por inteiro o alcorão, consoante o entendimento vesgo de suas posições radicais. Extremamente violentos, são retrógrados, extremistas, impiedosos, sádicos, reacionários e de uma frieza glacial.

A origem do nome “taliban” significa “estudante”, uma vez que seus membros foram arregimentados em escolas

* Natural de Itabuna, Advogado Criminal, Professor de Direito Penal e Processo Penal. Escritor e Poeta. Autor de livros na área do Direito e de estudos literários de autores nacionais e internacionais sob a ótica do Direito. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira nº 32, cujo patrono é Itazil Benício dos Santos.

muitas delas situadas no Paquistão. São adeptos da violência e das execuções públicas como forma de se fazerem temidos no meio da população, não admitindo contestação nem desrespeito às suas decisões. Pois bem. Durante o período de paz e harmonia que se seguiu no Afeganistão, havia uma justiça organizada e funcionando normalmente, dando interpretação correta à Sharia (sistema jurídico prevalente no Islã), sem destoar dos padrões internacionais de aplicação da lei.

Conta-nos Maryam que o Judiciário desempenhava bem as suas funções, buscando a igualdade de gênero e havia até um movimento para que uma mulher tivesse assento na mais alta corte de justiça do país. A visão tradicional de que as mulheres não podiam ocupar a magistratura, sobretudo na área criminal, vinha sendo modificada, principalmente pelo trabalho desenvolvido pelas magistradas afegãs que demonstravam, com eficiência, que esse tabu deveria ser quebrado diante dos novos tempos vivenciados pela humanidade. Em outras palavras, o Afeganistão evoluía na medida em que aperfeiçoava as suas instituições e seus cidadãos se conscientizavam da necessidade de se respeitarem direitos e acatarem a lei. Tudo fluía bem, até que os talibãs voltassem ao poder. A partir daí, tornou-se inviável o funcionamento de um judiciário independente, com risco de vida aos seus integrantes.

Exatamente por isso, as juízas foram obrigadas a fugir do país, num périplo cinematográfico e novelesco, vindo a serem acolhidas no Brasil. Algumas lições podem ser hauridas desse caso emblemático. Em primeiro lugar, o ato de acolher aquele que precisa de abrigo, que foi expatriado, é, antes de tudo, um ato de piedade cristã, além de ser humanitário e fraterno. O Brasil tem esse perfil, pois somos, tradicionalmente, acolhedores por excelência. Por segundo, a magistratura brasileira engrandeceu-se ao se fazer solidária

com o judiciário de um país distante, de outra cultura e de outras práticas, pouco importa, mas uma magistratura que procurava afirmar-se numa civilização milenarmente segregacionista e excludente. Ao mesmo tempo, com a sua conduta firme, a magistratura brasileira deixou clara a mensagem de que não se deve aceitar o mandonismo, o arbítrio, a violência estatal, não se podendo negociar valores ou transacionar princípios.

Por outro giro, circula na internet um vídeo de uma senhora que diariamente se arrisca a vender livros, também no Afeganistão. Se apanhada poderá ser punida quiçá com a morte. Mas ela não desiste, e continua a vender livros. Assim fizeram os grandes heróis da nossa nação, quando se insurgiram contra os excessos da Coroa portuguesa.

Continuaram a vender livros, prosseguiram se insurgindo contra o arbítrio, por isso foram heróis, porque resistiram. Em cada gesto de insurgência, em cada demonstração de insatisfação que se esboce a liberdade se faz maior, a alma humana se engrandece porque não pode haver malefício pior do que se querer colocar camisa de força nos gestos do ser humano, amordaçar as suas palavras ou impedir-lhe a manifestação de seu pensamento. Por derradeiro, eis a maior de quantas lições o caso das juízas demonstrou ao mundo: por mais que se queira impedir que a justiça funcione, aqui ou alhures, ela será assegurada, porque sempre haverá alguém que, confrontando o arbítrio e a ilegalidade, com coragem e determinação, garantirá o pleno exercício dos direitos e o império da lei sob o pálio da justiça.

A verdade sobre Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa

Ivo Korytoswki*

Grande Sertão: Veredas é uma “vaca sagrada” da literatura brasileira. Não gostar dessa obra do Rosa é o suprassumo do “culturalmente incorreto”. O máximo que você pode dizer é que não está à altura do livro, não está preparado ainda para ler o livro. O defeito não é do livro, é teu.

O livro tem qualidades enormes que não vou declinar aqui porque já o foram sobejamente. Mas tem defeitos também. Quer saber a verdade sobre *Grande Sertão: Veredas*? Então me acompanhe.

1) Vê-se de tudo em *Grande Sertão: Veredas*, uma *Ilíada* brasileira, um pacto faustiano sertanejo, uma regressão à língua primordial pré-Babel, menos o que a obra realmente é: uma grande “guerra de quadrilhas” ou, mais exatamente, guerra entre bandos de jagunços que percorrem os sertões das “Gerais” meio que sem destino, com sede de luta e vingança. “O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz?” (pág. 75 da 37. edição, da foto abaixo) “Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde o homem

* Escritor com duas obras de ficção premiadas pela União Brasileira de Escritores (Rio) e outra de ensaio no Concurso Nacional de Literatura Cidade de Manaus, tradutor de mais de duzentos romances, lexicógrafo, graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador da história do Rio.

tem de ter a dura nuca e mão quadrada.” (pág. 92) Em meio a toda essa violência desenfreada tropas do governo também metem a colher. Só que guerra de quadrilha urbana tem um objetivo: conquistar território para vender drogas para ganhar dinheiro. E essa guerra sem fim dos jagunços aparentemente não tem objetivo concreto, ou se tem Rosa não deixa claro qual seja: é a “ guerra pela guerra”, as eternas vendetas.

2) Os personagens que travam essa guerra, por mais pitorescos que se afigurem na criação artística de Rosa, são maus: matam com prazer, estupram, invadem cidades e saqueiam o comércio, numa das cenas mais revoltantes massacram cavalos só de maldade, tem cena de antropofagia (“*o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano*” - pág. 43), é gente com culpa no cartório. “Jagunço - criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e *copilando*” (pág. 191)

São todos maus, menos o protagonista/narrador. “Eu Riobaldo, jagunço, homem de *matar e morrer com a minha valentia*.” (pág. 174) Esse é o protótipo de um arquétipo da literatura: o bom bandido. O bandido filósofo, porque está preocupado com a questão da existência de Deus e do diabo (como se a existência de Deus e do diabo fosse a suprema questão filosófica). O bandido poeta (o discurso de Riobaldo tem, sim, poeticidade). O jagunço que entrou na jagunçagem não por ser ruim, mas pela força de um destino de tragédia grega (*ἀνάγκη*) que o empurrou para a “vida de jagunço”. “Por que será que eu precisava de ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais meus? Destino preso.” (pág. 171) O problema é que não existe “bandido bom” na vida real. Só na literatura e numa ciência social descolada da realidade. (Como posso ser tão tacanho a ponto de equiparar Riobaldo a um bandido? Dirão)

3) Uma das virtudes apontadas em *Grande Sertão: Veredas*, aliás, a virtude cardeal, que impressionou o meio intelectual da época do lançamento (segunda metade da década de 1950) e continua impressionando até hoje, é a inovação, a criatividade linguística. Segundo Alexei Bueno, “uma espécie de expressionismo linguístico onde violentas deformações da base já muito requintada que é a expressão oral do sertanejo brasileiro conseguiram atingir sínteses artísticas e emocionais espantosas”. Não que a linguagem do sertanejo (ou de outros estratos da população menos letrada) nunca tivesse sido reproduzida tal e qual. Já havia sido, em diálogos.

Mas aqui não se trata só de diálogos entre personagens. Um narrador conta a história, da primeira (“Nonada”) à última (“Travessia”) frase, em uma linguagem supostamente de um sertanejo, livre das amarras da “norma culta”. Ela não é uma linguagem de um sertanejo comum, qualquer. É a linguagem de um *sertanejo idealizado*, esclarecido, de pendores poéticos, inclinação filosófica, que discorre “sabiamente” sobre o bem e o mal, Deus e o diabo na terra do sol, em suma, um sertanejo criado pela imaginação fertilíssima, pela genialidade do Rosa. No fundo é a linguagem do Rosa se ele, homem urbano, diplomata, cultíssimo, fosse viver no meio sertanejo! Rosa é louvado por ter revolucionado a língua. Revolucionou mesmo? A língua falada pelos brasileiros mudou em decorrência da obra do Rosa? Por outro lado, se alguém escrever um livro inteiro em miguxês/internetês, que é o calão dos internautas, ou em gíria de traficante de morro carioca, *tá ligado?* será louvado por ter revolucionado a língua? E uma língua com séculos de tradição literária carece de ser revolucionada? Não basta que evolua naturalmente?

4) A linguagem de Riobaldo, narrador de *Grande Sertão: Veredas*, soa estranha para quem abre o livro pela primeira vez,

mas se você se esforçar e ultrapassar certo número de páginas, acaba se acostumando, é o que dizem. Como se acostuma com a sintaxe & pontuação esdrúxula do Saramago. Pois vou confessar uma coisa. No momento em que escrevo estas linhas já ultrapassei a página 300 e ainda não me acostumei com a linguagem. Digo mais: já enjoiei dessa linguagem, tipo enjoio que se tem em navio depois de vários dias em alto-mar. É assaz frustrante ler uma obra em que, vira e mexe, você depara com construções léxicas que parecem não fazer sentido e onde as palavras que você porventura não entende (porque você não tem na cabeça todas as centenas de milhares de palavras da língua portuguesa) não constam necessariamente do dicionário.

Querem exemplos?

Agora, *advai* que aquietavam, no estatuto. Nanja, o senhor, nessa *sossegação*, que se fie! O que fosse, eles podiam refferver em imediatidade, o *banguelê*, num zunir: que *vespassem*. (pág. 227)

Assim que, inimigo, persistia só inimigo, surunganga; mas enxuto e comparado, *contra-homem* sem o desleixo de si. (pág. 317)

“É, eu vou com o senhor, e esse *urucuiano Salústio* vem comigo, mas é na hora da situação... Aí, na hora horinha, estou junto perto, para ver. A para ver como é, que será vai ser. O que será vai ser ou vai não ser.” (pág. 306)

Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é *furiável*? Não. Esse obedece igual - e é o que é. Isso já aprendi. (pág. 301)

Vou ainda mais longe: há momentos em que o narrador parece estar delirando. Senão vejamos.

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente - o que produz os ventos. (pág. 272)

5) E a fidedignidade histórica? Essas guerras de jagunços sem nenhum motivo aparente ocorreram realmente em Minas/Goiás? Sei que houve cangaço no Nordeste, sei que latifundiários praticaram (ou até ainda praticam) grilagem de terras e até lançaram ou lançam mão de jagunços para se apropriar de terrenos alheios, mas guerras entre bandos de jagunços tipo guerras feudais medievais sem qualquer objetivo ocorreram em Minas Gerais? (Aqui espero o socorro dos historiadores mineiros.) Aliás, Alexei Bueno, em seu ensaio “Ribeiro, Rego, Rosa e Rocha: Afinidades Eletivas” confirma essa minha sensação de irrealidade ao escrever que em *Grande Sertão: Vereda* “sente-se uma organização social e militar muito mais próxima do que conhecemos como cangaço, pela independência, sobretudo, dos seus membros, do que de qualquer jaguncismo histórico daquele mais sonhado do que real norte de Minas”.

6) *Grande Sertão: Veredas* não é a maior saga da literatura brasileira do século XX. Quem detém o laurel, em minha modesta opinião, é *O Tempo e o Vento*, do Érico Veríssimo, que conta, romanceadamente, a história da formação do Rio Grande do Sul, desde os primórdios até a era Getulina, com as rixas entre as famílias poderosas proprietárias das terras, reconstituição dos gauchismos mas... sem “revolucionar a língua”, digamos assim.

Na época do lançamento, *Grande Sertão: Veredas* foi recebido com estupor, diferente de tudo que se escrevera antes. Reconheceram os críticos as virtudes, mas também

as dificuldades de compreensão da monumental obra (e um dos críticos chegou a aludir aos “exageros” do estilo roseano).

Assim, diz Maria Eugenia Celso no *Jornal do Brasil* de 28/7/1956:

“O que acho mais extraordinário em “Grande Sertão: Veredas”, o novo romance de Guimarães Rosa, é que, assim tão terrivelmente sertanejo no linguajar, no ambiente e na trama passional dos episódios, tenha sido escrito aqui por um diplomata num meio supercivilizado, para o qual aquela maneira de falar não pode deixar de ser um tanto charadística. Verdadeiro “*tour de force*”, a meu ver.”

Escreve Manuel Bandeira em “Livros a Mancheias” no *JB* de 12 de agosto daquele mesmo ano:

“Guimarães Rosa ouvi dizer que inventou uma língua nova, que não é nem a portuguesa, nem a brasileira, nem a de Mário de Andrade.”

Em mesa redonda sobre Rosa, publicada no *JB* de 2 de setembro, afirmou Sérgio Milliet:

“Mas com “Grande Sertão: Veredas” temos o grito de independência de nossa literatura. Depois deste livro será preciso reescrever a gramática do português do Brasil. [...]”

“Grande Sertão: Veredas” é sem dúvida alguma, o nosso grande acontecimento literário e linguístico do século. Está para a possível língua brasileira como a poesia de Villon ao findar a Idade Média.

Benedito Nunes, em “Primeira Notícia sobre Grande Sertão: Veredas”, no *JB* de 10/2/1957, escreve:

“Grande Sertão: Veredas” ultrapassa o âmbito regional. No drama do sertanejo ou do jagunço, irrompem os grandes problemas humanos – seja a luta do homem contra a natureza que o estimula e o abate ao mesmo tempo, seja o ímpeto do jagunço que se põe em armas para defender uma causa indefinível, adota a lei da guerra menos pela rudeza de seu espírito do que pela necessidade de viver e de realizar o seu destino.”

Aliás, trata-se do único crítico que ousa apontar as *deficiências do estilo do autor*:

Os trechos onde a linguagem decai, perdendo a sua eficiência expressiva, revelam os defeitos da técnica que o romancista preferiu adotar para ser fiel às situações vividas pelo personagem. Alguns desses defeitos são caçoetes estilísticos decorrentes do uso, tantas vezes abusivo das desarticulações sintáticas, contrações e elipses que, praticadas mecanicamente, não possuem mais valor expressivo.

Josué Montello, em aula inaugural do Curso de Literatura proferida em 28 de março de 1957 na Faculdade de Letras de Lisboa, considerou *Grande Sertão: Veredas* “a mais arrojada aventura da nova ficção brasileira. Guimarães Rosa é um renovador da língua como Aquilino Ribeiro.”

Múcio Leão (*JB*, 1/5/1957) reconhece que a linguagem de *Grande Sertão: Veredas* é difícilíssima, “uma espécie de língua nova, inaceitável à maioria dos leitores, senão a todos eles. Eu mesmo, que terminei por achar uma pura delícia esse *Grande Sertão: Veredas*, tive muita dificuldade para conseguir lê-lo. [...] Resolvi lê-lo mais ou menos como se fosse um livro escrito em outra língua, uma língua aproximada desta que falo.”

Em suma, “o sertão é do tamanho do mundo” (pág. 60), e *Grande Sertão: Veredas* é um clássico, um monu-

mento da nossa literatura, inovador, impressionante, de tirar o fôlego, uma das três epopeias da língua portuguesa (as outras, *Os Lusíadas* e *Os Sertões*), segundo meu amigo Alexei, tudo isso admito, mas... não há nada de errado em você, nem você precisa ficar com sentimento de culpa, caso não goste do livro de Guimarães Rosa.

Afinal, gosto se discute!

Contos

Coisas da vovó

Cyro de Mattos

Sexta e sábado são os dias que Vovó Maria da Guiné atende os clientes em sua tenda. Dentro da tenda há cantos e palmas saudando a chegada de Vovó Maria da Guiné, que fala a língua dos negros africanos. Entre um gole de jurubeba e umas baforadas no cachimbo, ela dá os primeiros passes no homem de olhos esbugalhados, rosto zangado, cabelos assanhados. Ele diz a todo instante que vai comer assado o coração da mulher. Ela não quer fazer nada em casa, só quer assistir novelas na televisão com cenas eróticas, exigir vestidos caros e comidas finas. Vovó Maria da Guiné começa a cantar numa voz mansa e baixa:

*Chega vovó, chega vovó
Com seu patuá, cachimbo e pó
Chega vovó, chega vovó
Com sua figa e fé maior
Chega vovó, chega vovó
Escorraça espírito brabo
E no mal dá um nó*

E todos rezam um Pai-Nosso quando sai um bicho medonho do corpo do homem, dando urros e fazendo a tenda balançar. O bicho sai pela porta dos fundos. O homem que chegara à tenda cheio de raiva, com vontade de matar sua mulher, ajoelha-se e começa a pedir perdão a Deus por seus pensamentos

cruéis contra a querida esposa. Pede a bênção a Vovó Maria da Guiné, dizendo a seguir que a criatura que ele mais ama neste mundo é a sua mulher, não importam os defeitos que ela tenha.

Filha de escravos, Vovó Maria da Guiné não é deste século XX. Não guardou na memória quando foi que nasceu. Dizem que ela nasceu antes da promulgação da Lei Áurea. Os mais falazes acreditam que foi em janeiro de 1860. O registro do batistério, único documento que teve durante a sua vida, não resistiu ao tempo. Foi tirar outro, não havia qualquer anotação sobre o seu nascimento no livro que registrava os batizados. Pessoas insistentes querem saber quantos anos Vovó Maria da Guiné realmente tem, ela responde que nunca se preocupou com a sua idade. Tem vivido até aqui com o pouco, mas continuado, isso é o que lhe basta. Na voz cadenciada, ela então canta:

*Tempo não engana tempo
Tempo não vai me enganar
Tempo ao tempo dá tempo
Ao Tempo vai me levar*

Conta que quando tinha vinte anos de idade foi viver na fazenda Rio Comprido, que pertenceu primeiro ao coronel Davino Alves. “Dá duro, seu moço, era a sina de preto naqueles tempos.” Ali na fazenda do coronel Davino Alves aprendeu o ofício de rezadeira. Rezava com galhos de arruda para retirar do infeliz a doença braba ou o espírito maligno, que tem liga com o diabo. Depois de rezar, baforava no cachimbo de barro e soprava a fumaça no corpo do doente possuído do espírito maligno. Curava qualquer tipo de doença com a força que lhe davam as orações. Até mesmo no caso de doença dada como incurável pelo doutor, daquela que avança, come as carnes e já se diz que o doente está com o pé na cova.

Foi se inteirando nos conhecimentos de velhas rezadeiras de sua raça na fazenda Rio Comprido. Aprendeu orações e cantos para cada tipo de doença ou espírito maligno, que sem dó fazia padecer corpo e mente do inocente. Era tudo um saber antigo praticado por velhas escravas, que tinham muita fé em Deus e nas divindades que acompanharam os ancestrais quando foram trazidos da África.

Dos serviços que prestara, na casa de fazenda do coronel Davino Alves, passou a andar pelas trilhas e atalhos da região ainda coberta de matas. De casebre em casebre ou em casa de fazendeiro, ia atender os chamados. A fama de rezadeira, que vencida os espíritos mais perigosos, curandeira nos casos mais complicados, já era conhecida aos quarenta anos de idade nos municípios vizinhos, mas distantes uns dos outros por muitas léguas. Exerceu quase cinquenta anos o ofício de rezadeira, a andar pelo mato, de dia e de noite, sem pressa, lá onde é a morada e a dormida dos bichos.

Vovó Maria da Guiné ainda tece fios de lã, seda, algodão ou outra fibra natural, à luz do dia. “O tempo só me pega sem trabalhar quando tou doente.” Da história da cidade pouco sabe. Como disse, sua vida foi andar pelos matos para curar preto ou branco, a qualquer hora que fosse chamada. Conheceu a cidade quando tinha duas casas: uma lá pras bandas do cemitério velho, pertencente ao coronel Vilarinho, a outra onde hoje é a estação ferroviária. Esta era grande, tinha cobertura de palha, abrigava os retirantes que chegavam do sertão, fugindo da seca, vinham derrubar as matas para o plantio das roças. Conheceu a fazenda Bebedouro da Onça, do coronel Lucas Barreto, de onde se originou a cidade.

Sua mãe Miguelina era escrava do fazendeiro Firmino da Conceição, dono das terras da fazenda Tanque das Vacas, a maior de todas na região. “Mundão de terras que ninguém sabia onde parava.” A mãe fora comprada a dois negociantes de escravos por dois cruzados. “Um dinheirão naquela época.”

Ali na fazenda Tanque das Vacas sua mãe conviveu escondida com um escravo, que ficou livre quando veio a Lei Áurea. O pai não casou com a mãe, embora vivessem juntos até a morte. A mãe trouxe ao mundo treze filhos, ela foi a única sobrevivente e o primeiro fruto do amor proibido. Como a mãe, Vovó Maria da Guiné uniu-se a um preto, mas não teve filho e enviuvou cedo. O preto Ambrósio, que gostava de fazer batuque no terreiro, aos domingos, deixou-lhe um pequeno sítio com um casebre nos lados da Rocinha.

Vovó Maria da Guiné estranha os tempos de hoje com tanta correria e barulho duma gente que nunca se conforma com nada. Nem sequer para saber que na vida quem tem pressa na estrada cai depressa. Ela não sabe ler nem escrever, também antigamente não havia escola nem professora. Com tantos anos carregados nas costas, nunca soube o que é um médico. Nunca se receitou e tomou injeção. “A medicina de Deus tá nas plantas, o remédio dos homens mata.”

Deita-se entre as 18 e 19 horas, todos os dias acorda mais cedo que passarinho. Gosta de dizer que o sol nunca vai pegar ela na cama. Às quatro horas, pontualmente, já está rezando o ofício de Nossa Senhora do Rosário, devoção que herdou da mãe Miguelina. Um dos momentos que mais lhe dá prazer é nos domingos quando muitos meninos vão visitá-la, tomar a bênção à madrinha. No seu quintal, embaixo da mangueira frondosa, que ela plantou quando era casada, os meninos ficam ouvindo suas histórias, algumas do tempo de seus ancestrais. Quando algum dos meninos pergunta a ela se já viu ou tem medo do diabo, a resposta vem com o ensinamento do tempo da mãe Miguelina:

*Preta velha me ensinou,
Ensinou, sim senhor,
Com a sua figa, seu patuá,*

*Fé em Deus, cachimbo e pó
Escorraça Satanás
E no mal dá um nó.*

As mulheres vão visitar Vovó Maria da Guiné quando estão em gestação. São rezadas com galho de arruda e oração forte para que o parto seja normal. Ansiosas querem ouvir de sua boca centenária se vai ser menino ou menina. Ela garante que nunca errou se vai ser homem ou mulher. Nesse instante pede à gestante que na hora do parto chame por ela na mente, cante a cantiga que é mais velha do que os avós de seus avós e que, em certo trecho, diz:

*Preta velha quando vem,
Vem com a luz do seu congá,
Botar luz em nosso parto,
Botar luz em nosso olhar.*

Mora numa casa de adobe, já em ruínas, a cobertura é de zinco velho. Tem uma porta estreita e uma janela de frente. No interior uma sala com o piso de cimento esburacado. Junto à mesa velha, dois caixões servem de assento para os que vão procurá-la. É o que tem para ser usado como cadeiras, além da cama de lona no canto quando a sala tem mais gente. Dois quartos pequenos. No primeiro, uma pequena prateleira guarda os mantimentos. O fogão a lenha fica no segundo quarto.

De uns anos para cá, ela vem vivendo de vender mingau. Sai cedo, segue para os lados da estação velha do trem. Como consegue equilibrar o tabuleiro do mingau na cabeça, ninguém sabe. As pernas arqueadas, os passos vagarosos, mas até certo ponto seguros para a sua idade, deixando pasmado a quem vê. Quando um freguês, que chegou com o rosto sonolento, termina de beber o mingau e diz a ela que não precisa dar o troco, Vovó Maria da Guiné agradece na sua voz arrastada:

*Um abraço dado
De bom coração
É mesmo que uma prece,
É mesmo que uma benção.*

Ao voltar para casa, depois de vender o mingau, sempre se escuta a voz de Vovó Maria da Guiné que se propaga, mansa, pela rua com pouco movimento:

*O mundo de Deus é grande,
Eu trago na mão fechada,
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada.*

Agora andam dizendo que ela deu para aparecer em cidades distantes na mesma hora como se fosse mais de uma. O padre fechou a cara, franziu a testa e ficou com os olhos de raiva no domingo quando soube que o povo está acreditando nas aparições da preta velha. Foi a beata mais velha quem levou ao padre o que o povo tanto comenta.

O mecânico afirma que a viu na plataforma da estação, vendendo mingau cedo quando o trem partiu. Horas depois, ao saltar do trem na estação da cidade de Água Preta, perdeu a fala. Lá estava ela, atendendo os fregueses. Toda bonita com pano da Costa, bata de renda, figa de Guiné, pulseira de prata. Ainda sorriu para ele, como se a sua aparição ali fosse a coisa mais natural deste mundo.

O funcionário do correio ficou nervoso, quase que desmaiou ali mesmo na plataforma da estação, não querendo acreditar no que aconteceu com ele quando viajou naquele domingo para Itapira. Ia visitar o filho que não via há dois anos, desde que casou e foi transferido do emprego no banco. Despediu-se dela na plataforma e,

apressado, entrou no trem que acabava de dar três apitos fortes, anunciando que já ia partir. Da janela deu adeus e, em tom de brincadeira, pediu que ela guardasse o seu copo de mingau para quando voltasse. Quando chegou à Itapira, a primeira pessoa que viu na plataforma foi Vovó Maria da Guiné, que lhe estendeu a mão oferecendo o seu copo de mingau ainda quente.

Nos últimos dias, professores e alunos estão comentando muito no colégio sobre as aparições de Vovó Maria da Guiné. Aqui e lá longe, sem viajar, no mesmo dia, ela aparece como se fosse mesmo encantada. O padre na missa do domingo passado cuspiu cobras e lagartos. No sermão citou trechos da Bíblia que falam dos infiéis ao Cristo, o único que andou em cima das águas, multiplicou os pães e os peixes. Ameaçou de excomungar os que se deixam enganar por todo tipo de credice e boataria inconcebível.

À pergunta do diretor do colégio, se eu acreditava nessas aparições da preta velha, que andavam de boca em boca pelos cantos da cidade, respondi o que achava sobre o assunto: não digo que sim, nem digo que não, ressaltando que nessas coisas esquisitas de preta velha nunca gostei de me intrometer.

Apenas adianto que sempre achei que Vovó Maria da Guiné é uma pessoa que conhece o segredo dos caminhos e o mistério das falas, vindos do seu povo, que habitava as terras longes de África. De fato, ela é uma criatura que faz a gente pensar com sua estranheza. E admirar por sua sabedoria, uma beleza tão dela.

Mudanças I

Charles Nascimento de Sá*

Era um sujeito bem metódico. Acordava sempre, em todos os dias da semana, às seis da manhã. Escovava os dentes, tomava banho, retirava a cueca reservada para aquele dia da semana, vestia a blusa, uma cor para cada dia; as calças, alternava azul nos dias pares e preto nos ímpares, Meia, sapato, marrom para os dias pares, preto para os ímpares, tênis no sábado e domingo.

Se deslocava para o trabalho sempre no mesmo horário e no mesmo ônibus, onde já era bem conhecido, tinha até mesmo sua poltrona favorita que, na maioria das vezes, estava reservada para ele. Chegava ao trabalho sempre no mesmo horário e todos ali, até mesmo seu superior, por ele ajustavam seus relógios. Às oito ele chegava, começava o expediente; ao se levantar no primeiro momento para ir ao banheiro e tomar uma água, seguida de um café, sabiam se tratar das dez horas, parada para lanche na firma. Em sua segunda parte, ao se levantar, sabia-se que era o momento do almoço, até mesmo o chefe ficava ansioso para ele se erguer de sua cadeira. Voltava às duas da tarde, seguido pelos demais funcionários. Às cinco em ponto ia para sua casa, no mesmo horário e ônibus. Dava um beijo na esposa, retirava sua roupa e as colocava no cesto,

* Historiador. Doutor em História pela UNESP/Assis. Autor de Bahia pombalina e História e Historiografia. Organizador de diversas obras no campo da História e da Historiografia. Com artigos publicados em dezenas de revistas científicas nacionais. Professor da UNEB, Campus XVIII. Membro da ALITA ocupando a cadeira de nº 40.

tomava banho, sentava em sua poltrona e ali assistia a televisão; segunda, quinta e sábado eram os dias de ter intimidade com a esposa, nos demais fazia leituras em um dia, cartas em outro, ouvia música no terceiro. No domingo era o dia de visitar amigos e parentes.

Mas se cansou dessa rotina, notava que apesar de todos esperarem por ele para começar e terminar o dia, essa precisão fazia com que fosse chacota no trabalho. Até mesmo sua esposa e filhos, achavam-no muito tedioso e programado. Assim decidiu mudar! Na segunda chegou ao trabalho às oito horas e cinco minutos da manhã, para consternação de todos; já antes, no ônibus não entrara naquele que sempre pegava, mas viera em um logo atrás; a sua poltrona, essa estava ocupada e ele preferiu vir em pé, e notou com isso aspectos da cidade que lhe escaparam antes.

No trabalho, levantou-se três vezes para ir ao banheiro, e duas para tomar café, desorganizou assim a todos os colegas que começaram a ficar preocupados com ele. Seu chefe se exasperou! Saiu antes das cinco da tarde, chegando em casa abriu um vinho e beijou sua mulher, anunciou que sairiam naquela noite para um jantar romântico. Voltando, mesmo não sendo o dia da semana do namoro, fez assim mesmo. Notou nisso tudo sorrisos e indagações por parte de todos, mas, acima de tudo, notou que ele também gostara daquela falta de previsão, que isso lhe fazia bem, não ser assim tão metódico.

No outro dia, repetiu os mesmos esquemas do anterior. Decidiu que assim seria, não mais um sujeito programado como era até então. Mudou sua rotina, sendo agora imprevisível em sua cabeça. E assim passou a repetir cada passo nos outros dias. Com poucas semanas, todos, em casa e no trabalho, já estavam caminhando seguindo seu novo roteiro e horário. Era, enfim, um homem de novos velhos hábitos.

Mudanças II

Charles Nascimento de Sá

Era um sujeito de muita rotina. Todo dia, em todos os lugares que frequentava, fazia sempre as mesmas coisas. Em casa acordava, tomava seu café, saía pontualmente às sete horas e trinta minutos para o trabalho. Dava bom dia ao motorista do ônibus. Chegava em sua repartição, conversava educadamente com todos do trabalho, sentava em sua mesa, iniciava sua labuta. Ao meio-dia almoçava, conversava com os colegas sobre o final de semana, voltava para sua mesa. Retirava-se pontualmente às dez para cinco da tarde. Tomava seu ônibus, dava boa tarde ao motorista, chegava em casa. Brincava com as crianças, conversava com sua esposa, assistia ao jornal, lia um livro, deitava.

No outro dia começava novamente sua rotina. Mas isso o estava deixando desconfortável. Lembrava-se de sua infância, da rebeldia de adolescente, de seus sonhos, sentimentos, das zoeiras que fazia com amigos, do trabalho que deu à sua mãe e ao seu pai, bem a como a outros membros da família. Isso o incomodava.

Decidiu mudar. Se dispôs a fazer tudo diferente, não seria mais o mesmo, seria outro dali por diante. Alteraria sua rotina, sairia mais tarde de casa. Namoraria com sua mulher pela manhã e não mais à noite. Chamaria um Uber e não mais o ônibus. Se atrasaria um pouco, mas não muito, para chegar ao seu trabalho. Almoçaria mais cedo, conversaria e voltaria mais tarde para sua bancada. Ao sair do trabalho ficaria com os colegas no chope. Chegaria em casa,

abraçaria sua esposa, beijaria os filhos e os levaria para comer uma pizza em um restaurante. Faria sexo louco com sua mulher. Dormiria. Faria isso. Estava decidido. Poria um fim àquela rotina que o atormentava. Faria isso com certeza.

Mas não hoje, talvez amanhã. Pior que amanhã ele tem que ir ao médico. Próximo dia após o médico, não daria, seria final de semana, já tinham agendado uma viagem com amigos. Estava decidido, seria na segunda, começaria a semana com tudo renovado em sua vida. Mas se lembrou que exatamente naquela semana, faria vinte anos de firma, seu chefe já lhe havia comunicado que estaria lá para tomar um café com ele, todos na repartição estavam prontos para lhe dar parabéns. Não podia ser na segunda, nem naquela semana também. Estava decidido a mudar, e mudaria sua rotina, não tinha mais volta, não tinha como não alterar aquilo que lhe incomodava. Estava decidido, assim faria! Mas não hoje!

A avó invisível

Ruy Póvoas

Algo sempre me chamou a atenção e nunca pude compreender aquilo, enquanto durou minha infância. Todos os meus colegas e amigos tinham avó. Não podia entender por que só eu não tinha. Acontecia o seguinte: não cheguei a conhecer minha avó materna. Ela faleceu antes que eu tivesse nascido. Nas narrativas de minha mãe e de minhas tias maternas, aparecia o vulto mágico, divino e majestoso de uma senhora que passou a vida inteira nas fronteiras da resistência. Foi criada por uma madrasta, nas mãos de quem sofreu e padeceu por ser filha fora do casamento de seu legítimo pai.

Finalmente, o tempo e o destino conjecturaram e ela se libertou daquele cativo por conta da maioridade. Casou-se com meu avô e foram viver no interior da mata do Camacan. Ele era neto de Inês Mejigã, a sacerdotisa de Oxum, que foi trazida à força das terras de Ilexá e reduzida a escrava no Engenho de Santana, em Ilhéus. Narrar sua resistência daria um polpudo romance histórico.

Então, aquela minha avó foi construída em mim, com um perfil de deusa, grande-mãe, sem a qual minha mãe não viria à existência. Muito menos eu que estou a narrar estas memórias aqui e agora, oitenta anos depois.

Do outro lado, havia uma outra avó, mãe de meu pai. Cheguei a conhecê-la e a vi algumas vezes. Era uma senhora idosa, branca, de ares compenetrados, roupas compridas, de cores sombrias. Quase não tinha lábios. Residia num palacete

que me enchia de medo de provocar algum incidente. Eu não sabia me movimentar naquele ambiente. Nas poucas vezes em que fui levado até ela para pedir-lhe a bênção, nunca recebi um abraço daquela imponente matriarca.

Depois, ela se foi e me levaram para assistir ao seu funeral. Fechou-se a cortina das oportunidades, e a mim caberia me conformar que nunca mais haveria, na minha vida de criança, a oportunidade de ser neto. Melhor dizendo: a bênção de ser aconchegado um dia, no colo de minha avó.

Que fiz eu, então? Não me dei por vencido e resolvi ter avós. Não; não bastava uma; tinha de ser tantas quantas fosse possível construí-las em mim.

Por uma dessas oportunidades que nos aparecem apenas uma vez na vida, meus pais se mudaram para a Rua do Sauípe, no Pontal. Sabem o que aconteceu? Não? Pois eu lhes conto: fomos ser vizinhos de uma senhora idosa que morava sozinha. Era viúva, católica praticante, tinha uma parreira no quintal e uma vaca no Morro de Pernambuco. Pronto! Lá estava ela prontinha. “Bênça, minha avó!” Foi a frase que me saiu compulsoriamente, na primeira vez que a vi. Ela tomou um susto, me abençoou e me disse: “Onde andava você, que há tanto tempo espero?” Não entendi a pergunta e respondi: “Estava na casa de minha mãe”. Ela achou minha resposta muito engraçada.

Abriu-se a magia de um novo tempo. Ali estava a avó que sempre precisava e desejei para mim. Passei a ser agraciado com cachos de uva, doce de leite, bolachinha de goma. À noite, antes das oito horas, Vó Idalina sentava-se à porta, acomodada numa cadeira de palhinha que tinha um alto espaldar. Punha um banquinho junto à sua cadeira e eu me sentava. Abriam-se as portas da magia. Vó adentrava no emaranhado de sua história de vida e me narrava seus tempos em que morava no Camamu. De repente ela dizia: “Está na hora de dormir.”

Eu tomava a bênção a ela e voltava para casa. Não; não era eu que voltava, aliás nunca voltei. O mundo que Vó Idalina me mostrava era feito de sonhos, para longe, bem longe da dura realidade.

Outras vezes, ela me conduzia pela mão e me levava para a Igreja, nas noites de reza do terço, do mês de Maria, do culto a São João Batista. Nunca mais fiquei ressentido quando meus colegas me falavam de suas avós.

Um dia, meus pais resolveram se mudar. Eu não tinha ainda idade suficiente para visitar sozinho minha avó. Sem atinar na importância disso para mim, minha mãe nunca me levou para visitá-la. Cheguei a ficar sabendo da época de seu falecimento.

Não me dei por vencido. Era necessário repor minha avó. Aquele lugar não poderia ficar vazio, sob pena de eu me desumanizar. Foi até sem querer que tudo se deu. Minha mãe era amicíssima de uma família, governada pela matriarca Geralda de Peixe Marinho. Exímia sambadeira, mulher do candomblé. Um dia, minha mãe me levou pela mão, para uma visita àquela família. Quando lá chegamos, uma senhora estava na sala, com um prato de esmalte no peitoril da janela e ela estava comendo. Mal entramos, ela exclamou: “Chegou quem faltava. Eta belezura. Vem cá, meu neto!”

Larguei a mão de minha mãe e corri para ela, de braços abertos. Sabem o que ela fez? Me acolheu, me suspendeu do chão, me pôs no colo e botou bolinhos de comida na minha boca. Não me perguntem que comida era. Saber disso era destituído da mínima importância. Bastava saber que era comida dada na boca. Como não terminar sendo escritor? Estava selado meu destino.

Era janeiro. Minha Vó Geralda disse a minha mãe que iria fazer uma viagem com outras pessoas da família e queria me levar. Tive um acesso de alegria tamanho que, daí em diante, nem sei contar como os acertos se deram.

Primeiro, viajar de trem. Não; não foi uma viagem. Pouco me importava para onde. O mais importante era saber que estava viajando com minha vó.

Dei por mim no Macuco. De lá, até ao local onde se localizava o terreiro para o qual eu estava sendo levado, seria a pé, numa trilha por dentro da mata. Um homem, cujo nome não recordo, passou a fazer parte do grupo, armado de espingarda. Era para o caso de alguma onça aparecer no caminho. Meu coração saltou de alegria quando eu soube que, na mata a ser percorrida, também tinha onça.

O grupo partiu pela manhã bem cedo. Logo na saída, Benvinda, uma das integrantes do grupo, atolou-se num barreiro. Foi motivo de gozação por parte de todos. Seguimos. De vez em quando, o grupo parava para merendar. Quando isso acontecia, minha vó tomava um gole não sei de quê. Não permitiram que eu provasse. Vó Geralda parecia um homem: facão amarrado na cintura, chapéu de palha na cabeça, barra da saia presa dos lados, na cintura, galochas a meia perna. O resto do mundo não me importava, minha vó me preenchia de tudo, num canto de mim que antes Vó Idalina deixou vazio.

Apenas a mata competia com minha avó. Árvores gigantescas, bichos passando para lá e para cá. Apareceu um pé de tararanga e todos se fartaram de tanto comer as frutas. O emaranhado de cipós e ramagens exigia a cada instante que os facões entrassem em cena. Como era bonito ver aquelas pessoas abrindo as veredas. Seu Antônio de Guinga me pôs no cangote dele e eu passei a ver o mundo acima de todo mundo.

De repente, uma onda avassaladora de um perfume que nunca senti se esparramou pelos ares. E eu quis saber, indagando: “Ô que cheiro bom, vó! O que é?” E ela, mostrando-se saber de tudo, conforme eu intuía: “São as flores do jasmim do brejo.”

Chegamos ao Robalo bem à tardinha. Todo mundo enlameado. Tínhamos de atravessar um rio a pé, pois o terreiro ficava na outra margem. Na minha visão era um rio tão largo quanto o mar. Havia corredeira e um caminho sobre pedras. Eu continuava no cangote de Seu Antônio. De lá, só saí nas trilhas planas e seguras. O rio deslizava sob nós todos, cantando uma cantiguinha que nunca mais esqueci.

Chegamos. A casa ficava em cima de um morro, de onde se via tudo lá, embaixo. Foi um assanhamento total. Bênção, abraços, risadas, perguntas, exclamações. Eu estava penetrando o reino maravilhoso de um terreiro encantado, situado no coração da Mata do Camacan. As pessoas que iam para lá assim faziam para permanecer um mês ali.

Nosso grupo se encaminhou para o interior da residência, acompanhado da procissão dos que nos receberam. Paramos diante de uma senhora a quem todos pediram a bênção reverentemente. Vó me ordenou: “Venha, fale com ela.” E eu respondi: “Digo o quê, vó?” E ela: “Tome a bênção.” E eu: “A bênça, minha vó Josefa do Robalo.” Foi uma risadaria só e eu fiquei sem entender.

Ela nem me respondeu. Levantou-se me suspendeu do chão, me pôs nos braços, segurou uma de minhas mãos e saiu bailando pela sala, cantando: ‘Nan-nan-nan-naniiii. Que neto lindo, parece um anjinho de Deus.’ A risadaria aumentou e eu nem queria saber, pois estava recolhido nos braços de uma divina bailarina. Ainda ouvi uma mulher comentado: “Quem diria... a véia Zefa dançando com uma criança. A sorte não é para quem quer, é para quem é.”

Pronto. Estava eu com duas avós juntas, num mesmo lugar, vivinhas, alegres para comigo, acolhedoras e, além de tudo, dançarinas. Eu não precisava penetrar no mundo delas. Elas traziam seus próprios mundos para dentro do meu.

Passamos um mês naquele paraíso e voltamos para o degredo do Pontal. Vó Idalina agora vivia apenas na minha memória, onde ficou para sempre. Vó Zefa do Robalo ficou lá, na outra margem do rio, enquanto simultaneamente passou a fazer parte de mim. Mas havia Vó Geralda que não se demorou muito e viajou para o mundo indizível.

Essas três senhoras agiram comigo com tanto afeto, com tanto amor, com tanto acolhimento, a ponto de nunca mais eu me entristecer porque não tinha avó.

E de lá, no mundo etéreo onde elas passaram a residir, recebam de mim eterno reconhecimento e penhor de gratidão. Se eu não as encontrasse nos meus caminhos, certamente seria uma pessoa muito amarga. Elas me ensinaram a doçura do viver e a felicidade de ser gente ao me receberem enquanto neto seus.

A mim, a vida me reservou dose tripla de avós. E justamente por isso vivo em plena paz comigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus que é tudo isso.

Divina é a felicidade de ser neto. Gloriosa é a oportunidade de fazer-se avó. Quem teve as avós que eu tive recebeu a bênção do Universo de dançar nos braços da Divina Bailarina, Mãe da Mãe.

Texto produzido em 26 de julho, 2023.

**Crônicas
Históricas
e do
Cotidiano**

E a vaca queria estudar

João Otávio Macedo

Fica difícil para um jovem atual entender como era a vida décadas atrás, quando transcorriam os dias sem televisão, sem internet, muitas das cidades e povoados sem eletricidade. Difícil avaliar o impacto que as conquistas tecnológicas trouxeram, principalmente depois da segunda guerra mundial.

Recuemos no pensamento à nossa Itabuna dos anos quarenta e cinquenta e façamos algumas comparações com o que temos e o que vivemos na atualidade: a cidade bem menor, não chegava a vinte bairros, nenhuma rua era asfaltada, as do centro eram calçadas por paralelepípedos; praticamente, só havia dois jardins para a moçada frequentar, poucos veículos se compararmos com essa profusão de carros e motos; nenhum supermercado, que só apareceram entre as décadas de sessenta e setenta; as compras eram feitas na feira livre semanal e nas "vendas", que vendiam a prazo e cujo débito era anotado nas cadernetas; ao final do mês o débito era quitado religiosamente, dentro de um relacionamento cordial entre as partes.

O grande ponto de encontro da mocidade que frequentava até 1953, os dois únicos ginásios que funcionavam durante o dia, era o jardim da Praça Olinto Leoni. A juventude estudantil costumava frequentar as matinês dos cinemas e, ao final da tarde, dar uma "esticadinha" até o jardim, para um "*footing*" e a salutar arte da "paquera". A praça abrigava um belo jardim e, no seu entorno, situavam-se os prédios da municipalidade e o Itabuna Club, o primeiro da cidade,

fundado no final da década de trinta, cujas festas às quartas à noite e nos finais de semana atraíam os jovens tão logo eram emitidos os primeiros acordes da orquestra. No clube também eram realizados os festejos de datas como Carnaval, São João, Dia da Cidade e outros em datas importantes.

Naquela época não havia frigorífico e os animais que seriam sacrificados, eram trazidos para o matadouro municipal que ficava onde hoje situa-se o IMEAN. Esses animais, comprados nos sertões da Bahia e de Minas Gerais, desfilavam pelas ruas da cidade, desde o bairro de Bananeiras até a chegada ao matadouro, passando por Burundanga, Mangabinha, Berilo, Rua da Jaqueira, Beira do Rio, Praça Olinto Leoni, Taboquinhas e Barão do Rio Branco até alcançar o abatedouro. Havia uma estrada, margeando o lado esquerdo do Cachoeira por onde a "comitiva" desfilava.

A vacada ou a boiada era conduzida por hábeis vaqueiros mas, de vez em quando, uma rês desgarrava-se do grupo e resolvia invadir o centro da cidade, ou mesmo, ir adiante, até alcançar um bairro. Os valentes e experientes vaqueiros traziam o "fujão" de volta ao grupo. Por essa época havia uma amurada entre o trecho dessa estrada e o jardim, ponto de encontro da juventude e das pessoas que iam apreciar o rio, principalmente durante as enchentes do Cachoeira. Todas as vezes em que uma vaca ou um boi fugia, era um pânico no centro da cidade, com os comerciantes fechando rapidamente as portas de seu estabelecimentos e os jovens correndo ou subindo nas árvores do jardim.

Pois bem, numa certa tarde, talvez primaveril, uma vaca evadiu-se, bastante assustada, alcançou a Cinquentenário, continuando sua marcha até encontrar os portões da Colégio São José da Ação Fraternal de Itabuna, onde um dos portões encontrava-se aberto e a vaca não titubeou, entrando justamente, no horário em que as freiras encontravam-se com as estudantes - naquela época só eram aceitos estudantes

do sexo feminino - preparando-se para ingressar nas salas de aula; uma das freiras empunhava um sino e continuou impassível, tocando o seu sino. Como um milagre, a vaca também estancou mas o estrago já estava feito; debandada de alunas e funcionários, gritaria da maioria tentando abrigar-se do animal que, afinal não causou nenhum mal, além do susto. Uma única estudante registrou um pequeno ferimento no pé e, ao que se sabe, foi a única ocorrência.

Mas, o pior foi a boataria que, rapidamente, espalhou-se pela cidade, com pais e mães correndo para a Ação Fraternal, pois espalhou-se que havia algumas estudantes feridas. A freira continuou tocando o seu sino até que tudo se acalmou e as estudantes foram se acalmando, Naquela tarde não houve mais condições de aula. Pais e mães se acalmavam quando chegavam e viam que suas filhas estavam sãs e salvas.

O espírito brincalhão do brasileiro aflorou naquele instante e, imediatamente, na mesma tarde, as meninas "bolaram" uma marchinha utilizando a música "Corre, corre, lambretinha":

A vaquinha a educada
Quis fazer uma visitinha
Marcou horário para uma e meia
E chegou na hora certinha

Mas as meninas não esperavam
Estavam todas desprevenidas
Quando deram com a cara dela
Correram todas para a sentina.

E assim, se conta a história da "vaca que queria estudar".

O pássaro e a gaiola

Marcos Bandeira

Manhã morna de domingo, o sol já despontava no horizonte e espalhava seus primeiros raios quando resolvi dar uma caminhada em torno do meu condomínio, tanto para melhorar o meu condicionamento físico quanto para relaxar, pois as medidas restritivas impostas pela pandemia criaram uma prisão em nossas próprias cabeças, e todos precisavam se movimentar para experimentar a sensação de ir e vir, de liberdade.

O percurso todo seria em torno de 2 km Fiz alguns aquecimentos e depois passei a caminhar em alta velocidade. Parava um pouco para respirar e depois disparava uns gatilhos de corrida, correndo cerca de 30 segundo, e assim, revezavam-se caminhada e corrida rápidas.

Após ter completado duas voltas em torno do condomínio, parei um pouco para respirar e percebi ao lado uma janela aberta onde estava dependurada uma gaiola e, dentro dela, um pássaro bonito com plumagem multicolorida. Aproximei-me e fiquei olhando para o pássaro aprisionado. Ele me olhou e seu canto muito triste tocou fundo o meu coração. Seria um pedido de socorro? A vontade que eu tinha era adentrar na casa e soltar aquele pobre coitado que estava cumprindo pena sem ter cometido um crime sequer.

O que passa nas cabeças das pessoas que criam pássaros nas gaiolas? Será que não percebem que esse ato de aprisionar um pássaro para ouvi-lo cantar é uma das maiores expressões

do egoísmo do ser humano? Deve ser bom para o algoz acordar cedo e ouvir diariamente o canto triste e suplicante de um pássaro. Não importa se ele chora, não importa se seu canto é triste; o importante é que ele canta bem e enfeita os seus ouvidos de dono.

Continuei andando e ainda cheguei a olhar para trás para ver se ainda conseguia enxergar o pássaro triste, mas não mais consegui vê-lo, apenas ouvia ainda o seu canto triste. E aquele canto me fazia lembrar que Deus criou os pássaros para viverem em liberdade, voar, cantar e enfeitar a natureza com suas cores variadas e brilhantes.

Aquele pássaro triste enxergava árvores ao seu redor e outros pássaros que voavam próximos, mas aquele cárcere minúsculo da gaiola o impedia de chegar aos outros, de voar como os outros e de pousar nas árvores como os outros porque as árvores são seu aconchego e as nuvens são seu limite. Seu canto deve ser de alegria, não, de tristeza.

Quando se coloca um pássaro dentro de uma gaiola, não se prende apenas o seu corpo físico, mas sobretudo a sua alma libertária, sufocando seu canto natural e alegre, cuja perfeição é a própria natureza em sinfonia!

Meus gansos canadenses

Marcos Bandeira

Encantei-me com a história dos gansos canadenses, pássaros grandes com cabeça preta e branca, que vivem em média vinte e cinco anos e que ao voarem em conjunto são capazes de percorrer 2,4 mil km em 24 horas. Por tratar-se de um texto motivacional, sua mensagem, a depender das circunstâncias, aplica-se a nós, seres humanos.

No longo voo, o bando de gansos se organiza na forma de um V, cujo vértice é voltado para a frente. O líder vai à frente, indicando a direção. Quando este cansa alterna a posição com outro do bando. As rajadas de vento forte provocadas por cada pássaro que vai à frente cria um vácuo para o outro que vem atrás, aumentando consideravelmente o desempenho do grupo com o mesmo esforço. Os gansos que vão atrás grasnam insistentemente motivando aqueles que voam à frente. Quando um dos gansos é ferido ou fica doente durante o voo, dois deles saem dos seus respectivos lugares para ficar perto e dar proteção ao ganso machucado.

O impacto que essa história me causou foi tão forte que certo dia no terraço da minha casa, finalzinho de tarde, degustando um bom vinho Malbec ao som das músicas de Rod Stewart, “I don’t want to talk about it” e “Poema” de Ney Matogrosso, embarquei numa viagem imaginária sobre os gansos canadenses. Olhei para cima e vi um bando de pássaros grandes, com plumagem preta e branca, voando sobre meu terraço, exatamente às 17h35. Eu já havia observado havia algumas semanas, que eles sempre passavam por ali nesse mesmo horário, indo em direção ao Rio Cachoeira. E pensei: serão os gansos canadenses?

Começando a degustar a segunda garrafa de vinho e, aliado ao embalo da boa música vi-me imaginando coisas imponderáveis: se eles voam 2,4 mil em 24 horas é bem provável que eles podem percorrer uma distância ainda maior em busca de um aconchego tropical protegido pela Mata Atlântica. É difícil, mas não é impossível!

Passado um bom tempo depois dessa viagem suavemente etílica, numa das viagens a São Paulo, confabulando com um grande amigo, também operador do Direito e detentor de uma cultura geral invejável, degustando um bom vinho, contei-lhe que os gansos canadenses todo finalzinho de tarde, no mesmo horário, passavam sobre o terraço de minha casa em direção ao Rio Cachoeira. O meu amigo, que conhecia muito bem a história dos gansos canadenses, olhou-me profundamente e disse: “Marcos, você está enganado, não são gansos canadenses. Os pássaros que você viu chamam-se biguás”. Aquelas palavras doeram fundo na minha alma sonhadora. A sinceridade que saía dos lábios dele contrastava com o meu semblante de desapontamento e decepção. Ele percebeu o meu desalento.

Ao voltarmos para o hotel onde estávamos hospedados, não tardou mais do que quarenta minutos, quando ele interfonou para mim: “Marcos, analisei melhor e verifiquei aqui. Você não está enganado. São mesmos os gansos canadenses”. Meu desalento foi-se embora dando lugar a uma grande e frenética gargalhada. Evidentemente que meu amigo não queria me desapontar e preferiu pegar carona nas asas da minha imaginação, substituindo a dura realidade que não tem muita graça e onde jamais encontraríamos esses gansos canadenses.

Ainda assim, e às vezes, prefiro refugiar-me na imaginação do encontro com meus gansos canadenses, brindando-os com a garrafa de um bom vinho e de uma boa música que me façam transcender as fronteiras de cotidiano.

01/01/2023

Um menino nos nasceu

Clóvis Silveira Góis Júnior*

Chapada dos Índios, extremo sul do estado de Sergipe, sábado, 25 de setembro de 1852¹. Era o início da primavera sergipana, e todas as atenções estavam voltadas para a humilde residência do seu José Alves. Naquela rústica moradia edificada no vale do Rio Real, no simples quarto do casal, cuja porta estava semicerrada com uma cortina de fuxico, a frenética atividade da aparadeira havia cessado. A expectativa dos familiares e vizinhos, que se esparramavam pela sala, corredor e eirado, não parava de crescer. Não demorou muito, no interior do cômodo, a parteira, suando a bicas, porém ativa, estava ciente de que desenvolvera com eficiência seu ofício. Mais um bebê veio ao mundo por suas mãos. Era um menino!

* Casado com a pedagoga Iara Souza Setenta Góis, com que tem dois filhos: Felipe Setenta Góis e João Marcos Setenta Góis. Servidor público federal da Justiça do Trabalho há 36 anos. Graduado em Administração e licenciado em História. Administra o perfil @historia.grapiuna. Publicou dois livros: "A Gênese do Adventismo Grapiúna" e "Sequeiro do Espinho: passos de um conflito". Na Academia de Letras de Itabuna- ALITA, ocupa a cadeira número 34, tendo como patrono Jorge Calmon.

¹ (Chapada dos Índios pertencia à época ao município de Espírito Santo [depois, Indiároba]), "Só em 4 de março de 1882, por meio de lei provincial, o povoado Chapada foi elevado à categoria de "Vila Cristina" (homenagem à Imperatriz brasileira, D. Tereza Cristina), desmembrado do município de Espírito Santo (Indiároba)." Acervo Biblioteca IBGE, Acervo documentação territorial: Cristinápolis-SE.

Já nascera vencedor, pois naquela distante paragem de um tempo remoto, meados do século XIX, a mortalidade infantil era acachapante, principalmente em zonas afastadas de centros urbanos que não oferecessem condições mínimas para um parto normal.

O pai, orgulhoso, exhibe seu saudável buguelo, apresentando o mais novo morador da casa aos vizinhos, parentes e possíveis padrinhos. A primeira pergunta ouvida por seu José foi: “Qual vai ser a graça do menino?” O assunto, já tratado com a genitora caso viesse um macho, não o pegou de surpresa, imediatamente respondeu: José Firmino Alves!

Sem antecedentes nobres, aquela família e demais conhecidos, não imaginavam que o recém-nascido faria história, mesmo longe do torrão natal, e seria o patrono de um importante município baiano. Nem de longe sonhavam, ou quiçá imaginavam, que o filho de dona Maria do Carmo Severino de Oliveira Alves, seria o fundador de uma das mais populosas² e ricas cidades do Brasil.

A linhagem Oliveira Alves, de ascendência portuguesa, africana e indígena, compunha-se de pequenos produtores rurais, plantadores de cana-de-açúcar, para fornecimento aos alambiques das cercanias; também eram cultivadores de mandioca, feijão, arroz e milho, utilizados para a subsistência familiar³.

Deste a mais tenra idade, Firmino, sob o massapê sergipano, aprendeu a labutar com a terra, a valorizar o trabalho e apreciar a honestidade. Sabia que sem trabalho e sem honra

² Na década de 1940, Itabuna estava entre os 20 mais populosos municípios do Brasil. <https://observatoriocensal.org/2019/08/28/evolucao-dos-municipios-brasileiros-mais-populosos/> acessado em 12/7/2023

³ História Econômica de Sergipe: 1850-1930, dissertação de mestrado de Josué Modesto dos Passos Subrinho, p. 18 a 20 <https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/historia-economica-de-sergipe-1850-1930.pdf>, acessado em 21/9/2013

o ser humano não teria valor, princípios herdados de sua origem tradicionalmente católica. Na meninice iria dividir seu tempo com os rústicos brinquedos (feitos de lata, carretel de linha e sabugo de milho), a pequena enxada de cabo reduzido, utilizada para carpir, e ainda o pote de barro, serventia para o transporte d'água utilizada nas lidas domésticas.

Passada a euforia inicial proveniente da vinda do herdeiro, voltava o seu José Alves a remoer antigos pensamentos. A partir do casamento, nunca deixou de vislumbrar um futuro melhor para os seus. Aquela ideia era recorrente, principalmente quando lembrava do tamanho reduzido de sua posse rural e, também, quando visualizava alguns fatores como crescimento familiar, exaustão do solo, e as reiteiradas secas nordestinas.

Não imaginava que aquele menino, chegado ao mundo no último dia 25, iria alavancar os horizontes dos Oliveira-Alves e ainda iria mudar a forma do coronelato sul baiano. A vida do rebento recém-chegado, e sua atuação em terras distantes, bem como a sua luta emancipatória, faria surgir uma das cidades mais importantes do Brasil. O bebê que agora se esperneava e chorava no tosco berço de madeira chinfrim, seria exaustivamente mencionado em livros de memorialistas e trabalhos acadêmicos, e ainda intitularia rua, avenida, colégio, praça, paço e cidade.

Durval Pereira da França Filho

Temas e tempos diversos: a memória, a história e a vida de um erudito

Charles Nascimento de Sá*



No livro *Quase memória*, do escritor Carlos Heitor Cony, o protagonista da obra recebe, via correios, um pacote que ele acredita ter como emissário seu pai, morto já havia alguns anos. Sem que ele o abra, para ver seu conteúdo, alguns dos aspectos exteriores do presente (um nó, o fio usado para embrulhar, o papel, a letra, a caneta, a cor da tinta, o cheiro, entre outros.) começam a fomentar sua memória, e ele vai assim, inserindo o leitor

* Historiador. Especialista em História Regional; Mestre em Cultura e Turismo; Doutor em História. Professor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus XVIII, Eunápolis. Membro da Academia de Letras de Itabuna - ALITA.

no universo de sua infância, adolescência e vida adulta. Em todos esses momentos, como um guia e condutor da narrativa, encontra-se a figura do pai.

Tal qual o protagonista dessa maravilhosa história, minha memória me conduziu, e me fez sentir sabores e vivências de minha infância e adolescência. Isso aconteceu ao receber em minha casa, via correios, um presente. Este, veio em um envelope dourado, escrito com letras que me remeteram à minha infância, à caligrafia do meu pai, com o cheiro característicos das antigas postagens pré-internet, do uso da caneta para pôr por escrito o endereço que se deseja enviar a encomenda, da cola usada para selar o envelope, enfim, de um outro mundo, de uma outra época. Foram também as memórias, e histórias nelas contidas, que me nortearam durante o período de leitura do presente que ali estava incluso: o livro *Temas e tempos diversos* do historiador, memorialista, poeta, professor, intelectual, ensaísta, meu querido e terno amigo: Durval Pereira da França Filho.

Pouco tempo antes de receber o livro em minha casa fui agraciado por um contato seu via Whats App. Perguntava meu endereço, ao mesmo tempo que me dava notícias suas e de sua família. Durval é desses amigos que a vida nos concede e que, de imediato, nos sentimos privilegiados por tê-lo ao lado. Conheci-o em nossa primeira aula do curso de História, na UESC, no ano de 1994. Desde nosso primeiro contato fui logo impactado pelo seu conhecimento, carisma, bondade, inteligência, dentre tantos outros atributos. Ao longo dos cinco anos de nossa graduação tive nele um guia, um pai, que me ensinou a trilhar pelos caminhos de Clio. Com ele trilhei a graduação em História, Especialização em História Regional e Mestrado em Cultura e Turismo.

Seu livro é um compêndio de textos e artigos escritos ao longo de sua vida. Nesse sentido, *Temas e tempos diversos*, possui no título toda a explicação quanto ao conteúdo

que o leitor vai ali encontrar. O tempo, elemento sem qual não existe o historiador, está ali em suas diversas facetas: está na ordem cronológica em que os textos foram escritos, o primeiro tendo sido escrito em 1983, o último em 2022, está também no recortes e fraturas tão inerentes a toda temporalidade e ao estudo do historiador. Sobre os temas, encontramos a história, o cristianismo, em sua verve adventista, e o ensino como os principais itens que ali são discutidos.

É sagaz perceber o quanto de sua fé foi sempre aliada em sua caminhada. Em textos escritos para a revista Ação Jovem, da Igreja Adventista, ele conclamava aos seus irmãos de fé que a vivessem, mas também a alicerçassem com base no conhecimento histórico e filosófico. Durval é um homem de fé, que muito bem faz ao cristianismo atual, tão esmagado pelo preconceito e pelos vendilhões do templo.

Durval singra em sua obra explicando, de modo didático e com excelentes referências, assuntos que vão da colonização, passando pelo padroeiro de Canavieiras, São Boaventura, o nascimento do cristianismo, o ensino da História, bem como relatos de memória sobre amores do passado e o agouro que o dia 24 de agosto carrega. Temos ainda um apaixonado texto em que exalta seu amigo de longa data, o jornalista Tyrone Perrucho, fundador do jornal Tabu, exaltando, na morte do amigo, seu legado e sua amizade. Fecha o livro com uma arguta resenha da obra *Humanos, em prosa e verso*, de autoria de Antônio Pereira Sousa e Cláudio Zumaêta Costa.

Foi para mim um deleite poder ler a produção de uma vida de meu grande amigo. Entre emocionado e aprendiz, pude reviver em minhas lembranças tantas conversas, tantos aprendizados, com o qual fui agraciado no período em que estivemos sob o teto da UESC. *Temas e tempos diversos* revela assim a trajetória do historiador e do apaixonado pelas letras. Uma boa leitura.

REFERÊNCIAS

CONY, Carlos Heitor. **Quase memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FRANÇA FILHO, Durval. **Temas e tempos diversos**. Canavieiras: edição do autor, 2023.

Tributo a Alício Peltier de Queiroz, patrono da cadeira 7 da Academia de Medicina de Itabuna

Silvio Porto de Oliveira



Alício Peltier de Queiroz

Iniciando uma série de relatos da vida de nossos patronos, escolhi começar pelo Prof. Alício Peltier de Queiroz. As novas gerações precisam conhecer os pioneiros da medicina do Sul da Bahia. Essa é uma das maiores responsabilidades de toda Academia. Resgatar a história dos grandes médicos e porque são imortais.

Nasceu em Valença, Bahia, em 29 de julho de 1906, filho de D. Eugênia Peltier de Queiroz e do fazendeiro Eunápio Rosa de Queiroz. Depois dos estudos básicos em sua terra natal, veio para Salvador para os estudos preparatórios e,

desse modo, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia - FAMEB

Graduou-se em Medicina aos 21 anos, em 1927, na “turma dos notáveis da FAMEB”, da qual fizeram parte também os professores catedráticos Carlos Rodrigues de Moraes (Otorrinolaringologia), Hosannah de Oliveira (Pediatría), Jorge Valente (Urologia), José Silveira (Tisiologia) e o Professor Catedrático Thales de Azevedo da cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH-UFBA). Fazem parte dessa turma também José Eugênio Mendes Figueiredo, professor de Patologia Geral e Dr. Diógenes Vinhaes.

Sua tese inaugural foi Breves considerações sobre a physiologia da puberdade na mulher. Após formatura, por motivos pessoais, mudou-se para Vitória do Espírito Santo, onde exerceu a prática médica.

Retornou a Salvador, casando-se com Sra. Luzia Queiroz. Mudou-se para Itabuna, em 1930, onde além de exercer as atividades clínicas, criou, em 1º de dezembro de 1935, provavelmente a primeira revista médica do interior do Estado da Bahia, os Anaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Itabuna.

Nos seus trabalhos científicos contou com a colaboração do excelente artista plástico, pintor, desenhista, caricaturista Walter Moreira, de quem se tornou grande amigo. Os desenhos anatômicos de Walter ilustravam os artigos científicos e ficaram famosos no Brasil e no exterior.

Com o falecimento da esposa, casou-se com Maria Dalva Soares de família tradicional de Itabuna filha de Gabriel Nascimento Soares e Maura Alves Soares no ano de 1937 e tiveram duas filhas: Alba Regina e Heloísa. Sua nova esposa era irmã de Julita Soares Amorim (mãe de Nevolanda Pinheiro), Cantídia Soares Netto (mãe de nosso colega Ronaldo Netto), Aldemira Soares de Aquino (mãe de Ramiro Aquino),

Áurea Soares Magno Batista, Raquel Alves Soares e Corbulon Alves Soares.

Em 1945 Alício Peltier de Queiroz fez o concurso para Cátedra de Clínica Ginecológica da FAMEB, antes ocupada pelo Prof. Aristides Pereira Maltez. A pontualidade marcou sua carreira profissional: A primeira cirurgia tinha de começar exatamente às 7 horas, mesmo quando os canhões do golpe de 64 invadiram as ruas e praças da cidade. Rotina que mantinha graças à eficiência da enfermeira Hyeda Rigaud e a fiel dedicação da senhora D. Antônia, sua ajudante-secretária.

Clinicou também no Hospital Português. Foi compulsoriamente aposentado da FAMEB ao completar 70 anos em 1976. Continuou a exercer a medicina no Hospital Jorge Valente a convite de Jorge Valente Filho, filho do colega de turma.

Foi homenageado várias vezes como paraninfo dos formandos da FAMEB. Em 1959 agradeceu à turma pelo critério da escolha: “caros amigos, elegendo mestre humilde, sem prestígio e sem força, sem dinheiro e sem poderes, concorrestes para restaurar o significado do instituto da paranifia”. E, de modo contundente, continua sua fala com uma crítica ao que se passava na Academia e na sociedade como um todo, diz: “nesta hora calamitosa, em que tudo, por aí afora, se trafica e se barganha, no mercado do interesse e dos acolitismos! Acólito aqui, no sentido daquele que, ao chefe, “para pensar, pede licença”, numa crítica poética contra a subserviência no “mercado de interesse”, inclusive no ambiente universitário.

Nessa Oração de Paraninfo, que o conselho universitário proibiu de ser transmitida pelo rádio, ele faz um autorretrato: “Homem supinadamente desatado e livre; médico e professor por impulsão profunda do espírito, profunda e incoercível” e que, como fez questão de destacar,

entrou na Faculdade de Medicina da Bahia por concurso de títulos e provas, sem muletas e sem conchavos, abrindo caminho entre duas instituições, em prélio inolvidado. No exercício da cátedra, há quatorze anos ininterruptos, hei mantidos, como constantes da vida, a crença no trabalho, a fidelidade à medicina e a fé inabalável na força e nos destinos da mocidade.

Sobre a Escola Mater da medicina brasileira diz: “Há 150 anos, forma médicos para o Brasil. E que médicos! Há 150 anos, dá ao Brasil homens de ciência, técnicos, tribunos, publicistas, revolucionários, soldados, até, heróis! Em todas as nossas horas críticas e difíceis, ela respondeu: Presente! na Independência; no Paraguai; em Canudos; nas epidemias e calamidades públicas; na revolução de 32”.

Na Oração de paraninfo numa homenagem anterior, no ano de 1948, ele fez uma reflexão sobre a medicina: “Sabeis que a medicina é ciência, pelos métodos de estudo e observação; e que é arte, pelo papel que nela desempenha a personalidade do médico. Esta influência pessoal jamais desaparecerá da medicina e, por isso, ela estará sempre acima do tecnicismo bitolado e das formações em massa. Mas sabei, também, que, além de ciência e arte, ela é, essencialmente, uma filosofia. A concepção que o médico tenha da vida e do mundo, no sentido filosófico, terá um valor considerável no exercício da profissão. “

Seu encantamento se deu em 9 de julho de 2003. Ainda em vida, recebeu várias honrarias, como a colocação do seu retrato na Santa Casa de Misericórdia em Itabuna, em expressiva cerimônia; Na oportunidade o Provedor Silvio Porto de Oliveira presta uma merecida homenagem ao médico que elevou o nível da medicina de Itabuna a patamares jamais visto na década de 1930 e também deu o seu nome ao moderno Centro Cirúrgico na Unidade Edimar Margotto; e a homenagem no Hospital Universitário Prof. Edgar Santos - HUPES,

quando foi fixado seu retrato na sala da chefia da clínica, além de receber uma placa com os dizeres: ‘Mestre e Modelo de incontáveis gerações de Ginecologistas’.

Em agosto de 2003, o CREMEB publicou o texto do Prof. José de Souza Costa, de onde foram extraídos esses trechos: - sobre o Ser humano e o Médico: “Falar do homem Alício é reconhecer o caráter ímpoluto, a operosidade como médico inteligente e capaz, a firmeza das posições e princípios na vida profissional, social e familiar”.

Sobre o Docente: “Falar do professor é discorrer sobre a capacidade de liderança e organização, o entusiasmo no desempenho das atividades de ensino, calcadas em apreciada eloquência bem cuidada didática e exemplar desempenho técnico”.

Em sua Memória Histórica da FAMEB de 1943 a 1995, Prof. Rodolfo Teixeira também dá seu testemunho: “Alício Peltier de Queiroz na Cátedra de Ginecologia é, acima de todas as dúvidas, uma afirmativa de valor. Deu um sentido próprio ao ensino e à prática da especialidade. Atraiu assistentes de valor, com os quais criou um centro de ensino da especialidade. Lembra desta memória, da sua enfermaria bem organizada, do ambulatório, das sessões de discussão de casos clínicos, da sua elegância e precisão no ato cirúrgico, nos cursos de pós-graduação que criou e, mais que tudo, na sua vivacidade e inteligência”.

Na segunda década do século XXI, foram criadas na Academia de Medicina da Bahia (AMBa) mais dez Cadeiras, passando de 40 para 50. E o Patrono da Cadeira n. 50 é o Professor Doutor Alício Peltier de Queiroz, que tem a Dr.^a Reine Marie Chaves Fonseca como Titular atual da Cadeira desse sodalício.

Sim, como nos ensinou o médico e escritor João Guimarães Rosa em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 1967: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”.

Portanto com tantas qualidades e virtudes, ficam encantadas no coração e na memória pessoas como o mestre Alício Peltier de Queiroz.

Em 2021, novamente o grande Professor Alício Peltier de Queiroz foi eleito patrono da cadeira 07 da Academia de Medicina de Itabuna tendo como ocupante o grande cirurgião itabunense, Dr Afonso Guilherme Neiva Malta. Um grande Patrono, para um grande médico de nosso tempo.

Momento marcante na vida deste grande Mestre da medicina foi seu encontro e saudável convivência com outro grande Mestre das Artes Plásticas em Itabuna, o nosso maravilhoso Walter Moreira.

No ano de 2002 convidou a filha de Walter Moreira, Elisabete Moreira, para entregar uma declaração de reconhecimento ao trabalho realizado por ele nas revistas médicas. Declaração escrita pelo médico Dr. Alício Peltier de Queiroz sobre Walter Moreira.

Sobre Walter Moreira, no livro *A Cidade em Tela - Itabuna e Walter Moreira*, nossa confrreira Lurdes Bertol Rocha, traça um formidável perfil do nosso grande artista plástico Walter: considero também importante que as gerações futuras, além de conhecer a grande obra na medicina regional do Sul da Bahia realizada por Dr. Alício Peltier de Queiroz, também saibam quem foi Walter Moreira e sua importância cultural para a cidade de Itabuna relatado no imperdível livro.

“A Walter Moreira, já em outros espaços, pintando novas paisagens e fazendo novos poemas, pela beleza registrada em suas telas.” (Lurdes Bertol Rocha no livro *A cidade em Tela*).

Assim foi Walter citado no livro: “Walter Moreira (1915-1999) descendia de um dos desbravadores das terras grapiúnas, Félix Severino de Oliveira (Félix do Amor Divino). Nasceu em Itabuna no dia 16 de dezembro de 1915.

Cresceu com a arte dentro de si a alimentar um sonho que, no mistério da vida, tempos depois, escorreria num mundo feito de paisagens e cores. A região cacauera do Sul da Bahia foi sua grande inspiração, dela recebendo grande influência porque, grapiúna de corpo e alma, foi um apaixonado por sua terra. O seu estilo é um misto de clássico-acadêmico com o realismo e o regional. Isso se faz notar em todas as suas telas, em que é flagrado, de maneira significativa, o universo das fazendas de cacau, das praias e figuras humanas típicas, enfim, o sócio-regional. Foi um mestre na arte de pintar telas a óleo e a bico de pena, além de caricaturista. Foi um autodidata pois, sem nunca ter frequentado uma faculdade de Engenharia ou de Arquitetura, chegou a receber licença do CREA para assinar seus projetos arquitetônicos no período de 1953 a 1957. Merecem registro, também, seus desenhos em botânica e cartografia, quando funcionário da CEPLAC. Trabalhou no DNER, na seção de projetos, deixando ali trabalhos que validam a sua capacidade em desenhos técnicos na área de engenharia. Em Buerarema, foi Diretor de Obras, na gestão do prefeito Paulo Portela, onde atuou como projetista.”

Devido a seu talento para retratar com perfeição qualquer coisa que lhe caísse à vista, o médico Alício Peltier de Queirós levou-o para trabalhar como desenhista na área de anatomia humana no Hospital das Clínicas em Salvador. Reproduziu, com fidelidade fotográfica, órgãos humanos, cujos desenhos foram inseridos nos anais de Medicina de Itabuna. Foi também professor de desenho do Colégio Divina Providência, dirigido, na época, pela professora Lindaura Brandão.

Muitas pessoas, em Itabuna, deixaram suas impressões a respeito deste artista, registradas a seguir:

José Dantas de Andrade - “Sua arte flui como um manancial perene, mas continua dispersa, graças, em grande parte,

à sua modéstia, que o impediu de catalogar as suas inúmeras e memoráveis obras: telas a óleo, bico de pena, charges, projetos arquitetônicos, mapas, desenhos em botânica, desenhos em anatomia e muitas outras dignas de menção honrosa. Seus hábitos de homem simples o fizeram viver desconhecido, escondendo sua capacidade artística que muito bem poderia ser revelada e figurar entre os melhores pintores do Brasil.”

Alberto Lessa - “Quando se vê um quadro de Walter Moreira ganha-se um sabor mágico, inesquecível, enfeitiçante, sobretudo nas telas dos cacauais, onde se esmerou por se tratar de coisas da sua terra natal.”

Zélia Lessa - “Temos um mundo de canções na obra plástica de Walter Moreira. Apreciando-a demoradamente e em concentração, conseguiremos penetrar naquela natureza maravilhosamente exposta, descobrindo vozes sutis dos pássaros unindo-se em consonância perfeita com todos os animais e com a própria floresta. Sim, a obra de Walter Moreira nos leva a todas as vibrações da deusa Terra.”

Guilherme Lamounier - “Em óleo sobre tela era um sábio no jogo das luzes e sombras. Impressiona a riqueza de detalhes e o cromatismo sempre empregado com extrema suavidade. Nas suas paisagens é possível sentir sua sensibilidade e entender seu imaginário.”

Otoni Silva - “Para corolário de sua obra, lembramos a colaboração valiosa do portentoso artista também na música, pois foi clarinetista das Filarmônicas Itabunense e Aman-tes da Lira, em Itabuna, bem como da Filarmônica Santa Cecília, em Ilhéus. Igualmente, através do seu traçado extraordinário, prestou relevante colaboração à medicina local ao eminente médico, professor Alício Peltier de Queiroz e sua valorosa equipe, na publicação dos Anais da nossa medicina, já àquele tempo adiantada, comandada por esse inteligente e destemido médico. Devemos a Alício Peltier

de Queiroz e sua equipe, o nome altiloquente da ciência médica que Itabuna ostenta hoje, pois aí foi mais notável ainda o trabalho de Walter Moreira, na perícia anatômica dos seus desenhos, ilustrando a monumental obra que circulou em todo o país, como subsídio científico altamente valorizado, e recebeu ardorosos aplausos de todos os centros científicos da Europa, especialmente da Alemanha. Nesse portentoso trabalho, Walter tinha ingresso nas salas de cirurgia.”

Elizabete Moreira, filha de Walter, que colaborou no livro da congreira Lurdes, faz o seguinte relato: Dr. Alício me pediu naquela época para ir buscar em Salvador, a carta homenagem que ele tinha feito para Walter Moreira e ele queria me entregar pessoalmente.

Na ocasião, pessoalmente, ele falou muito bem sobre Walter e me disse que o coração dele jamais deixaria de registrar o legado declaratório sobre o trabalho grandioso do grande amigo, que o acompanhou durante o trabalho que executou sobre os Anais de Medicina em Itabuna. E que Walter o acompanhou em todas os trabalhos, executando as reproduções em anatomia humana, através do seu portentoso desenho.

Dr. Alício ficou muito contente quando me viu. Muito gentil me recebeu com toda educação na casa dele na Barra em Salvador. E Dr. Alício disse à esposa dele: Dalva, prepara aquele suco de carambola, bem saboroso como você sabe fazer porque estou recebendo pessoa de Itabuna.

Elisabete me escreveu:

“A sua decisão em colocar Dr. Alício como homenageado na Academia de Medicina de Itabuna foi perfeita. Pela abençoada possibilidade que tive de conhecê-lo pessoalmente quando fui buscar o documento acima em Salvador, senti nele um grande amigo. Um imenso amigo de Itabuna, da medicina itabunense e regional, mais precisamente com os olhos voltados para a medicina em Itabuna.

Vejo também um notável trabalho para a medicina em Itabuna, porque Itabuna tem demonstrado um trabalho excelente para a medicina, para Itabuna em si e para a região através de médicos dedicados como por exemplo Dr. Alício e você (o senhor), merecem este trabalho de registro, valorização e reconhecimento. Tem que ser demonstrado esse trabalho grandioso da medicina em Itabuna, porque se não houver esse reconhecimento de nós itabunenses, ninguém mais reconhecerá e passará despercebido. Temos que mostrar isto a posteridade, as novas gerações para que não seja relegado ao desconhecimento a importância que Itabuna representa no campo da medicina. Dr. Alício foi um desbravador, um pioneiro da medicina em Itabuna. Obrigada por ter me enviado um histórico sobre Dr. Alício. Ele nos fez conhecer mais e reconhecer o valor e a importância histórica do nosso Walter Moreira.

É importante destacar também o lugar de destaque que o Dr. Alício ressaltou em Walter, através do seu portentoso desenho técnico para a Medicina em Itabuna.

Eu perguntei a ele sobre onde eu teria a possibilidade de obter cópias desse Trabalho portentoso. Dr. Alício me falou que ele concentrou muito desse trabalho na UFBA, acho que ele também foi professor na UFBA, quando ele foi para Salvador, por concurso, ocupar a cátedra de Ginecologia e Obstetrícia, acho que isto, e que com um grande incêndio que houve na UFBA, perdeu-se para grande tristeza dele o que lá tinha sobre esse trabalho.

Grande amigo de Walter Moreira (grande artista plástico dentre muitas qualidades notáveis no mundo do desenho). Aqui em meio às minhas orações ao Deus todo poderoso.

A minha oração foi até Walter Moreira e em meio às minhas orações, cheguei a uma justa conclusão, de que o nome do nosso Walter deveria constar dessa homenagem a Dr. Alício porque foi alma gêmea desse trabalho portentoso desenvolvido

por Dr. Alício e equipe no trabalho sobre a medicina itabunense. E foi ainda mais longe, diante da grandiosa qualidade do trabalho do artista plástico Walter Moreira levou-o para Salvador para acompanhá-lo nos trabalhos de desenhos em Anatomia Humana na sua nova jornada na Medicina em Salvador, por mais estimativamente uns dois anos por reconhecer a capacidade do nosso grande artista plástico Walter Moreira.

Se não cultuarmos os nossos valores, estaremos destruindo as nossas raízes, os nossos valores, o nosso legado que nos foram deixados pelos nossos antepassados.”

Ninguém amou Itabuna mais do que Walter.

Convivi com Walter muitos anos cuidando de seu filho Paulinho.

Impressionava o amor e o carinho que ele tinha com Itabuna e sua família.

Depois cuidei de sua esposa Cecília e fiquei amigo e admirador de sua filha Elisabete, que cuida de Paulinho até hoje.

Elisabete colaborou com Lurdes Bertol Rocha no livro Cidade em Tela, que mostra Itabuna sob a lente de Walter. Livro Imperdível para quem ama Itabuna.

Meus agradecimentos à Fundação Centro de Estudos Professor Edgard Santos da Santa Casa de Itabuna pela cessão das atas das sessões da Clínica Cirúrgica, a Ramiro Aquino, Ronaldo Netto, Elisabete Moreira Tassis e claro a Lurdes Bertol Rocha pela riqueza de informações que me permitiram realizar este humilde, mas com muito amor e reconhecimento, Tributo ao Professor Alício Peltier de Queiroz.

**Crônicas
vencedoras do
I Concurso
Literário da
Academia de
Letras
de Itabuna**

1º lugar

Corredeiras com muitas histórias

Ronaldo Oliveira Santos

Parei para observar a cidade sobre a Passarela Carlito do Sarinha e me veio à mente a curiosa percepção de estar sobre a agora diminuta Ilha do Jegue que já foi chamada de Ilha da Marimbeta, Ilha do Capitão Aristeu e Ilha de Temístocles, conforme nomes de antigos posseiros e suas propriedades ou arrendatários daquela área.

Fiquei olhando com certa nostalgia para o Rio Cachoeira, um curioso rio, cuja saga, por assim dizer, teve seu início onde o mesmo encerra o próprio curso de cerca de cinquenta quilômetros, ali onde se une, em ainda precioso manguezal, ao Rio Itacanoeira e ao Rio Santana para, juntos, lambem o antigo porto de Ilhéus e irem generosamente, completar o imenso Oceano Atlântico, não sem antes prestarem a devida reverência ao Cristo que, de braços abertos, acredito, abençoa a constante jornada, pois, lutador incansável, rio que se preza não para!

De olhos fechados, às vezes, a gente enxerga melhor e, sob a leve e morna brisa, eu tentei visualizar mentalmente, a chegada em 1535 de Francisco Romero para administrar a Capitania que seria chamada de São Jorge dos Ilhéus, da qual a cidade de Itabuna, antigo Arraial de Tabocas, fazia parte, vindo a ser emancipada como município em 1910

Foi através do Rio Cachoeira e suas margens que adentraram diversos desbravadores como Félix Severino de Oliveira

ou do Amor Divino, como ficou conhecido, e José Firmino Alves, que eram primos oriundos do estado de Sergipe (dentre muitos que vieram se aconchegar perto do Rio Cachoeira) e considerados fundadores do município grapiúna que se destaca hoje entre os maiores do Nordeste e abrigou por bastante tempo os chamados “Coronéis do cacau” nos tempos áureos do predomínio de grande riqueza advinda desse fruto, o qual chegou a se tornar a maior riqueza da Bahia e, dizem, do Brasil.

Além de sempre ter sido o grande suporte da Região Cacaueira, em suas águas se banhavam e bebiam anteriormente, condutores de tropas e seus animais que viajavam para o sertão, via Itapetinga e Vitória da Conquista, de forma que a chamada Bacia do Cachoeira é fundamental para quase uma dúzia de municípios.

Ainda de olhos fechados, penso nas incursões indígenas, em um passado bem mais distante, a fim de tentar expulsar de suas terras os que aqui chegaram em tempos coloniais. Eram ações de defesa territorial, o que me lembrou do filho do Sr. Carmerindo, personalidade ilustre do Banco da Vitória; o craque Aldair, que vi jogar no final da década de 1970 e início da de 1980 naquele extinto campinho à margem do Rio Cachoeira e que veio a se tornar um defensor campeão mundial pela Seleção Brasileira em 1994

Quando criança, nas águas do Rio Cachoeira, eu pesquei curucas, calambaus, camarões e muitos peixinhos e, também, vi o paradoxo da grande e verde cobertura de baronezas, sobre a flor d’água, significar a grave poluição e quase sumiço desses crustáceos e peixes. Mas há épocas em que o maravilhoso Rio Cachoeira se revolta, se deixa encher e transbordar para sacudir de seu curso grande quantidade de impurezas que lhe são presenteadas pelos que não reconhecem a sua extrema importância para a vida da região.

E a Ilha do Jegue? Ah, sim! Dizem os relatos que na enchente de 1967, um tropeiro conseguiu fugir da ilha com outros animais, porém um jegue empacou e ficou acompanhando a subida da água, indo para a parte um pouco mais alta. Alguns afirmam que o animal morreu. Já eu não sei, pois quem lembra hoje se o dono escapou com vida? Quem, de fato, ainda vive em nossas lembranças e histórias?

O Rio Cachoeira é assim, cheio de bons relatos e contribuições para os moradores de cidades por onde passa, desde a sua formação pela confluência dos Rios Colônia e Salgado ali no município de Itapé.

Um icônico prefeito de cinco mandatos teria dito num arroubo de alegria a um jornalista, na campanha de 1996: “Itabuna sou eu”! Mesmo, respeitosamente, admitindo a real relação que o mandatário teve com a cidade por oitenta e três anos, eu desconfio que Itabuna é o Rio Cachoeira e encerro com esses versos da excelente poeta Valdelice Pinheiro:

Rio torto, rio magro, rio triste.
Parece que chora, sente dor...
Parece que fala em lamentos
Dos afogados que engoliu,
Das flores que já levou.
O remorso, Cachoeira,
O remorso te entortou.

2º lugar

Três cidades e um rio

Lucas Correia Santos

Mal começo a anotar essas minhas ideias e percebo que chove. Descubro feliz, então, que não é apenas o sono que a chuva inspira, pois enquanto escrevo, tento fazer as palavras caírem no mesmo ritmo e com a mesma intensidade que ela. Dou-me por satisfeito com a feliz coincidência de que ambas - a água doce que agora escorre pelo telhado e as palavras que coloco nesse texto - se dirigem para o mesmo objeto: o Rio Cachoeira.

Fosse essa uma genealogia, diria que o Seu Salgado cruzou com Dona Colônia em Itapé e tiveram como filho, o Cachoeira. Ora, eis aí como nasce o nosso rio temático (ao menos segundo o Wikipédia). Mas essa é uma crônica destinada a assuntos mais "fluviais", então falemos disso. Estamos em meados de novembro, e a essa altura do ano já começam a circular pelas redes sociais do momento fotos e vídeos do Rio Cachoeira cheinho pela região que percorre.

O clima promete.

E o pressentimento é de temporais e alagamentos, mas como não pretendo escrever uma crônica sobre um possível problema crônico, torço para que a única enchente deste Natal seja de felicidade, esperança e solidariedade, uma vez que já no ano passado a casa dos peixes deixou-se confundir com a casa dos homens.

Não há chuva, porém, que possa apagar a brasa ardente em que se torna a alma de nosso povo grapiúna quando

a ocasião necessita. É lindo ver a dilatação de corações tão generosos quando a coisa aperta para o vizinho.

Uma dúvida legítima: quando as águas do Cachoeira se elevam sobre as pontes, onde se refugiam as capivaras que povoam suas margens? Será que elas também se auxiliam em solidariedade? Como não entendo nada sobre esses mamíferos rechonchudos, não acho exagero supor que elas, reféns do instinto egoísta, invejam a caridade da sociedade ribeirinha.

Quem sabe esses momentos de enchente não sejam uma conspiração dos peixes cachoeirianos, obrigados a protestar contra a sujeira que obnubila seu habitat e obstrui o seu universo? Não é demais imaginar assim, já que eles contribuem para a satisfação gastronômica das massas há tempos sem conta.

O que diriam, se pudessem dizer algo sobre esse povo e esse rio, as capivaras, tilápias e acaris, os bagres e jundiás, as traíras e os bicudos? Esses últimos, os nadadores, devem sentir-se verdadeiramente livres quando a extensão de seu ambiente se amplia tanto e sem aviso prévio.

Sei que essas linhas começam a ganhar ares literários, não é por acaso: é que o seu autor não pretende deixar os méritos de colocar o insigne Rio Cachoeira na história da literatura local apenas com o itabunense Cyro de Mattos e o universal Jorge Amado, arrogando para si, portanto, a responsabilidade de representar a sua humilde Itapé. E complementando, assim, o ciclo poético da extensão dessas águas, Itapé-Itabuna-Ilhéus.

Três cidades e um rio.

800km, 800 mil corações. Mesmo não podendo assegurar a precisão de tais números, garanto ao menos a imprescindibilidade dessas águas a esses povos que nasceram às margens de um manancial. Onde se lavam e se banham famílias. Onde se saciam animais e se criam pescadores e nadadores. Onde se criam professores, atletas, artistas.

Onde se criam poetas!

3º lugar

O velho homem e o velho rio

Marcos Antônio Maurício da Costa

O velho era velho havia tanto tempo que deixou de contar os anos. Em 1967 já era um homem maduro, ano em que sofreu com a cheia do Rio Cachoeira. Lembra que as águas barrentas cobriram cerca de 150 metros da terra que as separava da tapera; a água melancolicamente subiu pelas paredes por mais de um metro, obrigando todos a subirem num terreno mais alto. Ilhados, o homem, a mulher, os quatro meninos e os animais que conseguiram salvar. Naquela noite fria e chuvosa, abrigaram-se embaixo dos pés de coco licuri, juntamente com o jegue, galinhas, patos, porcos e cachorros. A mulher acusou-o duramente por toda a noite de ser um homem negligente, desconjurava a má sorte. Chorando, lamentava por dispensar uma carona num caminhão para São Paulo em busca de oportunidade diferente. Mas o homem de temperamento forte estava impotente; com olhos semicerrados, fitava nos olhos dos meninos e percebia que eles decepcionados concordavam com a mãe, e por momentos, buscava motivos para se culpar também.

Um sentimento de injustiça invadia sua alma, sentimento de ingratidão. Lembrava do esforço e entusiasmo na metade dos anos 50 para construir a tapera de taipa com as próprias mãos, onde nasceram seus filhos, uma escadinha, todos “mininu homi”, orgulhava-se na sua inocência e simplicidade.

O Rio Cachoeira foi muito importante nesse tempo feliz. O barro amassado com seus pés calejados foi retirado dos barrancos do Rio Cachoeira, era material abundante; as madeiras cortadas também nas margens do rio foram usadas na estrutura das paredes e telhado, também o bambu do cercado em volta da casa, na construção do chiqueiro e do galinheiro.

Nas pedras negras e lisas, emersas do leito do rio, a jovem mulher lavava roupas e as panelas. O rio era a também o principal fornecedor de alimento com fartura de pitus, callambaus, camarões, tinha até robalos e tucunarés, além de ser água boa para coar e beber.

Pela manhã, o homem via os raios de sol penetrando nas águas que se transformavam em diamantes, e era rico mesmo: areeiros e aguadeiros tiravam o sustento com jeguinhos, outros com carroças, cavalos e jumentos; alguns com canoas arriscavam tirar areia lá no meio das águas.

Às sextas-feiras eram dias trabalhosos, pois nos sábados e domingos as feiras de Itabuna os esperavam; o homem e os vizinhos abatiam porcos, galinhas e as águas do rio Cachoeira consumiam o sangue e vísceras, parte das águas ficavam vermelhas, restos de gorduras juntavam-se aos dejetos. O mesmo rio que fornecia água para beber, também era o grande banheiro da população ribeirinha. Esgoto e lixo também eram jogados nas suas margens onde porcos, urubus e cachorros disputavam nacos de carne em meio à fumaça, o futum exalado tornava o ar irrespirável. Bichos como ratos eram mais abundantes que capivaras; moscas e mosquitos invadiam as taperas nos finais de tarde.

O rio resistia, afinal, chovia 200 dias por ano, o que ajudava a mantê-lo caudaloso, fazendo jus ao seu nome de Cachoeira. O homem até gostava de ver as cheias, ficava encantado com a sua imponência.

Nos anos seguintes, a tentativa de reconstruir a vida esbarrava em dificuldades, Itabuna crescia e o rio Cachoeira diminuía, a situação financeira fracassava. Por fim, restou o homem, a mulher, quatro garotos famintos e seu casebre numa terra arruinada. O chiqueiro foi levado pelas águas, o galinheiro destruído e a horta, desfeita. Vendeu todos os animais bem baratos para fazer algumas feiras.

O rio Cachoeira já não fornecia mais peixes como outrora, os pitus de algum modo abandonaram as pedras e desapareceram. Nem mesmo existiam mais árvores nas margens. Os barreiros foram substituídos por areia e os areiros não mais apareceram por conta da demanda que exigiam caçambas e caminhões vindo de Ilhéus com material mais barato. Os aguadeiros eram desnecessários, a Embasa já dava uma cobertura cada vez maior em Itabuna e a água agora jorrava nas torneiras. Quando tudo parecia ruim, começou a ficar pior. A mulher que ele achava tão bela, começou pouco a pouco ficar com a barriga inchada, as pernas e os braços afinavam como gravetos dia após dia, os olhos saltando da órbita, estavam amarelos como carambolas maduras, desfalecia e definhava até que em poucos meses morreu. O homem viu que ao enterrar a querida companheira, também perdia seus filhos, que foram embora um a um, sem dar adeus e sem mandar notícias. O homem, que já estava ficando velho se conformou: “foram viver felizes em São Paulo”, falava consigo mesmo.

Passaram-se os anos e o homem era agora um velho isolado, com semblante triste, o rosto enrugado, mas ainda tinha saúde para plantar para subsistência e vender o que restava na feira livre do Centro Comercial de Itabuna.

Ao final do ano de 2021, tentava lembrar-se das feições dos filhos com dificuldades, até mesmo os nomes ele relutava para associar com suas lembranças, porém, tornaram-se anônimos, como ele. Lembrava-se da amada mulher

graças aos dias chuvosos daquele dezembro. Aliás, já chovia havia mais de dez dias e o rio esquelético, cheio de baronezas, fedido, estava novamente cheio e lentamente invadia as margens. O velho passou o dia olhando para o Rio Cachoeira que se aproximava do que restava da cerca de bambu. A reminiscência que lhe tomava naquelas horas era de uma felicidade sem tamanho, via a vida do Rio Cachoeira nos anos mais gloriosos, arrependia-se e se culpava pela saúde debilitada do rio. Chegou a noite e o velho agora sonhava, ria dormindo, mas abriu os olhos devagar e sentiu algo familiar: o rio estava novamente dentro da sua casa, mas desta vez, o homem velho não subiu um terreno mais alto, deixou-se levar e o Rio Cachoeira arrastou sua tapera e levou o velho para dentro do seu leito. O velho, a partir de então, seria também o Velho Rio Cachoeira.

Poesias

Heloísa Prazeres*

Alto do filtro

já não vou ao pedaço do lugar
onde se exibem beija-flor-tesouras
vibram socozinhos, piam rolinhas-
roxas, cantam e adejam suaves
andorinhas. No sopé da colina
que levava ao Alto do Filtro a ver
os excessos da manhã de inverno
onde a chuva espargia o clima úmido
e tingia o verde de mais saudade
e clorofila. Sei de cor ainda
quantos passos ao cume do mirante
e aqueles veios ligeiros por onde
jorravam filamentos transparentes
fatias de um mundo habitado
por simples avezinhas do silêncio -
aqui ouvi a terra adivinhei-lhe
ritmo e movimento e também
o que sustenta o voo dos passarinhos

* Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história, poemas selecionados* (2014), *Casa onde habitamos, poemas* (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa, poemas* (2020), *A vigília dos peixes, poemas* (2021), *O tempo não detém a vida* (2023). Ocupa a Cadeira nº 26, na Academia de Letras da Bahia. Membro. Eleita membro titular da Academia de Letras de Itabuna, em novembro de 2022, ocupa a Cadeira nº14.

A casa verde

nas terras de Olivença
 nenhuns olhos sentem
 dissolução nos hortos dos quintais -
 cultivadas leiras altas
 pedras aparentadas
 a casa assegura o verão
 ouvem-se rugidos e chiados
 da natureza marinha

há um travo de adeus
 e eu reparto o iridescente fruto
 e o mel escorre das fatias anuais
 do retorno aos Oliveira

Litorâneos II

desvios são atalhos que se fazem
subindo do alto do filtro ao mirante

febres contagiosas da estação
menos roupa mais olhos de aventura

densidade de veredas luxo diário
de meninos em sedes vespertinas

na galharia habitam mico leões
uníssonos guriatãs cantam em eco

a mata balança a olhos juvenis
e assim vive a casa soberana

na mata litorânea rugem águas
chiam espumas seus azuis ainda bebo

Veraneios

palmas e pés balançam
sobre areias firmadas no infinito

sempre este olhar encorpado
temperatura anual de sargaços
fervura de ondas enormes

das cores róseas recolhes
os matizes aos saltos alisas as superfícies
de conchas quebradiças e côncavas

são paletas de brilhos da tardezinha
percurso e impressão nas areias
do horizonte permanente

Tocaia

como no vai e vem das hastes dos anzóis
vejo a hora da esplêndida fartura
enormes sombras mornas
enlaçam o teu cesto de pescador
expões vocacionadas caças na escuridade
lote na minha sala iluminada
em meio à provisão da pesca
vêm mariscos e moluscos
rebrilham cristais na tua face sonâmbula
ouço rumores de marés
nos teus e nos meus ouvidos
tuas bainhas bem dobradas aos joelhos
e a tua pele pegajosa relumbram
sinto o cheiro do sargaço
devo aguardar o ponto de fervura?

Cyro de Mattos*

Da flauta plena

Canções aconteceram quando a vida
em carícia de flauta era sentida.
Agora, zangada, pisa na relva,
emerge nos gritos hostis da selva.

Canções aconteceram quando a vida
em carícia de lenço era tocada.
Tinha aquela música que não ceva
tremores fortes numas folhas de erva.

Ira erra e-l-e-t-r-ô-n-i-c-a de pantera,
telex informa calendas de guerra,
rosas enfermas: água, céu e terra.

Apesar dessas vozes que na cena
Ululam, febris na corrente insana,
Deixo que se vá minha flauta plena.

* Cyro de Mattos é autor de 65 livros pessoais, de diversos gêneros. Premiado no Brasil, Portugal, Itália, Cuba e México, em concursos de relevante expressão. Traduzido e publicado nos Estados Unidos, Itália, França, Espanha, Alemanha, Dinamarca e Rússia. Membro da Academia de Letras da Bahia e Pen Clube do Brasil. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ocupa a cadeira 5 da Academia de Letras de Itabuna, patrono Jorge Amado.

Da gaita e do tempo

De amadas borboletas na retina,
virginal caminho de livre vida,
ternas asas do vento na surdina
trazem fadas de amor adormecidas.

A cidade esperando lá na esquina,
em cada rua vozes aguerridas,
as estações aos cachos na campina,
nos ardores de trilhas coloridas.

O tempo dá voltas, despeja injustos
sentimentos. Demonstra que no inverno
verões já não sopram amado vento.

O hábito naquele pelejar tenso
não justifica cantares no imenso,
nessa gaita com as dores do momento.

Do momento mágico

Se tudo é logro, sonhar é sabê-lo
em impulso mágico do existir.
Se buscar bem a razão do existir,
termina por encontrar, não o selo

que põe um fim aos problemas da vida,
mas o encantamento, inexplicável, da
poesia. A linguagem é a casa
do ser, a poesia mora na asa.

Com a beleza inspirada pelo sonho,
a palavra emprestada pelo sonho,
o ser apresenta-se com as vestes da

vida e da morte, e se repete. Nada
fica nos anos, como o vento passamos.
Na solidão desse verso sonhamos.

Da agonia

Não posso parar a dança que não
Descansa numa sinistra pá. Não
Posso encontrar a chave dessa porta
No lado de lá. E porque essa porta

Nunca se abre não sei para onde vou,
Já não serve o rio que aqui findou.
Cerca-me esse mar triste, a voz assim
Calada nada propõe. Sinto em mim

O inexorável de meu ser precário.
Incerto, sem ânimo, provisório.
Indago: se não fosse a poesia,

Toda essa agonia como aguentar?
Como existir sem sua companhia?
Entre solidões como me encontrar?

Dos pesares

Escutamos pelas léguas da mata
Essa canção de nossos ancestrais,
Ventos sopram noites solitárias,
Desejando outros dias nos quintais.

Acenavam os verdes despontantes,
Os maduros recolhidos aos montes
Inventavam as safras estafantes
Sem que a bruxa na vassoura viesse

Pra abolir ricos sonhos nos varais.
O que era farto secou sem a messe
Que se repete nos ciclos vitais.

Suas sombras paridas nesses ais,
Nas dores que intimidam chuva e sol,
Nada dizem quando vem o arrebol.

Sérgio Habib*

Ode ao meu Rio Cachoeira

Ó doce rio Cachoeira
Da minha infância feliz
Agora que o tempo fez poeira
Dos meus sonhos infantis
Vejo nas tuas serenas margens
O brilho da minha imagem
Naquelas tardes sutis.

Em vão nas pedras procuro-me
Mas não me vejo sequer
Olho de novo, apuro-me,
Vejo a lembrança de uma mulher...
Não sei se pelo cair da tarde
Bate-me uma imensa saudade
Meu coração é bem-me-quer!

Correm tuas águas, fogem de mim,
Nem sei por qual razão
Fogem tão rápido assim
Como o sangue no meu coração
Que, ao lembrar-me de ti,

* Natural de Itabuna, Advogado Criminal, Professor de Direito Penal e Processo Penal. Escritor e Poeta. Autor de livros na área do Direito e de estudos literários de autores nacionais e internacionais sob a ótica do Direito. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira nº 32, cujo patrono é Itazil Benício dos Santos.

Das sensações que senti
Fazem-me corar de paixão.
Quando choram tuas cabeceiras
E tuas águas se revoltam
Não te reconhecem, Ó Cachoeira,
As enchentes a tudo entortam;
Arrastam o que houver no caminho
Que a tua fúria é torvelinho
Mas é raiva passageira.

Depois que tu te acalmas
E que serenam de novo tuas águas
Parece que repousas a alma
Já despachadas as mágoas
E voltas a correr em teu leito;
És o amor mais perfeito
Que em cada um de nós deságua.

E a majestade de tuas baronesas
Que sempre te vêm visitar
Realçando a sutil nobreza
Querendo também te abraçar.
Bailando por sobre as águas
Flertando até quando deságua
No colo das ondas do mar.

A bela cidade a que beijas
Da grande nação grapiúna
Onde o valente moureja
Pedra-preta, doce Itabuna;
Até o nome lhe deste
Porque assim o quiseste
Dela, és grande fortuna.

Conheces os frutos de ouro
E a eles banhas e abençoaas
Que são o orgulho, o tesouro,
Da princesa do Sul, a coroa.
Nas terras dos cacauais
Viste lutas terríveis, desiguais,
A morte no gemido que entoas.

Por tuas águas passaram
As patas das muitas alimárias
Que das roças antigas levaram
As safras inteiras, várias;
Viste o tempo inda menino
Da catedral, o toque do sino,
O medo, as sombras imaginárias...

Um dia deixando tuas águas
Parti para outras plagas distantes
A cidade vestida de anáguas
Cobria-me de adeuses cintilantes;
E tua choravas num doce pranto
A tarde espiando num canto
Enquanto eu seguia adiante.

Quando, afinal, cheguei ao destino
E anos depois, adulto na vida,
Ainda recordo-me do tempo menino
Das mãos espalmadas na hora da partida.
Jamais esqueci de que murmuravas
No ouvido das pedras, o que tu mais falavas
Era sobre a dor das tristes despedidas.

Tu bem sabes, pois vives partindo
Já que buscas o caminho do mar
E a todo instante no leito vais fluindo
Mas sabes sempre à casa retornar.
Enganam-se os que pensam que partes
Deixando para trás quem sabe amar-te:
A teus filhos nunca hás de abandonar.

Tu que guardas segredos por onde passas
E contêm em ti eternidades
Que banhaste a todas as raças
Com a mesma de sempre intensidade;
Tu que viste Itabuna nascer
Que refletes o sol ao entardecer
E espelha a lua dando-lhe luminosidade.

És da cidade a mais alta sentinela
Sempre a postos, espraído em tuas margens,
A poesia que te contempla da janela
Enquanto corres plácido sob a aragem;
Que não são margens que te limitam
São braços que apenas te imitam
E que se abrem para te dar passagem.

Dentro de ti guardas contido segredo
Que o mar também guarda consigo
No fim têm os dois o mesmo enredo;
De Iemanjá, o mar é o seu abrigo
Enquanto tu acolhes a bela Iara...
(Ambas de beleza mais que rara)
Que em teu leito deita contigo.

Por isso murmuras enquanto corres ligeiro
Em volteios, tuas águas espanando,
Buscas o sorriso mais brejeiro
Da deusa a que estás amando;
Eis porque reluzes no escuro
Pois tens o afeto mais perfeito e puro
Que o breu da noite vai alumiando.

E a cidade se veste de alvoradas
Para receber-te todo garboso
Com tuas águas todas engalanadas
Enquanto corres em leito brioso;
Serpenteias para demorar-te mais
Volteando as terras dos cacauais
E entras na cidade glorioso.

Lá vem o rio margeando a estrada
Respingando orvalhos nas plantações
Na sua triunfal entrada
Ele que é todo cheio de estações;
Veio de longe, lá da Serra de Ouricana
Veio do alto, sua nascente é serrana
Vem regando amor nos corações.

Viste chegar o árabe errante
Que nas terras que tu banhas fez pousada
Enquanto tu seguias a jusante
Ele mascateava suado pela estrada;
Bravo povo que desbravou esse rincão
E com o sergipano em comunhão
Levaram a tua nação adiante.

Nas tuas curvas o cauaçu espreitou
Com a espingarda pronta pra morte
Sob as ordens do coronel tombou
Mais um infeliz abandonado pela sorte;
E tu fizeste respeitoso funeral
Acolhendo-o em teu leito natural
Com o abraço apertado, bem forte.

A Itabuna tu não apenas banhas
Como beijas carinhoso as suas terras
As pedras suavemente arranhas
E a seiva dos sonhos em ti encerras.
Tuas águas carregam sofreguidões
Os versos dos vates, as canções,
E a dor dos que a saudade desterra.

Segue, Ó Cachoeira, o teu destino
Das águas diáfanas e abençoadas
Foi por um sopro divino
Que fez de tuas águas sagradas.
Sei que embora partas para o mar
Junto aos teus filhos hás de estar
Em novas águas chegadas.

Rodopia alegre pelas campinas
Respira o gentil ar grapiúna
Deixando entrar pelas narinas
O bafejar das matas, das graúnas;
Embaixo da folhagem espreita a cobra
Que tem razões de sobra
Para banhar a bela Itabuna.

De tuas águas mais que dadivosas
No labor diário, as lavadeiras,
Essas mulheres fortes, corajosas,
Que são da casa a cumeeira;
Tiravam o seu sustento diário
Depois rezavam os seus rosários
E te agradeciam, Cachoeira.

Mas a humana insensatez
Depois de passados tantos anos
A incoerência e a malvadez
Causaram-te rugas e desenganos:
Logo tu, que só buscaste o bem
Assim tratado com tanto desdém
Por uma turba de insanos.

Cadê os cardumes de peixes
Os bagres, os pitus, os camarões?
Outrora pescados em feixes
Hoje não mais que senões;
Não tens mais a mesma riqueza
Embora guardes a antiga beleza
Porque estás em nossos corações.

Que me perdoem outros flumes
Mas não há nenhum igual
Deixado de lado os ciúmes
Que cante o seu cada qual;
Porque somente tu não te ausentas
E enquanto passas acalentas
Em todos o mesmo ideal.

E quando, enfim, abraçares o mar
Nesse encontro que reúna
Tantas águas doces por salgar
A cidade será a escuna
E tu, Ó meu velho Cachoeira,
Retornarás nas corredeiras
A beijar de novo Itabuna!

13/10/2022

Um chapéu no cabide

(Para Socorro e o seu chapéu)

Outono, 27/04/2005

Vejo-me de novo naquele apartamento,
Sozinho com as minhas emoções.
Solitariamente,
O meu pensamento percorre os espaços
Incomodamente comprimido
Dentro dos meus anseios
O meu olhar de mosca pousa em todas as paredes
E em todas as coisas
O espaço é pequeno para abrigar a minha ânsia
Sinto-me o lago contido num dique,
A onda presa no reflexo do mar,
De repente, eis que vejo o chapéu no cabide
Ali, despojado e livre
Como as nuvens que se enroscam nos céus
Em suas palhas a vida repousa e brinca
E em sua aba o mundo volteia.
Bem ali, com um laço pendente,
O laço sou eu pendente de seu amor.
Sou essa incoerência
Do chapéu contrastando com o nada
Com o abraço apertado no laço
O chapéu é a presença dela,
Esse raio de sol que inunda a minha vida,
Nesse pequeno chapéu de palha,
Suspenso ali no cabide
Em que displicentemente foi jogado.
O chapéu é o sonho, o devaneio, o glamour,
O chapéu é ela,
A saudade pendurada no cabide,
Ali, guardada, mas visível, presente.
Uma ideia posta na cabeça
E um chapéu no cabide.

Ruy Póvoas*

Exorcismo

Que se vá...
a amargura,
o excesso de doçura,
a armadura,
o melindre da brandura.

Que se vá...
a luz ferina,
o temor da noite escura,
a ferida
com a sua atadura.

Que se vá...
a estria,
o babado da gordura,
a consumição,
o desespero sem cura.

Que se vá...
a agonia,
toda espécie de usura,
o apego,
o destempero da loucura.

Que se vá...
e aqui me deixe
em companhia
da ternura.

¹ Fundador e liderança do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon em Itabuna - BA, Licenciado em Letras (FAFI), Mestre em Línguas Vernáculas (UFRJ), Doutor Honoris Causa (UESC). Escritor com vasta produção em verso e prosa. Fundador do NEAB da UESC Editor do Jornal Tàkàdá do Caderno e Revista Kàwé. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia de Letras de Ilhéus. Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a cadeira nº 13, cujo patrono é Plínio de Almeida.

A Gênese

Primeiro,
criaram a luz.
Depois, a terra,
o sol, a lua, as estrelas
e outros luminares.
Em seguida,
os rios, os lagos,
os oceanos e os mares.
Também criaram
os bichos, as plantas
e os pássaros
pelos ares.
E conjunto ficou
de bom aspecto.
Mas sentiram falta
da imagem santa
e da divina semelhança.
Criaram...
Ficou uma dúvida, decerto,
pois até hoje não se sabe
se o último ser criado
foi um projeto que deu certo.

Decreto

Doravante,
fica permanentemente
proibido
a qualquer ser humano:
realizar fotossíntese;
correr mais rápido
que a luz;
deixar de ser mamífero;
assumir atitude
de ovíparo;
confundir um dia
com um ano.

Parágrafo primeiro:
Quem descumprir
este decreto
perderá o status
de humano.

Parágrafo segundo:
Ficam isentos
das penalidades previstas
índios e mulheres,
negros e idosos,
homossexuais,
pobres e poetas,
gordos e artistas,
sem-terras e ciganos.

Parágrafo terceiro:
Enquanto o poder
tiver seus donos,
os diferentes e demais
continuem a eterna luta,
batendo suas frágeis asas
contra vidraças e vitrais.

Cachoeira

Meu rio tão bonito,
antigamente
bom viajero,
no volume das águas,
líquido cristal.
Depois, os humanos
de instintos tiranos
sujaram aos poucos
tua altivez.
Com venenos diversos
e esgotos nojentos,
te mataram de vez.
Ainda assim,
nos tempos de agora,
em poluído xarope,
tua face tranquila,
vivaz e espelhante,
reflete luzeiros.

Lembrança

Foi. Passou
como passa
qualquer dor.
Ficou a cicatriz
enrugada e impertinente,
no lugar da ferida
que o tempo já sarou.
É a lembrança aderente
daquilo que não ficou.

Naturalismo

O sol é uma bola de fogo,
a terra, bola rochosa.
Em rocha, mudou-se Pedro,
fazendo da noite uma aurora.
O fogo do sol anima
o sonho de nossos desejos,
a terra não desanima
e tudo nos dá de sobejo.
O sol, flamejante corola,
aquece com o seu fogo
a bola da nossa rocha.
Mas a rocha que nos conforma
também sabe fazer o jogo
e esconde o que nos deforma.

Medievalismo

Sáímos bem tarde
para almoçar.
Uma grata surpresa
nos veio alcançar.
A filha e a mãe no celular,
a mãe e a filha no celular.
Chamamos o garçom
que demorou de chegar.
A filha e a mãe no celular,
a mãe e a filha no celular.
Pedimos o cardápio
e o garçom foi buscar.
A filha e a mãe no celular,
a mãe e a filha no celular.
Fizemos o pedido
e começamos a esperar.
A filha e a mãe no celular
a mãe e a filha no celular.
Comemos com gosto
bem devagar.
A filha e a mãe no celular,
a mãe e a filha no celular.
Uma sobremesa
para completar.
A filha e a mãe no celular,
a mãe e a filha no celular.
Pedimos a conta
para pagar.
A filha e a mãe no celular
a mãe e a filha no celular.
Sáímos contentes
e deixamos pra lá.
A filha e a mãe no celular,
a mãe e a filha no celular.

Renato de Oliveira Prata*

Brilho de mel

Vida - número de mágica
Talvez por malícia ou tática
Ao que diverte, cativa.

Habita qualquer lugar
Mas, em seu curso, deriva
Ou morre para criar.

A vida é rima parelha
Ao zunir dessa abelha
Que parece dizer sim...

Vai-se ver, de tal surtida
Pode vir mel ou mordida
Mal começar e ter fim.

¹ Renato de Oliveira Prata iniciou-se ensaísta, colaborou na Revista Afirmação (nº 2, 3,4), no início dos anos 60, em Salvador. Antologias: Painel Brasileiro de Novos Talentos - 20 (Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2ª ed. 2003); Mar interior, premiado pelo Selo Literário João Ubaldo Ribeiro da Fundação Gregório de Mattos (Salvador: ADM, 2015). Pequena antologia poética. Itabuna: Mondrongo, 2017. Um tempo visto da Ponte. São Paulo: Scortecci, 2020. Renato Prata é Bacharel em Direito e ocupa a cadeira número 20, junto à Academia de Letras de Itabuna - ALITA, cujo patrono é o poeta Ariston Caldas.

Um novo sol

A cerca de corpos celestes
Bem aqui, na Via Láctea
A quarenta anos-luz
Estrela recém-descoberta
Gira a todo mistério.
De fato, esse astro
Pequeno e menos brilhante
É um sol menor.
Mas - surpresa dos céus!
Ela rege um sistema
Que é similar ao nosso
Assim composto de sete planetas
Em ciranda cósmica...

Senhor, e a próxima estrela?

Soneto da casa demolida

Onde o vosso jardim - quando pequenos
Há ramagens que enredam os quintais
E clareiras de sombra nos terrenos
Já respiram as brisas sensuais.

Um voo de passarinho faz acenos
Em linguagem que não se sabe mais
E as formigas carregam com venenos
Defensivos de flores atuais.

Calculando, porém, na planta-baixa
O pátio livre não requer labor
E a casa - demolida - forra o caixa.

Com tantas viaturas a motor
Pagando, pela vaga, em cada faixa
A terra nua enfim tem mais valor.

Soneto da musa em pele de gesso

No jardim bravio sobrepôs-se aos lírios
Tua nudez então marmorizada
Peitos insones sob a luz de Sírius
Alvorecendo em prévia madrugada.

Tendi raízes, trama de martírios
Na terra deste exílio sou mais nada
Qual girassol a gravitar delírios
Da conjunção assim esperançada.

Eras real em mim e no entanto
Te desintegra o respirar da mata
Gestada enfim a graça deste espanto

No jardim vazio, onde fiz um leito
Tua presença em sonho me resgata
E todo itinerário foi perfeito.

Ceres Marylise*

Agora!

Versejo coisas
Que não vivencio
Dou muitas voltas
Mas não me decido
Onde pôr novamente
Os pés no chão.

Insisto incerta
Entre o errado
E o certo

* Natural de Ubaitaba, sul da Bahia, graduada pela FESPI/UESC, pós-graduada stricto sensu em Linguística pela UFC - Universidade Federal do Estado do Ceará e doutorado incompleto, mas com creditação teórica concluída na área de Linguística, pela Université du Québec à Montreal. Docente aposentada pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia, onde também ocupou cargos administrativos acadêmicos. Membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna, da Academia Brasileira Rotária de Letras, da Academia de Letras Castro Alves em Porto Alegre - RS e acadêmica correspondente em algumas congêneres no Brasil e no exterior. Associada efetiva da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras, das UBE de São Paulo e do Rio Grande do Sul, do Proyecto Cultural del Sur, Poetas del Mundo (Santiago do Chile), Unión Hispanomundial de Escritores (Trujillo - Peru), Movimento de Mulheres pela Paz, do Rotary International, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia em Salvador e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Coordenadora da Comissão Gráfica e Editorial das revistas da Academia Brasileira Rotária de Letras, é autora de livro solo, e-books, coautora de antologias nacionais e internacionais, inclusive bilíngues e detentora de algumas distinções literárias. Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a cadeira número 16 cujo patrono é Abel Pereira.

Mas a resposta
Nunca está à mostra,
Disfarça-se no verso.

Critico
Meus olhos
Que não se convencem
Aconselho a alma
Mas ela não me atende
Talvez, mais tarde,
E como se demora!

Há momentos na vida
Em que sempre me atraso
E ela brada insistente:
Agora!

Meu Rio de Contas

Nas águas tranquilas do meu rio
Eu levantava velas, navegava,
E adormecia a contar estrelas
Na morna areia onde acampava.

Das suas cristalinas correntezas
Brotavam melodias que embalavam
Meus pequeninos sonhos de bravura
E meu país de equidade ali criava.

Nas imaginações de minha mente
Somente seres bons as habitavam
Inofensivos ao mundo como eu,
Uma criança curiosa e obstinada.

Corri estradas, foi longa minha ausência
E ao voltar te olho longa e tristemente
Ao ver-te maltratado e abandonado.
Também mudei, e envelheci, obviamente.

Aqui estou a comparar nossos cansaços,
Nosso ocaso refletido em suas águas,
Onde o tempo reflete suas cinzas
Na solitária noite dos meus passos.

Num entardecer qualquer

Cafezinho fresco e forte,
Blues do Delta, Mississipi,
Também boleros e tangos,
De preferência, os chorões.

Nesse cúmplice silêncio
Um bom livro para ler
Ou um bom filme indicado
Se a alma os requerer.

Sobre a mesinha bistrô
Folhas de papel em branco,
Rascunho de alguma história,
Versos sempre inacabados.

Neles conto das colheitas,
Das humanas sutilezas,
De pouca ou muita loucura
Tão própria dos corajosos!

Conto dos risos, certezas,
Dos soluços na inquietude
E da condição humana
Ante a vida e a finitude.

Sione Maria Porto de Oliveira*

Eu menina e Itabuna

Nos idos anos sessenta,
Desabrochando como rosa perfumada,
Descia em algazarra com minhas amigas
A Benjamim Constant
Em direção à Praça Adami.

Sorridentes,
Percorríamos o caminho
Para a Praça Olinto Leone
Onde ficava o Jardim dos Namorados
Do tradicional Itabuna Club

Sorvo as lembranças como hoje
Daquelas noites enluaradas
Onde os belos rapazolas perfumados
Impressionavam tragando cigarros Minister
Que saudade!

¹ Natural de Itabuna, formação acadêmica em Direito pela Universidade Católica da Bahia, com especialização em Direito Penal, Direito Administrativo e Direito Processual Penal. Professora da UNIME no curso de Direito Penal. Professora da Academia de Polícia da Bahia, no curso para escrivães e agentes, núcleo Ilhéus. Delegada de Polícia, com publicações nas áreas técnica e poética. Mestranda em Resolução de Conflitos. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira número 7, cujo patrono é Telmo Padilha.

Ó, Itabuna feliz de outrora!
Sonolenta e sem violência
Que nos transmitia paz e quietude
Enquanto pujava em sua flora
A lavoura do cacau.

Lembro dos bravos cacauicultores
Que emanados de amor por sua terra
Com fé doavam grandes quantias
À ilustre Dona Senhora
Benemérita, para São José
Que bem merecia.

Hoje, teus valentes filhos lamentam
O que do teu chão podre resvala
Deixados sobre seus ombros
E choram...

Do historiador Arlindo Kfoury, aprendi
Que o governador da Bahia, João Ferreira Pinho
Em 28 de julho de 1910, através da Lei 807
Fez-te a mais bela emancipada.

Faltava um nome que a qualificasse
Vários surgiram para substituir Tabocas
Da sugestão do biscateiro João Colete
Que gritou: bota da lavadeira Maria Buna!

Salve ita una, nossa pedra preta
Que enfeita as margens do nosso rio Cachoeira
Que agoniza pedindo socorro
Sem eco, morrendo aos poucos.

Ó, Itabuna querida!
Nunca ninguém te amou como eu
Do saudoso nome da lavadeira
Tu te tornaste a mais bela, Itabuna!

Maria Luiza Nora de Andrade (Baísa)*

Será?

Tem mais avaria
Do que poesia
No ter solidão.

Tem muita poesia
No ter solidão
Da minha avaria.

Somente receio
Que o jogo da vida
Me caia da mão

E sofra avaria
Acabe a poesia
Reste a solidão.

* Nascida em Ilhéus, estudou na Escola Ruy Barbosa, no Instituto Municipal de Educação e no Instituto Nossa Senhora da Piedade, onde após graduar-se, atuou como Coordenadora. Graduada em Pedagogia pela FESPI, fez Especialização na PUC de Belo Horizonte - MG e concluiu Mestrado em Cultura e Turismo pela UESC/UFBA Lecionou a disciplina Sociologia Geral na UESC e ocupou o cargo de Diretora Geral da Editus, Editora da UESC, durante dezesseis anos. Possui quatro filhos, três netos e alguns ótimos amigos. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna - ALITA onde é uma das fundadoras. Foi presidente do Rotary Club de Ilhéus. Na Academia de Letras de Itabuna-ALITA, ocupa a cadeira nº 08 cujo patrono é Euclides Neto.

Absurdo

Não gosto da guerra
Nem da violência
Que ela contém.

Não gosto de gente
Que prefere a luta
E não olha ninguém.

Que importam as vidas
Daquelas pessoas?
Não valem vintém?

O mundo precisa
Buscar os que querem
Dar um passo além.

Barra Grande

Quando preciso
de um refúgio, de um oásis,
vou para Barra Grande.
Barra Grande e sua baía
e seu cheiro de sargaço
e suas barcas vagarosas.
Quando preciso de sossego,
penso naquela água tépida,
capaz de lavar angústias,
e penso no pôr do sol ,
alaranjado, às vezes,
às vezes, avermelhado,
comparável apenas
ao da Sapetinga,
no Pontal dos Ilhéus,
e ao de Punta del Este,
no Uruguai.
Como sonho caminhar
até os três coqueiros, o mangue,
ir até Taipu de Fora e voltar à Vila!
Para esses lugares íamos,
família e amigos,
viver os melhores momentos
de nossas vidas.
Triste é saber que essa Barra Grande
que ainda nos habita,
essa Barra Grande que alimenta
nossas lembranças,
hoje é quimérica como Pasárgada:
não existe mais!

Discursos

Discurso de recepção à acadêmica Heloísa Prata e Prazeres cadeira 14 da Academia de Letras de Itabuna

Cyro de Mattos

Destaco esses versos do enorme poeta Francisco Carvalho:

homem não é de pedra
nem de areia
homem é o que mora
no que semeia

Associam-se os versos citados ao percurso realizado pela conterrânea Heloísa Prata e Prazeres, fazendo lembrar quando ainda era uma sementinha das letras até se tornar árvore frondosa com frutos reluzentes. Ela retorna agora como boa filha à sua morada primeira, procedente do universo do ensino mesclado com as letras, despontando no que semeou e colheu por toda a sua trajetória de vida.

A Academia de Letras de Itabuna sabe hoje o quanto se engrandece com a chegada às suas hostes dessa conterrânea com biografia rica, que acaba de ser empossada na cadeira 14, antes ocupada pela confreira Sônia Carvalho de Almeida Maron, de saudosa memória. Uma mulher itabunense singular substitui outra mulher itabunense de vida marcante. Bom saber que a cadeira 14 tem como patrona a poeta Valdelice Soares Pinheiro. Que combinação valorosa o tempo nos apresenta com essas três mulheres valorosas,

nascidas em mesmo chão grapiúna, de outrora ricas plantações de cacau.

Filha de Agrícola Santana Prata e Alzira de Oliveira Prata, nossa congreira Heloisa Prata e Prazeres é casada com Jamison Pedra, um festejado criador de gente e vida na arte da fotografia. Heloísa e Jamison são pais de Letícia, Ana e Daniel. Avós de João Filipe, Samuel, Olívia, Pedro e Leonardo. Ela é irmã do poeta Renato Prata, também membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna.

A douta conterrânea mantém até hoje fortes laços afetivos com suas raízes. Criatura afável, veio ao mundo nesta terra de importantes artistas desde que os pais, migrantes sergipanos, para aqui se mudaram no apogeu da lavra cacauera e fixaram residência na antiga Rua da Jaqueira, hoje avenida Félix Mendonça. Ali, o migrante sergipano, usando a roupagem do sonho e da vontade, buscando criar a família com trabalho e dignidade instalou um estabelecimento comercial de frente para o rio Cachoeira.

A menina conviveu na infância com a paisagem agradável que emerge do Cachoeira, naqueles idos um rio com águas claras, fontes puríssimas, peixe em abundância. Um rio manso no estio, virado bicho de outro mundo quando descia nervoso nas águas turbulentas da cheia. Um rio com seus habitantes ribeirinhos, de caracteres próprios, que lhe davam vida no visual cheio de cantos e cores: o pescador, o tirador de areia, a lava-deira, o aguadeiro e o canoeiro. De lá, de uma das margens de seu querido rio, a menina avistava o entorno da Mata Atlântica, que despontava do verde milenar, bem longe, com a serra do Macuco apontando para o azul dos céus sem fim.

Em Itabuna, fez o curso primário no Colégio da professora Alzira Paim, uma mulher que contribuiu na pequena cidade, ainda tropeçando nas pernas, para o crescimento do fluxo escolar em seus primeiros passos, como dessa maneira também procederam as professoras Lúcia Oliveira,

Noide Hage, Lindaura Brandão e o professor Chalupe. A adolescente transferiu-se para Salvador onde cursou o ginasial no Colégio Severino Vieira e o clássico no Colégio da Bahia (Central). Aprovada no vestibular de Letras, graduou-se em Línguas Vernáculas com Inglês pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Seu currículo é vasto e rico na estrada do saber universitário. Licenciada em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1969); Bacharela em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1972); Mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal da Bahia (1980); Doutora em Literaturas Românicas pela Universidade de Cincinnati, Oh, EUA (1986). Vê-se assim, sem esforço, numa síntese de seu percurso nas Letras, que possui larga experiência neste campo do conhecimento humano, atuando com ênfase nos seguintes temas: poesia portuguesa, poesia brasileira, poesia moderna, literatura latino-americana e literatura norte-americana. Seu desempenho na área do ensino universitário e execução de projetos culturais é esplêndido. Ressalte-se que criou e organizou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural da Bahia.

Ela pertence à Academia de Letras da Bahia. Tradutora, autora de quatro livros de poesia e dois de ensaio. Sobre um de seus livros de poesia, *Casa onde habitamos*, em ensaio que incluí no meu livro *Prosa e Poesia no Sul da Bahia*, nós dissemos o seguinte:

“Há nos oitenta e dois poemas que compõem essa casa, tecida com o labor do sonho, um ritmo que conduz a ideia através de versos bem construídos para o preenchimento dos vazios no mundo. Assim, nos domínios onde a atribuição a um autor consiste na boa literatura mesclada com instrumental crítico suficiente, o emprego de linguagem eficaz deixa-nos ver que aqui estamos diante de uma construção poética segura, de signo adornado pelo som na cadência musical própria do poema,

que diz de emoções chegando da memória ou da razão, como se fossem sensações que na imagem iluminam o ser. Numa lírica moderna ressoa o uso do vocábulo estrangeiro, a boa referência a poetas e escritores de predileção pessoal, mas em especial o tempo que, na alma enlaçando afetos e afinidades, busca outro tempo, marcado através de experiências, revelações tantas perante a existência."

Aos seus predicados de natureza intelectual, ajuntem-se os hábitos da criatura prestimosa, como apanágios de seu caráter, a leveza, a sinceridade, a solidariedade e a gratidão. Com ela se aprende que a vida tem sentido se marcada com o entendimento e o saber que inauguram momentos positivos advindos do diálogo constante entre os seres e as coisas. A vida reveste-se de esperança e se propaga com afeto nas circunstâncias e propósitos das relações que circulam com seriedade sob o enleio do difícil gesto do viver.

Consta na programação do evento de hoje uma leitura de poemas de Heloisa Prata e Prazeres. Peço permissão para me antecipar a essa singela homenagem que lhe vão prestar no final com a leitura de alguns de seus poemas por alguns de nossos confrades e congreiras. Quero ler alguns poemas de nossa lavra, os quais também servem como homenagem que presto à estimada congreira Heloísa Prata e Prazeres.

Com todos os sons de minha alma lírica, vou ler esses poemas.

Soneto das Nuvens

Lá da balastrada olhava as nuvens,
acima do rio carregando gente
e diversas coisas. Antes que a noite
chegasse, ofereciam viagens.

Mostravam castelos, cada gigante,
um velho barbudo em pé no tapete.
De calção, peito nu, lá no pátio,
ficava vendo-as no azul do céu.

Como elas que voltavam, voltaria
pra brincar com os amigos de infância
quando já fosse um homem? Só havia

um jeito de regressar ao passado,
rindo a mãe disse, sonhando acordado.
Um homem com o menino conversando.

Soneto da Infância Minha

Os quintais frutíferos. Houve afoito
amanhecer, de galho em galho, rosto
de suor molhado deixando as tardes
que inventavam mentiras de verdade.

Inúteis, mas importantes. Lonjuras
alcançavam as puras aventuras
bebidas no nascedouro da vida
com gosto de fruta amadurecida.

Tomava banho na lua de prata,
na rua onde dorme agora, quieta,
a minha turma. A vida não prendesse

meu pássaro, infância minha, não desse
ponto final nas vagas amorosas,
onde corri nas horas primorosas.

Águas do rio Cachoeira

Descendo em adeus,
Entressonho e lágrima
Que emerge do coração
Sem fontes puríssimas.
Nas águas sem escamas
Já não há o ribeirão
Com o vento de manhã doce.
Vômitos e excrementos
No funeral das águas
Eliminaram a paisagem clara.

Houve a expressão livre
Do sol lavando as faces,
A vida se desvendava
Com a magia das cores.
Viver era a aventura
Desenhada pelas mãos
De quem tudo nos dava
Sem querer nada de volta.

Sem mergulhos agora,
Competente abundância,
Espumas se escondem
Tingidas de vergonha.
De que serves enfermo
Sem brilho nas escamas,
Sem teus cachos de água
Que sempre inventavas?

Confreira Heloisa Prata e Prazeres, a poeta Cecília Meireles, contemplando a sucessão dos seres humanos no discurso do tempo, assim nos fala:

E, atrás deles, filhos, netos
seguindo os antepassados,
vêm deixar sua vida caindo
nos mesmos laços.

A cadeira 14 estava vacante durante bom período. Esperava por alguém de seu timbre intelectual, de alma cativante, de pensamento reflexivo e sensitivo que ilumina a parte obscura da matéria. Há tempos ela vos pertence de fato. Sua antiga ocupante, a magistrada e juíza de Direito Sônia Maron, lá na sua nova morada, erguida em outras dimensões cósmicas, certamente está dizendo que não há outra mulher que dignifique mais a cadeira 14 neste segundo momento do que a competente pedagoga e talentosa escritora. A confrreira Sônia Maron certamente está sorrindo de alegria, nessa noite festiva, com a feliz escolha da Academia de Letras de Itabuna.

Ilustre conterrânea, todos nós, membros da Academia de Letras de Itabuna, que gostamos de chamar com carinho de alitano uns aos outros, uníssonos em uma só corrente de abraço afetivo estávamos esperando a vossa chegada. Como expectantes de esperança aguardávamos para vos aplaudir com a beleza que se entreabre na parição da flor, e mais, com o encanto mágico do vento que é chegado ameno para se fixar na memória como sonho.

Professora, doutora, escritora, poeta Heloisa Prata e Prazeres, talentosa e eficaz docente, grapiúna de instrumental crítico consistente nessa linda floração das letras, nesta cadeira que vos pertence agora de direito e, ao mesmo tempo, na sua realidade existencial, sentai-vos.

E porque sois também uma alitana, estimada por vossos pares, ficai vós à vontade, com a permanência de vosso brilho.

A todos que abrilhantam esta noite festiva, obrigado.

Discurso de posse

Heloísa Prazeres

Senhor Presidente da Academia de Letras de Itabuna,
Professor Wilson Caetano de Jesus Filho

Senhoras e senhores acadêmicos, autoridades, familiares e amigos:

Sáúdo-os, ilustres Sras. e Srs., neste ato solene de posse, consciente de que a Academia de Letras de Itabuna, ALITA, que ora me recebe, é o resultado do sonho de apaixonados pela arte literária, a cultura o saber e a Língua Portuguesa. Agradeço a honra e o privilégio desta indicação de titularidade ao Ilm.^o Sr. Presidente de Honra da Instituição, insigne escritor, Dr. Cyro de Mattos, e aos apoios confiantes das confradeiras e confrades que me recepcionaram.

Encontro-me feliz entre vocês, mestres e mestras. Cabe-me, também, saudar e agradecer aos que me prestigiam, nesta noite festiva. Se somos o tempo que nos resta, encontro-me em circunstancial completude. E, consciente do nobre significado da distinção, aqui me apresento, presencialmente, após prolongado período de privação social, em face da pandemia, que ainda nos impacta.

Almejo que possa contribuir com ações literárias e culturais, implementadas pelo ilustre corpo colegiado acadêmico da nossa ALITA. Já antes, estive em reunião deste honorável sodalício, quando, com emoção, assisti ao seu nascimento, em 2011, na solenidade, que empossou os membros fundadores,

entre aqueles, o premiado poeta itabunense, Renato de Oliveira Prata, meu irmão.

A Academia de Letras de Itabuna demonstra lealdade à sua missão ao promover a literatura, a riqueza e o dinamismo da Língua Portuguesa, com um espírito, que defendo, honro e ao qual me associo, “O Abraço das Letras” (Literis Amplecti), conforme insígnia inscrita no seu símbolo.

I

Início, pedindo passagem às nove musas do Olimpo, ao padroeiro da cidade, São José, e às forças espirituais, responsáveis por portas e portais, que acolham esse gesto de gratidão, deferência e admiração, que devoto às vozes, que me antecederam, na expectativa de que a homenagem, em memória de duas ilustres escritoras, conterrâneas, seja merecedora.

Começo com a patronesse, escritora e pensadora grapiúna, referência inspiradora da cadeira número 14, que ora ocupo, Valdelice Soares Pinheiro (1929 - 1993). Cito sua voz, para nos conectarmos com a emoção:

[...] eu sou artista, este ser que não precisa se comprometer com nada, porque ele próprio, por si, já é o olho mágico que descobre o presente, que recria o objeto e o fato para o ângulo maior da história[1].

Valdelice Soares Pinheiro nasceu em Itabuna, em 24 de janeiro de 1929. Formou-se no Magistério, mais tarde, licenciando-se em Filosofia, em Porto Alegre, RS. Titulada nos estudos superiores, a Prof.^a Valdelice Pinheiro engajou-se, em sua terra, como uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia de Itabuna, tendo sido, também, sua diretora[2]. Mais do que paradigmática, a sua obra contribui para a diversidade,

que caracteriza o mundo Sul baiano. Valdelice Pinheiro[3], nos textos poéticos (poemas, prosa poética), filosóficos ou autorreflexivos, bem como na expressão visual dos seus desenhos, rascunhos e fotografia, opta por caminhos que não acolhem interpretações simplistas, adotando a complexidade do pensamento crítico.

Algumas de suas obras:

De dentro de mim. Itabuna: Itagraf, 1961; **Pacto.** Rio de Janeiro: Olímpica, 1977; **Retomada.** *Revista FESPI*, Ilhéus, p. 131-135, 1984; e aqueles estabelecidos pela confrreira, professora e pesquisadora, Dra. Tica Simões: **Restauração:** um canto brasileiro. Ilhéus: Editus, 2000. (Poema de Folha Solta, Projeto Inéditos Valdelice Pinheiro. Coord. MLNSimões); **Poesias.** In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Expressão poética de Valdelice Pinheiro.* Ilhéus, BA: Editus, 2002. 150 p.

Valdelice Soares Pinheiro faleceu em Itabuna, no dia 29 de agosto de 1993.

Com peculiar emoção, ocupo-me, a seguir, da biobibliografia de homenagem e preito de gratidão à minha ilustre antecessora, Titular da Cadeira nº14, Sônia Carvalho de Almeida Maron (1940 - 2021). A magistrada nasceu em Itajuípe e viveu em Itabuna; percorreu os caminhos do saber, nas áreas jurídica, acadêmica e literária. Mestre em Direito Penal pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi uma das fundadoras da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Na Instituição, confirmada presidente por dois mandatos, dispensava formalidades, preferia ser chamada pelo primeiro nome, sem títulos que a afastassem do interlocutor, porque queria proximidade e afeto - palavras raras em nossa civilização “líquida”, descrita pelo do teórico polonês Zygmunt Bauman.

Ex-aluna do Ginásio Divina Providência, Sônia Maron foi juíza do Tribunal de Justiça da Bahia. Atuou nas cidades

de Salvador e Itabuna, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Uesc, na docência do curso de Direito. As suas contribuições para as áreas jurídica e acadêmica encontram-se na dissertação **O Instituto da Legítima Defesa: sua relevância no contexto da dogmática penal**. Seis anos após, lançou **Legítima defesa no tribunal do júri**. Mais alguns títulos, **O Instituto da Legítima Defesa: sua relevância no contexto da dogmática penal, 2003; Sócrates, o homem e o mito**. *Diké*: Revista jurídica do curso de direito da UESC, Ilhéus, BA, v.3 e artigos, como colaboradora de sítios eletrônicos, inclusive no da ALITA. A saudosa Sonia Maron, nos legou textos, que comprovam vontade de participação, em todas as instâncias do seu fazer, com voz amigável e lírica, ela anotou registros pessoais.

Aquela amiga que caminhou ao nosso lado para o colégio, dividiu o lanche, posou para retratos em preto e branco na máquina fotográfica Kodak, cantou de mãos dadas as cantigas de roda é única [...]

(Cf. *Amiga de ontem, amiga de sempre*, in: alitaacademia.blogspot.com/2015/05)

Os seus companheiros lembram-se com apreço de histórias compartilhadas. Cyro de Mattos dela despediu-se, com uma elegia, da qual cito excerto:

[...]
Hora que não tem cura,
Vez que não tem volta
Enquanto a noite chega
Para soterrar o dia.
[...] [4].

Sônia Maron faleceu aos 81 anos, deixando-nos um exemplo de excelência e protagonismo feminino.

Ave, Sônia Carvalho de Almeida Maron, sua memória é uma inspiração para todos nós, que tanto lhe agradecemos e admiramos.

II

Não cessaremos nunca de explorar
E o fim de toda nossa exploração
Será chegar ao ponto de partida
E o lugar reconhecer ainda
Como da vez primeira que o vimos.
(T.S. Eliot. ("Little Gidding") Quatro Quartetos.
Tradução de Ivan Junqueira)

Aqui nasci e esta cidade continua a evocar a minha identidade. Pessoal e literariamente, vivo este vínculo espiritual e telúrico, preso à amizade, à raiz e à benignidade de minha herança familiar, conforme registros poéticos, que podem ser considerados um mesmo e único livro, pois, não se esgotando na biopoética, ocupam um espaço emocional e geográfico. Identifico-me como poeta, ensaísta e professora adjunta, aposentada, da Universidade Federal da Bahia. Titular da Cadeira nº 26 da Academia de Letras da Bahia.

Se somos o tempo que nos resta, tenho, para o meu próprio bem, mais de um daqueles sucessivos lugares a que o meu espírito viajante me levou. Concentro, porém, muitas das minhas predileções na maleável noção de *pátria natal* - pois mais sedutoras são as lembranças da terra de origem, tema poetizado por Fernando Pessoa, nas composições do seu *Cancioneiro* (1930).

Ao recordar o consentimento, em manhãs luminosas de janeiros, no final dos anos 1950-1960 - faixa temporal, companhia e memória literária para toda a vida - há espaços essenciais, que me vêm à lembrança como o pedaço

de costa da Mata Atlântica. Experiência que é a minha somente, extensão humana, que vejo da janela da vida. A casa onde vive a intimidade, o lugar onde sempre fui feliz, como resume a frase latina “*Ubi bene ibi patria*”, ou seja, *onde se está bem, aí é a pátria*.

A poesia se manifesta em minha vida precisamente por recobrir essa perspectiva existencial, liberdade da arte, virtude do silêncio. Desde que nasci aqui, junto à elevação do Pontalzinho, retorno, em estado de percepção absoluta - navegação em todas as geografias que conheci, são pueris réplicas desses mapas essenciais. O Cachoeira, em sua realidade visível e, de modo algum, totalmente compreensível - o que poderia muito bem assemelhar-se à dimensão aventureira da infância. Nesta cidade, pela primeira vez senti a espécie de contato único com a natureza e a cultura. Anos, muitos anos após, ficcionalmente, em poemas, narro descobertas, como quando, pela primeira vez, senti a comunicação imediata com a natureza criadora e aniquiladora. Deu-me a paisagem grapiúna lições de nova sensibilidade. Foi ali mesmo, na solidão sonora do mar da Barra de Itaípe, de Pontal de Ilhéus ou de Olivença, onde me apropriei de uma noção de *geopoética*. De não menor importância, a evocação da literatura, que herdei das estantes familiares e o sentimento de fascinação e medo, que me provocou a primeira visão dos cacauais. Não sem alguma aflição e considerável dose de dúvida, despedi-me desta cidade, onde fui recompensada por não poucas experiências, hoje, na poesia, percebo que não há percepção de obra poética completa, a escrita está sempre a se manifestar.

A participação mítica com o mundo natural, os homens e todo o cosmos constituem o segredo da criação artística e seus efeitos, segundo a Fenomenologia ou como nos comprovam a obra poética de Cyro de Mattos, o universo narrativo de Adonias Filho - Dono e Senhor desta Casa - a prosa de Jorge Amado ou o luxo do universo do belmontino

Sosígenes Costa; a liberdade de Firmino Alves; o Reverdor da recuperação épico-lírica, de Florisvaldo Mattos.

Lembro-me e aqui homenageio as mestras, Prof.^a Alzira Paim, a Maestrina Zélia Lessa e a minha sensível professora de piano, Lourdes Dantas. Faço essas vivas referências, pois, foi assim que elos livrescos e musicais da minha história particular foram decantados e enriquecidos, com soldas poderosas, jamais esquecidas. Ressalto a importância de familiares e amigos, num caminho de busca literária, tudo impulsionado pelo desejo de ir além das últimas fronteiras, uma vez que a grapiunidade é inclusiva.

A linhagem dessa correlação de contingências serviu-me para inventar transferências juvenis, já que me sinto herdeira desse mundo rico, que é também devido aos escritores, os quais, considero minha própria tradição, no que diz respeito a criadores, que antecederam a contemporaneidade. Poetas clássicos, renascentistas, barrocos, românticos e modernos do cânone ocidental; lusos (António Vieira, Luís de Camões, Fernando Pessoa), brasileiros (Castro Alves, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade); ingleses, franceses, espanhóis e latino-americanos (Emily Dickinson, Paul Verlaine, António Machado, Gabriel García Lorca, T.S. Eliot, Gabriela Mistral, César Vallejo, Octavio Paz), e prosadores nacionais (Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Adonias Filho, Guimarães Rosa, Clarice Lispector); estrangeiros (Tolstói, Kafka, Juan Rulfo, Jorge Luis Borges, Montaigne, Marcel Proust, Ernest Hemingway, William Faulkner, Thomas Hardy, José Saramago). Uma tradição sincrética e fecunda, na qual, deve-se lembrar, que o conceito de tradição ou patrimônio literário não pode ser dissociado de sua operação, graças ao cruzamento de hábitos, culturas e arquétipos da magnífica mestiçagem da qual somos filhos.

Junto à presença terna dos meus avós, pais, tios, irmãos e parentes, que me fazem sentir o ramo sergipano da família, e, principalmente, o ensinamento pelo exemplo. Vitral de memórias, conhecimentos, que acessam o dom das recapitulações, concepções de mundo até o alcance de eixos mais nobres, algumas verdades, sempre no território da poesia.

Tudo isso intensifica o caráter mítico, quase sagrado, que as terras grapiúnas possuem para aquela borda da mata; para a margem do rio Cachoeira ou junto ao primordial oceano. Cito o poeta Cyro de Matos, cujo eu-lírico nos adverte: Bebo tudo no mistério (Cf. MATTOS, 2020. “Cercos das águas”, p. 454)

Ou como anotou José Dantas de Andrade, meu tio e preceptor, quando as terras do Sul do Estado da Bahia começaram a criar fama, atraindo sergipanos, sírio-libaneses, sertanejos e gente de todos os pontos do Estado e do país, o arraial de **Tabocas** foi um dos preferidos por esses imigrantes.[5]

O cacau protagoniza narrativas; possui ressonância merecida, pelo tratamento literário, que o insere no espaço das letras brasileiras. A densidade e a qualidade da produção artístico-cultural da região constituem fato incontestável. Representado por grandes romancistas, como os citados, Jorge Amado e Adonias Filho, dela fazem parte os ficcionistas Jorge Medauar, Cyro de Mattos, Euclides Neto, Hélio Pólvora, Ruy do Carmo Póvoas, Marcos Santarrita, e poetas como Sosígenes Costa, Telmo Padilha, Firmino Rocha, Minelvino Francisco Silva, o poeta Cyro de Mattos, Florivaldo Mattos, dentre tantos.

Encaminho-me para a conclusão e relembro a alegria genuína, que relaciona a disposição para o novo, como vitória do espírito acadêmico, que permite a esta Casa de Adonias Filho receber vocações diversas. A ALITA também está viva,

no Facebook, no Instagram, na sua página institucional, por iniciativa e talento da confeira, Raquel Rocha.

Já finalizando, peço-lhes licença para a referência a um legado familiar, povoado de preceptoras, mundo feminino, que tem muitos nomes: Georgina, Aurora, Alzira, Amélia, Lourdes, Lournalina e Athaíde, tia Sulinha. Preito e memória de gratidão aos meus pais, Agrícola Santana Prata e Alzira de Oliveira Prata; afeto e fidelidade aos irmãos, Renato de Oliveira Prata e Regina Amélia Prata Vidal; primas e primos, companheiros de infância, aqui representados pelos Martins de Oliveira, Marcia, Mercedes e Marcelo; Oliveira Dantas, Marilene, Ronaldo, Marisa e Maruse e Roberto; Oliveira Menezes, Rubem e Rosevaldo; e, em memória, Rita, Raimunda Elba e Margarida Menezes; também, em memória, os meus mentores afetivos, intelectuais e culturais, a quem dedico não poucos textos: João Martins de Oliveira, José Dantas de Andrade, Chiquinho e Raimundo Oliveira Cruz, esses últimos, filhos de Luís Manoel da Cruz, meu avô materno.

Alcanço por derradeiro o meu porto seguro, que me apoia e acompanha, Letícia, Ana e Daniel, joias geradas de uma vida cinquentenária, em comunhão, com Jamison Pedra Prazeres, esposo e companheiro de vida, presença que enriquece com beleza visual todo o meu projeto de escrita - família nuclear, multiplicada, que alcança treze vidas, com Nilson Bolgenhagen, Oscar Goodman e Michele Mascarenhas Prata, e os amados cinco netos, João Filipe, Samuel, Olivia, Pedro e Leonardo, vidas vinculadas, que abraço, como meu patrimônio amoroso.

Muito obrigada!

Itabuna, 19 de novembro de 2022

NOTAS

[1] PINHEIRO In..**HISTÓRIA de Itabuna: Valdelice Pinheiro, poeta e artista plástica. Itabuna**, 14 abr. 2020. Disponível em: <http://www.historiadeitabuna.com.br/2020/04/valdelice-pinheiro-poeta-e-artista.html> . Acesso em: 30 ago. 2022. p.1.

[2] MIRANDA, Antonio. **Valdelice Soares Pinheiro (1929 - 1993)**. [S.l.: S.n.], 2020. Disponível em: <https://academiadeletrasdeitabuna.com.br/2021/12/24/adeus-a-juiza-sonia-maron-exalta-mulher-a-frente-de-seu-tempo/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

[3] PINHEIRO, Valdelice. **Restauração: um canto brasileiro**. Ilhéus: Editus, 2000. p. 8. (Poema de Folha Solta, Projeto Inéditos Valdelice Pinheiro. Coord. MLN Simões).

[4] MATTOS, Cyro de. Pesares de Sônia Maron. In: ROCHA, Raquel (Prod.). **Homenagens dos Alitanos à querida Sônia Carvalho de Almeida Maron: uma das fundadoras e ex-presidente da Instituição. Itabuna: Academia de Letras de Itabuna (ALITA)**, 2021b. Disponível em: <https://academiadeletrasdeitabuna.com.br/2021/12/22/homenagens-dos-alitanos-a-querida-sonia-carvalho-de-almeida-maron-uma-das-fundadoras-e-ex-presidente-da-instituicao/> . Acesso em: 18 set. 2022.

[5] ANDRADE, José Dantas de. **Documentário histórico ilustrado de Itabuna**. 2. ed. Itabuna: Gráfica, 1986. p.84.

História entre as letras

Discurso de recepção ao confrade

Clóvis Silveira Góis Júnior em sua posse na ALITA em 02 de março 2022

Charles Nascimento de Sá

Excelentíssimo senhor Wilson Caitano, presidente da Academia de Letras de Itabuna, boa noite!

Em seu nome, saúdo as confradeiras e confrades da ALITA aqui presentes. Prezada confrreira Josane Morais, aqui representando a Academia Grapiúna de Letras, minha gratidão por sua presença na abertura do ano acadêmico da ALITA e o desejo de que a AGRAL traga muitos frutos para nossa região.

Prezado novo confrade Clóvis Silveira Góis Júnior, bem-vindo a esta academia! Em seu nome dou meu boa noite aos convidados e convidadas, aos amigos, parentes e demais pessoas aqui presentes para essa noite de festa.

Foi logo após sua seleção para integrar nesta Academia que fui procurado por professora Janete, nossa vice-presidente da ALITA, para saber que seria minha a honra de lhe dar nossas boas-vindas. Diante deste aviso de minha querida mestra, apenas uma única resposta podia sair de minha boca: Sim, senhora!

Dado meu aceite, indaguei o que poderia escrever a seu respeito, sendo que não o conhecia. Como primeira assertiva, professora Janete foi indicando tratar-se de um historiador.

Aqui já tinha um primeiro ponto a discorrer, sendo a História minha seara e minha grande paixão desde minha adolescência.

Imediatamente me reportei ao século XIX e me lembrei do prefácio do primeiro volume do livro História dos Povos Germânicos, do historiador alemão, Leopold Von Ranke. Dizia, esse que foi considerado o pai da historiografia moderna, no início de sua grandiosa obra sobre a Alemanha, que, em sua pesquisa, buscava entender a “História como esta havia sido”.

Tal afirmação foi depois mal compreendida, de modo particular no Brasil. Em muitos livros de historiografia, era sugerido que essa afirmação evidenciava uma revelação do caráter positivista deste historiador, e da grande maioria dos historiadores do século XIX. Ledo engano. Em primeiro lugar, Ranke abominava o positivismo de Augusto Conte. Achava-o superficial e sem método. Ele, assim como a maioria dos historiadores dos oitocentos, pertencia à Escola Metódica, e buscava de toda forma adequar o conhecimento histórico a partir da constituição de um método.

Para entender o porquê dessa afirmação de Ranke em seu prefácio, e assim entender seu contexto, elemento assaz fundamental para se entender a própria História, é preciso voltar um pouco mais no tempo. Segundo os historiadores alemães Christian Meier, Odilo Engels, Horst Günther e Reinhart Koselleck. foi no Império Romano que o poeta, filósofo e senador romano Cícero escreveu que à História caberia servir como guia moral para as pessoas. Dos ensinamentos que a História traria, se aprenderia como agir, e que regras seguir. Seria ela, segundo Cícero, a *Magistra Vitae*, isto é, *Mestra da Vida*.

Essa acepção de história, enquanto mestra da vida, foi a base na qual se alicerçou o entendimento desta área de conhecimento durante cerca de 1.800 anos. Foi somente a partir do século XVIII, com o Iluminismo, e em solo alemão,

que a ideia de uma história mestra da vida iria ruir. Em seu lugar, os historiadores germânicos colocaram um novo conceito. No lugar da *Historie*, coletânea de exemplos para uma vida piedosa e justa, advinda de Cícero, surgiu a *Geschichte*, isto é, História como conjunto de emaranhado de relações político-sociais deste mundo (KOSELLECK, 2013, p. 38).

Essa explicação de Reinhart Koselleck sobre a alteração no conceito de História feito na Modernidade, é ponto para se entender o contexto que esclarece a fala de Ranke. Sua afirmativa de que a ela interessava contar a história como havia sido, fica assim compreendida ao verificar em que contexto ela foi inferida. Não competia a Ranke, como a nenhum outro historiador moderno, dispor de exemplos morais ou piedosos para possibilitar que a História fosse a Mestra da Vida. A História desenvolvida a partir do século XVIII e XIX seria aquela que, por meio do método, buscaria analisar e entender as relações sociais, políticas, culturais e econômicas que vicejam na humanidade.

Nesse sentido, prezado confrade Clóvis, foi com grande alegria que soube você se tratar de mais um filho de Clio. Mas, como historiador, ainda me vinham outras indagações: novamente recorri a professora Janete e perguntei que obras você havia escrito. Ela então me informou sobre um livro seu. Precisaria, então, ler tal livro.

Vem o destino, e sou agraciado pela Fortuna mais uma vez. Em minhas relações pessoais prezo da amizade de diversas e maravilhosas pessoas. Dentre elas, duas são por mim muito queridas, Lu e seu esposo, o historiador, poeta, dramaturgo e confrade da AGRAL Cláudio Zumaêta. Em uma de nossas conversas semanais, o informei de que me competiria dar-lhe as boas-vindas. Ele então exclamou que havia lido seu livro. De imediato, falei que precisava que ele me emprestasse. Fui informado por ele de que, mais que um empréstimo, ele me daria um exemplar, pois contava com dois em sua casa. Marcamos um café.

Em nosso encontro, um entusiasmado Cláudio me entregava o livro *Sequeiro do Espinho, passos de um conflito*, e tudo indicava ser aquele um livro histórico com as melhores qualidades que um texto deve possuir: coesão, coerência, concordância e uma escrita inspirada, de fácil leitura, com profundidade teórica e documental. Enfim, um livro que cativa e prende o leitor do início ao fim.

Como sei que meu amigo se empolga e sempre é muito expansivo, fiquei com um “pé atrás”: seria essa uma obra que traria em sua verve algo que é tão ausente na escrita histórica, isto é, um texto bem escrito, sem o “ranço” tão característico da leitura acadêmica? Fui ler o livro.

Um dos fatores a me intrigar em relação à obra, foi o fato de ela tratar de um tema que constituiu meu ingresso no universo amadiano. Foi através da leitura de *Terras do sem fim* que me vi fisgado pela escrita de Jorge Amado. Daí que guardo um carinho especial por este assunto.

Ao iniciar a leitura de *Sequeiro*, ainda mantinha um quê de desconfiança. Mas nada pude fazer! À medida que me aprofundava na leitura, lia seu texto, via os documentos analisados, os autores citados, as imagens usadas, fui me apaixonando pela obra, sua excelente escrita, e enxerguei ali um autor que escreve com profundidade de conhecimento, com paixão, e que sabe, de fato, ser um bom narrador.

O livro evidencia aquilo que Koselleck conceitua como História, e que foi ambicionado por Ranke, Carlily, Michelet, Droysen, Southey, Coulanges, Burckhard, dentre outros. Isto é, a compreensão do presente como sendo a relação entre o “espaço de experiência”, isto é, o passado, e o “horizonte de expectativas”, o futuro.

Dessa maneira, ao trazer à baila personagens como os coronéis Basílio de Oliveira, Juca Badaró, Sinhô Badaró, Antônio Pessoa, Misael Tavares, Henrique Alves, políticos como Eusínio Lavigne, João Mangabeira, dentre tantos outros nomes

do passado de Ilhéus e Itabuna; ao indicar fazendas, estações de trem, casas comerciais, armamentos, jagunços, peões, mapas, e outros tantos documentos, Clóvis Silveira nos situa entre o passado, nossa experiência, e o futuro da região Cacaueira, nossa expectativa.

Encantado pelo texto, fui então buscar mais informações sobre o autor. Recorri novamente a professora Janete, indagando sobre a documentação por ele apresentada para sua candidatura à ALITA. Fui socorrido, de modo solícito e competente, pela congreira Lurdes Bertol, que me encaminhou as informações requeridas.

O confrade Clóvis Silveira é autor de outra obra histórica *A Gênese do adventismo grapiúna*. Esta ainda não li, mas no prefácio do livro *Sequeiro do Espinho, passos de um conflito*, a professora Janete indica que *A Gênese do adventismo grapiúna* se situa “no campo temático História e Religião”. Ela informa que nesta primeira obra o autor indica que ali estuda a Igreja Adventista no sul da Bahia para “completar grandes lacunas”, e por inexistir “qualquer obra que conte a história”. Nesse sentido, caminha o confrade no entendimento de uma História não mais alicerçada em buscar preceitos morais, mas em entender a dinâmica das relações sociais.

Continuando minha pesquisa, descubro que o novo integrante da ALITA é Administrador, formado pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Licenciado em História pelo Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia - IMESB e Especialista em Gerenciamento de Micro e Pequenas Empresas, pela Universidade Federal de Lavras - UFLA.

Além dos dois livros já citados, tem textos publicados no Jornal Agora e mantém no Instagram uma página intitulada @história.grapiuna. Participou de inúmeros eventos, esses divididos entre a História, sua vocação religiosa na Igreja Adventista, além daqueles vinculados a sua área de trabalho.

Nosso confrade é servidor público, atua como Técnico Judiciário no Tribunal Regional do Trabalho da 5ª região. Em sua carta para concorrer à vaga da ALITA evidenciou que:

considerando o escopo dessa Casa em promover a literatura, as artes, e as ciências humanas, bem como sua elevada finalidade em preservar a memória da cultura itabunense, grapiúna e brasileira; tendo em conta, ainda, o distinto fomento ao cultivo da língua pátria e ações decorrentes me ponho à disposição do seletivo grupo de alitanos, como pretendente à trigésima quarta cadeira, cujo patrono é o eminente jornalista Jorge Calmon

Nossa região surgiu oriunda de nosso passado na capitania de São Jorge dos Ilhéus, embasado pelo avanço e riqueza que a expansão do cacau trouxe a essas “terras do sem fim.” Analisando sua altaneira vontade em integrar essa nobre Casa das Letras, Artes e Ciências, observando seu caminhar e sua produção, estudando sua escrita e estudos históricos e sua trajetória profissional, tenho certeza de que o novo confrade irá contribuir para alicerçar e fomentar, em parceria com todos nós que aqui nos encontramos, novos caminhos e estudos para o saber e a cultura, especialmente nos campos da História, das Letras e das Artes em nossa região do Cacau.

Prezado confrade Clóvis Silveira Góis Júnior, esta Casa e os seus, o saúdam. Seja muito bem-vindo!

Obrigado.

Discurso de posse

Clóvis Silveira Góis Júnior

Yahweh é grande!

Senhor presidente da Academia de Letras de Itabuna, professor Wilson Caitano de Jesus Filho.

Ilustres membros da mesa. Senhoras e senhores acadêmicos, autoridades, familiares, amigos e irmãos.

Agradecido ao ilustre confrade e historiador Charles Nascimento de Sá pelas polidas e generosas palavras de recepção.

Sinto-me imensamente honrado em ser recebido neste dileto lugar e ser agraciado com a cadeira de número 34 desta Casa, e saúdo-os com um sentimento de gratidão.

Preliminarmente e sumariamente, digo-lhes que não me julgo apto em ser incluído neste ambiente literato. Mas a Providência nos reserva destinações que somente o tempo ou a incursão na sapiência nos proporcionará respostas. Por ora, espero corresponder às expectativas das confradeiras e confrades, robustecer o dileto quadro e colaborar com a augusta missão da ALITA, que objetiva a promoção da literatura, das artes e das ciências humanas em suas diversas manifestações, bem como a preservação da memória da cultura nacional, especialmente a robusta e aurífera cultura grapiúna. Acredito, também, nas sábias palavras do erudito confrade Ruy do Carmo Póvoas, “a quem Deus promete riqueza não oferece migalha depois”¹.

Venho da Palestina, lugar onde a terra treme, antigo arraial de Itabuna, atual cidade de Ibicaraí. Ambas pertencentes

à histórica São Jorge dos Ilhéus, antiga “Nhoesembé”, “terra mater” de toda a região cacauera baiana. Venho de Ibicaraí, onde, outrora, passava “o gado de Minas²”, antigo roçado de Calixto Roxo, promissor lugar dos irmãos Marques. Fui parido nas proximidades do rio Salgado, importante afluente do Cachoeira. Minha memória olfativa lembra o cheiro do cacau seco, da jaca madura, da terra molhada e dos múltiplos aromas produzidos pela heterogênea e grandiosa Mata Atlântica. Tenho DNA miscigenado, sangue-tríplice: afrodescendente, sergipano e indígena. Sou grapiúna, disso me orgulho!

Cresci num ambiente judaico-cristão, fui educado sorvendo dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João; quedei-me absorto com as profecias apocalípticas e ainda creio na *parousia*, por isso estou ciente de que, quem não vive para servir, não serve para viver.

Desde a mais tenra idade ouvi “causos” nascidos nos cacauais e nas barcaças; escutei histórias primordialmente oriundas dos antigos e covardes engenhos; e conheci saberes provenientes das ocas dos originários: camacãs, guéréns, aimorés e tupiniquins. Na adolescência me vi lendo Odilon Pinto e acreditando no augúrio do frei Ludovico de Livorno de que Ferradas, algum dia, seria a praia de Ilhéus, e que os abalos sísmicos ibicaraienses seriam um prelúdio desta profecia. Criança, acreditei nas histórias que ouvia nas rodas de conversas, na feira, à beira do rio, nos currais, nas praças, nos campos de várzeas, nas escolas dos professores Tereza Mota, Lucinê Alves e Waldir Montenegro.

Na juventude, fui recepcionado em Itabuna, cá onde Felix Severino do Amor Divino, em meados do século XIX, “abriu um arruado no ventre da selva”³. Aqui, li Jorge Amado e passei a conhecer os fatos secretos das *Terras do Sem Fim*. Li Adonias Filho e passei a ter ciência da existência de jagunços, tocaias e caxixes; conheci Valdelice Pinheiro e amei o Cachoeira: “rio torto, rio magro, rio triste. Parece que chora,

sente dor... parece que fala em lamentos, dos afogados que engoliu, das flores que levou”. *En passant* (pois quem pode entendê-lo completamente?), degustei o idiossincrático Firmino Rocha, com seus ternos amarrotados e flores nas mãos; presenciei o frio e “os luares de maio”, “as tranças” das inocentes e valorosas marias; na cidade crescida constatei “os tambores da morte” e “os pés violentos”, como também os pés dos rurícolas peões “ferindo a terra bendita”. “E a cantiga, onde ficou a cantiga?”, nos corações dos menestréis, que cantam os “ribeirinhos dourados” e “as estrelas tangíveis”; por fim, aprendi que não se entrega “um fuzil ao menino”, sob pena de não se presenciar “nunca mais a inocência, nunca mais a alegria, nunca mais a grande música no coração do menino”⁴.

Aqui, faço minhas as palavras do poeta, advogado e jornalista Eurícles Formiga, em seu belo poema intitulado “Um canto para Itabuna”:

Itabuna, em vão procuro
traçar-te um grande poema.
Que em tua frente cintile
de estrofes lindo dilema!
Versos à glória que ostentas
de heroísmo e tormentas
[...]
Um dia feliz recordas!
Bravos filhos de outras terras,
chegaram pioneiros fortes,
transpondo vales e serras:
bandeirantes do nordeste...
E tu os lábios lhes destes
Para o beijo da conquista...
Sentaram a sua bandeira
À margem do Cachoeira,
Que gigantesco se avista!⁵

Li Cyro de Mattos, não somente li, conheci, e estivemos juntos na “justiça obreira” por um curto período, suficiente para conhecer o homem por detrás dos livros - no trato com os servidores, no descobrir atitudes veladas aos olhos comuns, no definir ações próprias do ambiente judiciário com a verve literária. Lembro-me quando nominou carinhosamente de “dedinhos de ouro” a exímia e célere secretária de audiências da 1ª. Vara do Trabalho; também, em outro momento, quando num convite para participarmos dos folguedos juninos em fazenda de sua propriedade, definiu aquela que é a maior festa de inverno do mundo de “festejos adrianinos”, uma alusão aos famosos fogos de artifícios tradicionalmente comercializados nessa época. Agora, novamente, tenho a oportunidade de beber do cristalino líquido grapiúna, na beira da fonte.

Cyro de Mattos, senhoras e senhores, representa hoje o que temos de mais autêntico, intenso e extenso no quesito grapiunidade! James Amado, ao apresentar “O mar na rua Chile e outras crônicas”, nos disse que “nunca mais a literatura grapiúna será a mesma”. E a providência me permitiu proximidade de tamanha magnitude. Espero aproveitar cada momento, cada palavra!

Neste instante, quando sou reunido a tão importante grei, quero expressar-me e dizer-lhes que todos vocês me inspiram intelectualidade, cidadania, respeito, admiração e urbanidade. Fora desta Casa já conhecia alguns dos distintos confrades e confreriras. E passo a descrevê-los.

Com o amigo Gustavo Veloso já tratei da longa história ferradense. Chão originário, onde Antônio da Nóbrega e Ludovico de Livorno andaram, onde passaram os tropeiros, trazendo progresso, víveres e notícias do planalto da Conquista, do sertão da Ressaca e dos Gerais. Sítio das Árvores Ferradas. Vila das Árvores Ferradas. Freguesia e Vila de Dom Pedro de Alcântara. Conceição de Ferradas. Arraial de Ferradas.

A “taciturna e pacata” e também “antiga e venerável”⁶ Vila de Ferradas. Terra natal do inconfundível e inimitável Jorge Amado, do inesquecível jornalista-poeta Telmo Padilha. Terra onde nasceu, pisou e matou o temível “oficial de caveira” Antônio Pereira⁷, indivíduo que promoveu em dona Eulália Leal Amado o escuso costume de dormir com uma arma sob o travesseiro. Lembro ainda, caro Gustavo, da amigável recepção em sua residência, quando conjecturávamos acerca dos atos e de como seria o semblante daquela fera humana. Agradeço-lhe a aquiescência e os valiosos conselhos.

Com a leitura, com o acompanhamento dos seus trabalhos e ainda em sua companhia, passei a conhecer a doutora Janete Ruiz de Macêdo, assim - e não poderia ser diferente -, alavanquei o meu amor por Itabuna. Aqui vai meu agradecimento pela condescendência oportunizadora ao meu acesso nesta confraria. Considero-a “sustentáculo da memória regional”. Ninguém, atualmente, como ela, promove e resgata a história grapiúna tão bem e com tamanha eficiência. Seja nos bancos acadêmicos da Universidade Estadual de Santa Cruz ou como mantenedora do Centro Cultural Teosópolis; quer como fundadora do Centro de Documentação e Memória Regional da UESC ou na proteção e acondicionamento do precioso acervo hemerográfico do inesquecível “Jornal Agora”; ou no salvamento da documentação do Arquivo Público Municipal - quando lambido e pré-degustado pelas irreverentes águas do rio Cachoeira naquele fatídico natal de 2021; quer na administração do Museu Casa Verde ou na promoção da abertura do Museu Amélia Amado; quer fomentando exposições temáticas e itinerantes nas praças itabunenses ou nas habituais entrevistas concedidas às emissoras locais na festiva data anual do 28 de Julho; ou mesmo organizando antologias poéticas. Inclusive, marcante foi aquela, “Cantos a Itabuna Centenária”, que trouxe a lume escritos esquecidos - desde o longínquo 1926 -, nem por isso inexpressivos

e irrelevantes, pelo contrário, odes de apologia e orgulho, dos nascidos e adotivos, ao chão grapiúna. Uma antologia que traz em seu bojo quatro poemas do inominável e indecifrável Firmino Rocha merece figurar entre as mais ditosas publicações. É motivo de grande orgulho afirmar que, dentre meus pares, figura Janete Ruiz de Macêdo.

Também, tive o regalo de conhecer a gentil Raquel Silva Rocha, inicialmente nas ondas televisivas, via TVI, emissora eminentemente itabunense, depois em produções cinematográficas airosas e densas, a exemplo do documentário “Nos trilhos do tempo”, posteriormente, pessoalmente, em ocasiões plurais e culturais, e no inusitado momento em que, juntos, munidos de rodos, vassouras, pás, baldes, panos-de-chão e muita determinação, tentávamos salvar a centenária documentação, molhada e enlameada, do acervo público local, pós-enchente aqui mencionada. Obrigado por exalar graciosidade e motivação, não somente a mim, mas a todos que a cercam.

Vaidade e brio me acompanham, e a fanfarrice me cerca quando, nas publicações rotineiras, constato que, dentre os seguidores habituais da página @história.grapiuna, no Instagram, está o presidente desta respeitável casa. Obrigado, caro Wilson Caitano de Jesus Filho, por valorizar as doses homeopáticas de cultura, literatura e história regionais, e por me acompanhar na jornada.

Na cadeira 34 me antecedeu Luiz Antonio dos Santos Bezerra, escritor, graduado em Filosofia, Juiz de Direito, professor da UESC, UNIME, UCAM, FTC, Faculdade de Ilhéus e do Seminário Teológico Batista Grapiunense.

Difícil incumbência me é ocupar a cadeira de número 34, que tem como patrono o soteropolitano Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, jornalista, político, escritor, historiador e professor de proa. Escreveu e promoveu a cultura como poucos, a ponto de ser reconhecido como o último grande

mecenas baiano quando nos deixou, em 18/12/2006. Nas-
cido no bairro de Nazaré, Salvador, em 1915, desde muito
cedo estava destinado à multiplicidade de ações cidadãos.
Muitas foram suas casas, e a todas enobreceu: Jornal “A Tar-
de”, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Universidade
Federal da Bahia, Academia de Letras da Bahia, Associação
Baiana de Imprensa, Tribunal de Contas do Estado da Bahia
e Assembleia Legislativa da Bahia.

Dono de uma determinação férrea, nas páginas do “A
Tarde”, em 1988, encampou luta renhida contra a propos-
ta separatista das terras baianas (“A Bahia não se divide”),
na qual nós grapiúnas pertenceríamos ao idealizado estado
de Santa Cruz. Homem de amplitude e visão abrangente,
por amor ao estado natal anteviu que não seria uma esco-
lha sábia, nem tampouco viável econômica, política, social
e culturalmente para ambos os lados, que, remanescentes,
tentariam se reerguer. A empatia me faz entender a batalha
capitaneada por Jorge Calmon quando fez publicar no noti-
cioso baiano do qual era redator que “não se pode separar
Ruy de Barbosa, Castro de Alves, Irmã de Dulce, Maria de
Bethânia, Jorge de Amado, Zélia de Gattai”.

Calmon foi sucessor do jornalista Ernesto Simões Fi-
lho na direção da redação do jornal “A Tarde”, diário onde
trabalhou por 62 anos, 47, como redator-chefe. Aos olhos do
itabunense, o também jornalista Samuel Celestino, “é muito
difícil mensurar um homem tão extraordinário como Jorge
Calmon. Diria que não foi somente o maior jornalista que
conheci e de quem tive o privilégio de ser discípulo. Jorge
Calmon foi o maior jornalista da Bahia em todos os tempos.
Sempre sereno, elegante e correto, o jornalista foi o mestre
de diversas gerações e guardião dos princípios e da ética
da imprensa na Bahia”⁸. Ocupar a cadeira de número 34 na
ALITA me evoca em um mesmo momento sentimentos dís-
pares: ufanismo e assombro!

Sua bibliografia inclui: **A Flotilha Itaparicana**, EGBA, 1972; **Problemas da Indústria do Jornal; Manoel Quirino, político e jornalista; Grã Colômbia Vista e Comentada: Notas de um cronista às vezes indiscreto**, Record, 1980; **Imprensas Oficiais no Brasil: Aspectos de sua história e seu presente**, EGBA, 1981; **Conceito de História**, UFBA, 1982; **A cara dos fatos**, A Tarde, 1990; **As Estradas Correm para o Sul: A migração nordestina para São Paulo**, EGBA, 1998; **Promessas se Pagam com Pedra e Cal: Crônicas de viagem**, Ronda, 1999; **Santo Amaro: Devoção de José Silveira**, ALBA, 2004; e **A Revolução Americana: 4 estudos**, EGBA.

Não posso deixar de homenagear aqueles que, pela literatura, este instrumento de disseminação do saber, semearam o conhecimento histórico, os fatos relevantes da experiência humana neste pedaço das “Terras do sem fim”: **José Dantas de Andrade**, em “Documentário histórico ilustrado de Itabuna” e “Itabuna cinquentenária: documentário fotográfico histórico de Itabuna”; **Manoel Bomfim Fogueira, Oscar Ribeiro Gonçalves, Janete Ruiz de Macedo e João Cordeiro de Andrade**, em “O Jequitibá da Taboca”; **Adeildo Kfoury Silveira**, em “Itabuna, minha terra!” e “Cronicontos”; **Moacir Garcia de Menezes**, em “Recordações históricas de Itabuna”; **José Pereira da Costa**, em “Terra, suor e sangue: lembranças do passado - história da região cacauzeira”; **Helena Mendes**, em “Figuras e fatos de Itabuna”; **Lurdes Bertol Rocha**, em “De Tabocas a Itabuna: um estudo histórico-geográfico”, “O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados” e “A cidade em tela: Itabuna e Walter Moreira”; **Adriana Dantas Andrade-Breust**, em “Itabuna: história e estórias”; **Maria Palma Andrade**, em “Itabuna: um novo estudo monográfico” e “De Tabocas a Itabuna: um estudo histórico-geográfico”; **João da Silva Campos**, em “Crônicas da capitania de São Jorge dos Ilhéus”;

Carlos Pereira Filho, em “Terras de Itabuna”; **Ramiro Aquino**, em “De Tabocas a Itabuna: 100 anos de imprensa”; **Gustavo Veloso**, em “Ferradas, um capítulo na história do Brasil”; **Aurélio Schommer**, em “Itabuna: história e história ficcionada”; **Raimunda Alves Moreira de Assis**, em “A educação em Itabuna”; **Efigênia Oliveira**, em “Zélia Lessa: a música em uma vida”; **Philippe Murillo Santana de Carvalho**, em “Itabuna - uma cidade em disputa: tensões e conflitos urbanos do sul da Bahia (1930-1948)”; **Paulinho Lima**, em “Anjo do bem, gênio do mal”; **Ritinha Dantas**, em “Bença, vó!”; **Raimundo Almeida Hagge**, em “Túnel do tempo - Futebol de Itabuna: Cem anos de história”; **Nelson dos Santos Galvão**, em “Histórias de baiano”; **Cyro de Mattos**, em “O velho campo da Desportiva”, “Itabuna, chão de minhas raízes”, “Cantiga Grapiúna”, “Vinte poemas do rio”, “Cancioneiro do cacau”, “Os enganos cativantes” e “O mar na rua Chile e outras crônicas”; **Janete Ruiz de Macedo**, em “Antologia poética: cantos a Itabuna centenária”; **Helena Borborema**, em “Retalhos”, “Lafayette de Borborema: uma vida, um ideal” e “Terras do Sul”; **José Alves de Souza Freire**, em “Firmino Alves: fundador de Itabuna”; **Francisco Benício dos Santos**, em “Memórias de Chico Benício”; **Fernando Caldas**, em “Fernando Gomes, o político: uma vida por Itabuna”; **Vercil Rodrigues**, em “José de Almeida Alcântara: o populismo em Itabuna”; **Ayalla Oliveira Silva**, em “Ordem imperial e aldeamento indígena; camacãs, gueréns e pataxós no sul da Bahia”; **Waldeny Andrade**, em “A ilha de Aramys: 40 anos de eleições em Itabuna”; **Jorge Amado**, em “O menino grapiúna”, “Terras do Sem Fim” e “Navegação de cabotagem”; **Adonias Filho**, em “Sul da Bahia: chão de cacau - uma civilização regional; e **Itazil Benício, Alício Peltier, Ottoni Silva, José Nunes de Aquino, Wilde Oliveira, Calixto Midlej, Bartolomeu Brandão** e outros, em “Um médico - uma época”, textos de

testemunhas da vida do grande Corbiniano Alves de Souza Freire; **André Luiz Rosa Ribeiro**, em “In Memoriam: urbanismo, literatura e morte”; e **João Otávio de Macedo**, em “Centenário Santa Casa de Misericórdia de Itabuna: um século de bons serviços”.

Gratidão a Yeshua, por ter me criado e sustentado até o presente; à família nuclear (Iara Setenta, Felipe Góis, João Marcos Góis, irmãos, primos, sobrinhos e tios); a dona Venice Santos Góis, querida mãe, e a seu Clóvis Silveira Góis, ilibado pai; à Universidade Estadual de Santa Cruz, berço do saber; aos colegas e magistrados da Justiça do Trabalho, pela indulgência nesses 35 anos; ao adventismo grapiúna, base da fé; aos seguidores do @historia.grapiuna, amantes da literatura e história regional; aos meus abnegados e irreprocháveis leitores; a Isabel Cristina Vital de Andrade, quinhoísta nas andanças pelos arredores da “última flor do Lácio”; aos conterrâneos ibicaraienses; a Mônica Elisabete, amiga, irmã e dedicada servidora lotada do CEDOC/UESC; ao poeta Adeildo Marques; a Itabuna, que me acolheu, criou e mimou, desde tempos idos.

Encerro minha fala coberto de contentamento. Que dia feliz para mim! Ter como companheiros, acadêmicos, aqueles que, com sabedoria, determinação e amor, promovem as ciências humanas e distribuem a arte, a cultura e a memória no coração das pessoas por meio da literatura.

Yahweh é grande!

Itabuna, 2 de março de 2023

REFERÊNCIAS:

¹PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A fala do santo**. Ilhéus: Editus, 2002.

²MATTOS, Cyro de. **Cancioneiro do Cacau**. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2015.

³FILHO, Adonias. **Um burgo de penetração**, In: MATTOS, Cyro de. (org). **Itabuna, chão de minhas raízes**. Ilhéus: Oficina do livro, 1995.

⁴ROCHA, Firmino. **Deram um fuzil ao menino**, In: COSTA, Flávio Simões (org), **Firmino Rocha: poemas escolhidos e inéditos**. Ibicaraí: Via Litterarum, 2008.

⁵FORMIGA, Euricledes. **Um canto para Itabuna**” em In, MACEDO, Janete Ruiz de (org), **Antologia Poética: cantos a Itabuna centenária**. Ibicaraí: Via Litterarum, 2010.

⁶ANDRADE, José Dantas (o memorialista Dantinhas).

⁷GÓIS JÚNIOR, Clóvis Silveira Góis Júnior. **Sequeiro do Espinho: passos de um conflito**. Itabuna: A5, 2020.

⁸33ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 11 de agosto de 2015, em comemoração ao centenário de Jorge Calmon.

Discurso de agradecimento proferido por Cyro de Mattos, por ocasião do recebimento da Comenda 2 de Julho

Cyro de Mattos

Estou saudando os componentes da mesa na pessoa do deputado Marcelinho Veiga. Agradeço a Deus por ter me dado a vida; à esposa Mariza, pela tolerância e amor durante 55 nos de união física e afetiva, aos filhos e netos pelo incentivo na construção de meu legado.

Agradeço ao amigo de longa data, Joaci Goes, pela generosidade, apanágio de seu caráter, ao lembrar-me de maneira acalorada, em várias oportunidades, que eu merecia essa honraria.

Senhoras e Senhores.

Eu era aluno do curso clássico no colégio da Bahia (Central) quando escutei de meu professor Luís Henrique Dias Tavares que a Bahia e o Brasil eram inseparáveis. Meu professor era um homem de estatura pequena, mas que carregava no coração um forte amor e na razão um grande saber pelos caminhos históricos da Bahia. Observara em sala de aula, naqueles idos de 1956, que essa união insuperável procedia do fato de que o Brasil exerceu sua verdadeira independência em solo baiano. No entorno deste chão amado, onde aconteceu o embate,

houve o abraço dos mares da Baía de Todos os Santos para que os baianos se libertassem do jugo do império português.

O movimento social e militar começou em 19 de fevereiro de 1822, teve seu desfecho vitorioso em 2 de julho de 1823. Este memorável Dois de Julho tornou-se data de máxima importância para os baianos, que a festejam todos anos com a alma revestida de fervor e sentimentos de louvor. Foi um movimento pelo desejo federalista emancipador do povo baiano, com vistas a inserir a então província na unidade nacional brasileira.

Sabemos que a independência do Brasil na Bahia não foi feita em gabinetes e salões, não aconteceu com um brado retumbante, mas nas ruas, nos campos de batalhas, com feridos e mortos. Contou com a participação decisiva do povo como protagonista. Indígenas, escravos libertos, gente humilde das classes baixas. Figuras de comando tiveram performance significativa no desenrolar da pugna. O general Labatut sobressai como comandante de nossas forças militares no seco, enquanto Lord Cochrane foi o responsável pela guarda da Baía de Todos os Santos.

É bom não esquecer a figura da mártir Joana Angélica, morta ao impedir que os portugueses tomassem o convento da Lapa. E a de Maria Quitéria, valorosa mulher com coragem incomum para combater os adversários portugueses no Recôncavo. Vestida numa farda de soldado, com a arma na mão, lutou contra os portugueses na barra do Paraguaçu, em Santa Amaro e Cachoeira. Houve também Maria Felipa, uma negra catadeira de marisco, a mulher que comandou mulheres negras para seduzir os portugueses enquanto outras queimavam suas embarcações. João Francisco de Oliveira Botas, conhecido como João das Botas, português de nascimento, aderiu à causa brasileira da Independência. Comandou uma flotilha de embarcações e protegeu a parte interna da Baía de Todos os Santos e a Ilha de Itaparica.

Cronistas registram que, na madrugada de Dois de Julho de 1823, a cidade de Salvador amanheceu quase deserta: o exército português deixou em definitivo a província da Bahia. Alguns dizem até que o dia nasceu bonito, sem as chuvas de junho. O sol brilhou com seus raios de cegar a vista. Dois de Julho daqueles longes acontecia assim com o esplendor do sol, para ficar na reverência patriótica dos baianos que, desde então, estabeleceram a tradição de comemorá-lo anualmente com a repetição da entrada do Exército Pacificador na cidade de Salvador. De uns anos para cá, o caboclo e a cabocla foram introduzidos no cortejo patriótico como homenagem prestada às gentes indígenas que contribuíram para a vitória dos baianos no confronto.

Foram brasileiros que, com armas em suas mãos, de fato libertaram a Bahia da opressão do Império Português, começando o movimento em Cachoeira, Santo Amaro, Maragogipe, São Francisco do Conde, Nazaré das Farinhas, Jaguaripe, Saubara. Formavam um exército em frangalhos. Depois se juntaram a esses pobres brasileiros outros que desceram lá de Caetité, de outras partes do sertão e da Chapada.

Na pugna ferrenha não se sabe ao certo como o corneiteiro Luís Lopes tenha ficado no coração dos baianos. Se a versão da história contada é verídica ou não, tudo se torna mais intrigante e ao mesmo tempo mais nebuloso. Nenhum estudioso tem informações aprofundadas sobre o assunto, mas o que se sabe é que ele participou do conflito que ficou conhecido como a Batalha de Pirajá, onde provavelmente teve um papel decisivo. Propaga-se no imaginário popular que em vez do toque de “recuar”, deu o sinal de “cavalaria avançar” e, em seguida, o de “degolar”. E quem acabou partindo em retirada foram as tropas lusitanas, imaginando que os brasileiros tinham recebido reforços.

O movimento que deflagrou a independência do Brasil na Bahia motivou a Castro Alves a escrever um poema de versos magníficos. Em Ode a Dois Julho vemos um discurso eloquente elaborado com imagens candentes da esperança e da liberdade. Numa só voz, juntas, evocam a peleja entre o clarão e as trevas. O libertário poeta dos escravos, construtor de uma poética solidária sobre a escravidão dos negros africanos, agora com versos veementes canta a liberdade como o sentimento mais valoroso que envolve os baianos no palco do confronto. Como noiva do sol, a liberdade, essa peregrina esposa do porvir, faz-se motivo de inspiração ao estro do poeta mais amado pelos baianos.

Em um dos trechos do célebre poema, ele diz:

Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu - Liberdade peregrina!
Esposa do porvir - noiva do sol!

E finalizava seu ardor de poeta libertário com esses versos:

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gládio - no infinito...
Um trapo de bandeira - n'amplidão!

A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia veste-me agora com as cores pátrias dessa data histórica, que expressa os sentimentos libertários de brasileiros em terras baianas,

nos mares da Baía de Todos os Santos, nos céus de Nosso Senhor do Bonfim, nas veias históricas de nossos irmãos. Distingue-me com honraria tão elevada, que recebo como reconhecimento ao meu legado forjado ao longo de mais de sessenta anos no ofício de escritor e divulgador da cultura.

Graduado em direito pela Universidade federal da Bahia, exerci a advocacia durante mais de 40 anos na comarca de Itabuna e outras do sul baiano. Fui advogado por profissão, meu pai assim queria, pensando no melhor para o filho. Dessa experiência colhi frutos ricos sobre as circunstâncias críticas dos humanos no seu estar da vida. Soube que sem o direito não há democracia, a liberdade, como o valor mais poderoso que adquirimos ao longo dos séculos. Não se dá a cada um o que é seu. Não há a paz. Predomina a lei do mais forte. Exerci o jornalismo com passagem na imprensa do Rio. Foi um aprendizado importante para saber da linguagem precisa e ágil sobre o fato que se pretende divulgar ou analisar no seu teor informativo da verdade. Mas ser escritor e poeta foi sempre a minha paixão. Nesta fico caracterizado por força do destino como o animal gregário entre o alegre e o triste, o fabricante de incertezas e contradições no uso da palavra mítica que reinventa a vida.

Já escutei dizer que não serve para nada tal ofício diante das necessidades que a vida propõe no cotidiano. Sonhos não enchem a barriga de ninguém. De fato, pode até não resolver nossos problemas econômicos, políticos, sociais, filosóficos, religiosos, porém, devolve aos seres humanos o que só a eles pertence. Sem as artes não se tem a emoção, a vida passa sem graça, não se dá novos sentidos à razão e, na pobreza mental, sucumbimos como aderentes à ignorância da matéria. Não passamos de cadáver ambulante que procria, como observou o poeta Pessoa. Nesta vida do ar, sonhar e amar, é, portanto, o que sou de fato.

Ah, poesia, flor e vento, ao inventar-me como um grão no deserto onde tudo arrisco, no qual inocente respiro, mostros o quanto gostas de mim. É quando então sou das incertezas erguido muitas vezes, afugentas os meus medos e me sustentas nos meus ermos. Sem a tua companhia, que irriga minhas artérias como a chuva a terra nas suas mil línguas, não há a lágrima, o beijo, o riso, o epitáfio. Não há o reconhecimento, a cumplicidade, o sentido.

É assim que recebo dessa ilustre Casa Legislativa a relevante distinção dessa Comenda Dois de Julho, como reconhecimento aos meus mais de sessenta anos dedicados ao bem-estar dos outros, à progressão da cultura e à valorização da arte literária.

Aos que acreditaram em minha aventura para chegar até aqui, àqueles que com as suas presenças abrilhantaram este momento, fazendo-me cativo do afeto com seu gesto bondoso, externo nosso agradecimento. A todos vocês que vieram prestigiar o evento de elevada importância para o homenageado, agradeço comovido. Muito obrigado.

Discurso em homenagem a Cyro de Mattos por ocasião da outorga do título de Presidente de Honra da Academia de Letras de Itabuna

Raquel Rocha

“Ainda que eu seja um grão no deserto,
o poema é o meu lugar.”
Cyro de Mattos

Sim, a poesia é o seu lugar, Cyro.
O lugar onde seu coração se aconchega,
Onde seus sonhos dançam livres,
Seu esconderijo de paz
O poema é lugar onde sua alma encontra o lar

Sei que, tradicionalmente, deveria iniciar este discurso apresentando o homenageado, mas acredito que não há maneira mais autêntica de conhecer a essência do filho de D. Josefina do que através dos seus versos. No entanto, recorro à nossa querida Sônia Maron, ela o descreveu como: “O menino que via a vida acontecer”. Amiga de infância do escritor ela contou: “Aquele menino da Rua Ruy Barbosa tinha mesmo um jeito diferente (...) Passava para o colégio... compenetrado e sério, segurando a pasta com os livros como se fossem uma carga preciosa. (...) Eu desconfiava que fosse mais amigo dos livros do que de nós.”

E se, em tempos idos Sônia via o pequeno Cyro como “adulto, compenetrado e sério” eu, que o conheci já na maturidade sempre vi nele a alma e o brilho nos olhos de um menino. O primeiro poema que li de Cyro de Mattos se intitulava O Menino e o Mar. Dizia assim:

“Era a primeira vez
Que o tinha ido ver o mar.
Todo alegre, de calção,
Peito nu e pé no chão.
Quando viu tanta água
Fazendo barulho
Sem parar, disse:
- Pai, me dê a mão.”

Li e pensei: Só um menino é capaz de ter um olhar com tanta beleza e inocência. Assim conheci Cyro.

Quando conheci o homem, já conhecia a obra. Então, desde sempre, a alma do menino Cyro ficou mais visível do que o homem crescido. A alma do menino que via a vida passar para depois nos contar como era. A alma que tinha o poema como o seu lugar.

E porque ele escolheu o poema como o seu lugar, hoje estamos aqui para celebrar a sua vida, talento literário e conceder-lhe a outorga do título de presidente de Honra da Academia de Letras de Itabuna.

Cyro de Mattos tem um estilo literário próprio e o dom de retratar a cultura e a vida no sul da Bahia. Como cronista, ensaísta, autor de literatura infanto-juvenil, ficcionista e poeta, seu estilo de escrita é caracterizado por uma linguagem rica em imagens e metáforas, que transporta o leitor para os cenários e personagens de suas histórias e poemas.

Para Jorge Amado, “Um escritor que carrega dentro de si, para transformar em literatura, a epopeia e o mistério da

terra grapiúna.” (In “Um Poeta do Cacau”, *Jornal de Letras, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, outubro de 1982*)

Cyro de Mattos faz uso cuidadoso das palavras, zelosamente explora o vocabulário regional e cria diálogos autênticos, que refletem a diversidade linguística da região grapiúna. Suas palavras são escolhidas com precisão, criando uma atmosfera envolvente e evocativa. Suas descrições minuciosas e sensíveis permitem que o leitor visualize claramente os cenários de cidades imaginárias e vastas paisagens rurais.

Retrata com sensibilidade a vida cotidiana e os dilemas humanos, muitas vezes por meio de personagens rústicos, ambientados na época dos desbravadores, dos jagunços, da mata fechada, da miséria e da opressão. Sua escrita é permeada por uma profunda compreensão da condição humana e pela busca por identidade e pertencimento.

Sou assim um fazedor de razões e emoções, meu discurso não é para agradar a grupos, pretende dizer da vida, com suas fissuras e rupturas, as verdades essenciais.

(*Cyro de Mattos, em A anotação e a escrita, Ibicaraí, Bahia, 2016*)

Além de cronista, contista, ensaísta e, romancista, Cyro de Mattos é, acima de tudo, um poeta. Seus poemas refletem sua sensibilidade lírica e sua capacidade de transmitir emoções através das palavras, com uso da língua portuguesa e da métrica, dominando diversas formas do gênero, como sonetos, trovas, haicais e versos livres.

A natureza é uma presença constante na sua poesia: as fazendas, os quintais, as matas, o rio Cachoeira. Em seus versos ele retrata paisagens e elementos naturais com grande sensibilidade, criando uma atmosfera que convida o leitor a uma conexão profunda com a natureza, além de uma imersão em seu mundo interior.

Ler a poesia de Cyro de Mattos é conhecer a sua infância, a sua ancestralidade e experiências; é sentir todo amor do coração do menino. A sua poesia é uma celebração da linguagem poética e do poder das palavras em expressar a beleza, a complexidade, as contradições do mundo e da existência humana. Conduz o leitor a uma jornada emocional e contemplativa, despertando-lhe a sensibilidade e convidando-o à reflexão sobre a vida e o tempo.

Em *Histórias do mundo que se foi*, que lhe deu o Prêmio Adolfo Aizen da União Brasileira de Escritores (RJ), em 1997, (Ed. Saraiva, São Paulo, 2009, página 11),_ele reflete:

É preciso ter vivido muitos anos para saber que a recordação de certos fatos e coisas nada mais é do que saudade da vida que passa com os dias, semanas e meses. As pessoas, bichos, casas e ruas fogem como nuvens, ninguém pode retê-los. Infelizmente.

Cyro de Mattos os reteve, os transformou em palavras e nos encantou.

Autor prolífico, com uma extensa obra que abrange diversos gêneros literários: 65 livros pessoais, que incluem contos, poesia, crônicas, romances e literatura infanto-juvenil, além de ter organizado 10 antologias e coletâneas.

Através de sua vasta produção literária e do reconhecimento conquistado, possui um legado importante no cenário literário nacional e além-fronteiras. Sua dedicação e talento foram reconhecidos em mais de 40 prêmios literários expressivos, tanto no Brasil quanto em países como Portugal, Itália, México e Cuba. São eles: Prêmio Nacional de Ficção Afonso Arinos, concedido por unanimidade pela Academia Brasileira de Letras para o livro *Os Brabos*, novelas, em 1979. Prêmio Jabuti (Menção Honrosa), da Câmara Brasileira do Livro, para *Os Recuados*, contos, 1988.

Prêmio Nacional de Poesia Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, para *Cancioneiro do Cacau*, em 1997.

- Prêmio Internacional de Literatura Maestrale Marengo d'Oro, em Gênova, Itália, para o livro *Cancioneiro do Cacau*, em 1997. Prêmio Nacional de Ficção Pen Clube do Brasil para *Os Ventos Gemedores*, romance, em 2015. Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Manaus com o livro *Histórias de Encanto e Espanto*, em 2018. Prêmio Conjunto de Obra Academia de Letras da Bahia/Eletrogóes, em 2020. Prêmio das Artes Jorge Portugal da Fundação Cultural da Bahia e Lei Aldir Blanc para o livro *Canto até Hoje*, obra poética até 2020, concedido em 2020. Foi um dos quatro finalistas do Concurso Internacional da Revista Plural, México, com a noveleta *Coronel, Cacaueiro e Travessia*, em 1981. Foi ainda nove vezes primeiro lugar nos certames literários da União Brasileira de Escritores (Rio de Janeiro). Duas vezes finalista do Jabuti. E, recentemente, recebemos a notícia da sua conquista do Prêmio Casa de las Américas, 2023, em Cuba, com o livro *Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias*.

Esses prêmios são testemunhos do reconhecimento e da admiração que sua escrita recebeu, são testemunhos da sua habilidade em escrever poemas, contar histórias, contextualizar criticamente a Região, criando imagens vívidas, informando e emocionando os leitores com sua obra.

Com seu talento literário, os convites para participar de instituições e os reconhecimentos em forma de títulos surgiram: Cyro de Mattos é membro do Pen Clube do Brasil, Academia de Letras da Bahia. Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Membro da União Brasileira de Escritores, Seção do Rio de Janeiro. Membro da União Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo. Também foi distinguido com o título da Ordem do Mérito do

Governo do Estado da Bahia e com o título Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro. Recebeu a Medalha Zumbi dos Palmares, da Câmara de Vereadores de Salvador, Bahia, em 2020. Foi Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz, em 2016. Distinguido com a Medalha Dois de Julho da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e Honra ao Mérito do III Webinário de Estudos Amadianos, da Universidade Estadual da Bahia, como o autor Homenageado, em 2022. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia, cadeira número 22, fundador Rui Barbosa. Membro da Academia de Letras de Ilhéus, Membro Fundador da Academia de Letras de Itabuna, cadeira número 5, patrono Jorge Amado.

O trilhar histórico-geográfico pelas realizações e lauréis de Cyro de Mattos (precisa ou deve) aportar, necessariamente, na nossa amada confraria, a ALITA, agrupamento de literatas e literatos grapiúnas, instituição fincada no torrão natal do nosso homenageado.

A Academia de Letras de Itabuna decorre de uma ação idealizadora, promovida originalmente por mentes visionárias da estirpe de Cyro de Mattos, Marcos Bandeira, Antônio Laranjeiras e Carlos Eduardo Passos. É certo que de uma cisão, no nascedouro da Academia Grapiúna de Letras, surgiu a ideia da nossa Casa. A discordância inicial, foi a gênese propulsora desta arcádia Itabunense.

Nos primórdios, Cyro de Mattos cedeu uma sala na Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania para que as reuniões pudessem ocorrer. Após um trabalho árduo, a Academia de Letras de Itabuna, conhecida como ALITA, foi estabelecida numa manhã memorável em 19 de abril de 2011.

A atitude, a determinação e o apoio sem par de Cyro de Mattos, atuando como “pedra angular”, permitiu o surgimento dessa Casa e a manteve viva.

E assim se passaram 12 anos de existência, marcados por trabalho árduo, exaustivo e desgastante, como é comum em todas as instituições, em seus primeiros anos. E Cyro de Mattos, mesmo sendo membro de inúmeras instituições, com participação em diversas premiações e merecidas conquistas de renomadas titulações, esteve conosco firme, atuante, durante o nosso venturoso caminhar.

O confrade Marcos Bandeira me disse uma vez: “Cyro não precisa da ALITA”, e ele está certo, Cyro não precisa da ALITA ou de nenhuma instituição, ele não precisa de escada, sua obra fala por si mesma. Ele não precisa chegar a lugar nenhum porque “o poema é o seu lugar”. Cyro de Mattos não precisa da ALITA, mas Cyro de Mattos ama a ALITA. Não existe outro motivo ou explicação para esses 12 anos de denodado trabalho.

A outorga do título de “Presidente de Honra” ao decano poeta e ficcionista permeia o seu merecimento e nossa gratidão, àquele que nos é tanto base como pilar. Não temos dúvida, nossos horizontes literários e nossas verticalizações culturais serão duradouros, enquanto estiverem fundamentados na vida e na obra de Cyro de Mattos.

Por isso, quando a confreira Janete Ruiz, de forma sábia, no dia 21 de setembro de 2022, entrou em contato comigo, perguntando o que eu achava de a ALITA conceder o título de Presidente de Honra a Cyro de Mattos, ambas sabíamos que essa honraria não poderia ser de outra pessoa. De fato, Cyro de Mattos já era nosso Presidente de Honra desde aquela manhã, de 19 de abril de 2011. A proposta inicial foi pronta e unanimemente abonada pela assembleia dos alitanos.

Fernando pessoa escreveu:

Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sozinho.
(In *Obra Poética*, Ed. José Aguiar 1960, Rio de Janeiro, p. 137)

Sinto-me honrada por ter sido escolhida para dirigir esta prédica condecorativa, neste momento que é único e igualmente belo, e será ufanamente registrado nos anais desta casa. Sinto-me mais honrada ainda por poder compartilhar de sua amizade e afeto.

Poderia ficar muito tempo aqui, discorrendo sobre suas qualidades literárias, vasta bibliografia e legado, mas, ainda assim, seria insuficiente para aquilatar sua trajetória.

E, se a sua obra é grandiosa, o homem por trás dela é ainda maior. Ele é filho, pai, marido, amigo e um ser humano admirável. É esse homem que, ao adentrar a imortalidade, não será lembrado apenas porque recebeu títulos, mas porque, quando menino, transformou a poesia em seu lugar.

Vida longa para Cyro de Mattos, nosso Presidente de Honra!

Itabuna, 27 de maio de 2023

Homenagens Especiais

Homenagens a Soane Nazaré de Andrade



I - Cyro de Mattos

O Sul da Bahia fica sem Soane Nazaré, enorme educador do ensino superior, homem idealista, um cavalheiro no melhor sentido, orador primoroso, professor competente e aplicado.

Escrevi o poema Mares de Ilhéus, que lhe dediquei. Ele me escreveu demonstrando sua alegria com a minha singela homenagem.

O poema está incluído no livro Poemas Ibero-americanos, publicado primeiro pela editora Palimage, de Coimbra, em Portugal, 2016, e depois no Brasil pela Fundação Casa de Jorge Amado, na Coleção Casa de Palavras, Salvador, 2017.

Transcrevo abaixo o poema.

Mares de Ilhéus

Cyro de Mattos

Para Soane Nazaré

Vozes duma canção
Nas vagas do verde.
Por entre os azuis
Batem, voltam, batem
Contando minha história.

Vejo em aflição o mar
Na barra de Ilhéus.
Afogam-se as ondas
Dos que silenciam
Com o navio Itacaré.

Todo esse desespero
De indígenas nadadores
Mergulha no sangue.
Bebem o extermínio
Ventos, luas e marés.

No Engenho de Santana
África agora se atreve
Na certeza de manhãs,
Batucam que batucam
Tambores sem cambão.

Rio acima o sonho flui,
Ondas da vegetação
Inundam o olho azul
Animado pelas galhas
Do príncipe europeu.

Tudo que sei de mim
Por terra, ar e mar
Flutua nas espumas,
Na clave dos ocasos
Vem de longe cantando.

II - Ruy Póvoas*

Um fidalgo conviveu entre nós

Corria o ano de 1984 e Soane Nazaré de Andrade publicava pela Edições GDR seu livro intitulado A Universidade de Santa Cruz em Porto Seguro. Na primeira orelha da capa, Gumercindo Rocha Dórea, o editor, afirma: “Uma Universidade tem como função pública a formação de líderes, que deverão conduzir os destinos da comunidade onde ela se originou e para a qual se desenvolve.”

Às vésperas de completar quarenta anos, os dizeres de Gumercindo continuam lapidares. Verdade também merecedora de registro que a UESC sonhada na década de 1970 assim se fez porque pessoas valorosas souberam fazer-se líderes. Ocorre, porém, que uma liderança se destacou, entre outros atributos que portava, por sua têmpera refinada de fidalguia: Soane Nazaré de Andrade.

Data de minha chegada à Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna - FESPI, em 1975, quando tive os primeiros contatos com Doutor Soane, naquela época investido no cargo de Diretor Geral da Federação. Era um tempo de efervescência de sonhos, maturados com coragem e vontade de fazer. E ânimo mais forte se aspergia sobre quem fazia o ensino superior vingar vinha da liderança de Soane Nazaré de Andrade.

Homem culto, de caráter firme. Lido, estudado e sobretudo, um sonhador. Vale acrescentar, porém, um componente com que Soane Nazaré tratava as pessoas e os assuntos pertinentes de sua alçada: a fidalguia. Linguagem cuidada e objetividade faziam parte fundamental de quanto ele dizia ou escrevia.

Indelével em minha memória, ficou a ocasião em que eu voltava do Rio de Janeiro, após concluir meu curso de Mestrado. A primeira providência que tomei foi me dirigir ao gabinete da Direção Geral para me apresentar, reassumindo minhas aulas. Ao adentrar ao Gabinete, Soane levantou-se e, com um sorriso bem largo e um abraço firme, fez-me sentir aureolado de importância. Era mais um ganho também para a Federação, ainda carente de pós-graduados.

Seguidamente, no ano de 1984, fui outra vez distinguido por Doutor Soane. Ao tomar conhecimento, através da professora Dinalva Melo, dos originais de meu livro de verso Vocabulário da Paixão, ele assumiu a edição numa parceria FESPI/CEPLAC. Foi meu primeiro livro editado.

Tais fatos me proporcionaram a compreensão da largueza de visão de Doutor Soane. Ele não sabia apenas lidar com as providências burocráticas de seu ofício. Investia nas pessoas promissoras e não negava impulso a quem queria juntar-se na luta pela construção da Universidade. Fosse no saber artístico, científico ou técnico.

Num ato de reconhecimento e gratidão, seus pares providenciaram medidas burocráticas que culminaram na designação de seu nome ao campus da Universidade. Ao retirar-se da labuta no seu tempo de aposentadoria, Soane não esqueceu sua sonhada FESPI, sua desejada Universidade. A primeira cumpriu o seu papel e a segunda já estava chegando, na época em que ele passou a residir em Salvador.

Soane se foi em 2023. Conosco ficaram, porém, os dividendos de sua luta sem tréguas, até que a Universidade

se tornou realidade. Muito mais ainda, ficou conosco a lembrança da fidalguia com que ele sempre se comportou e tratou a tantos quanto dele se aproximava ou a ele se dirigia.

Ainda que ele tenha partido para outras dimensões, seus feitos ainda hoje se constituem pedras basilares do nosso fazer acadêmico.

*Professor aposentado da UESC

Notas biográficas sobre Soane Nazaré de Andrade (1933 - 2023)

Nascido em Uruçuca, Bahia, iniciou seus estudos no município de Ilhéus quando tinha 6 anos, na Escola Afonso de Carvalho e no Instituto Municipal de Ensino (IME) Eusínio Lavigne. Prosseguiu seus estudos em Salvador no Colégio da Bahia e cursou a Faculdade de Direito da Bahia.

Foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito de Ilhéus, em 1960, sendo um dos seus maiores articuladores e fundadores. Liderou a implantação da Federação de Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI), em 1973, instituição que posteriormente se tornaria a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Entre 1973 e 1985, foi Diretor Geral da FESPI

Como forma de reconhecimento, o campus da UESC leva o seu nome.

Foi professor no IME, fundador, diretor e professor em Direito Constitucional e Político na Faculdade de Direito de Ilhéus; idealizador e primeiro reitor da Universidade Livre do Mar e da Mata (Maramata) também na cidade. Membro da Academia de Letras de Ilhéus. Faleceu em 27/07/2023

Registros

ALITA empossa o historiador e escritor Clóvis Góis Júnior



Tomou posse na Academia de Letras de Itabuna-ALITA, em 02 de março de 2023, Clóvis Silveira Góis Junior. O historiador e escritor passa a ocupar a cadeira nº 34, que tem como patro-

no o jornalista, advogado e professor Jorge Calmon.

A cerimônia aconteceu no auditório do Centro Cultural Teosópolis e também contou com a palestra “100 ANOS DE RUI BARBOSA”, proferida pelo confrade Marcos Bandeira.

Lurdes Bertol lança o livro *Encantos da Lagoa Encantada*



No domingo, 12 de março de 2023, houve o lançamento do livro “Encantos da Lagoa Encantada: Mitos e Lendas”, Editus, 2022, num evento organizado pelos representantes das várias comissões do Litoral Norte de Ilhéus.

O evento aconteceu na sede da Associação da Lagoa Encantada.

Em respeito e homenagem aos moradores do entorno da Lagoa, ocorreu exatamente lá o primeiro lançamento. Além das autoras, Maria Cristina Rangel e Lurdes Bertol Rocha, muitos moradores locais e de Ilhéus estiveram presentes. Foi um domingo muito rico de informações e conagração.

Marcos Bandeira lança o livro *O adolescente em conflito com a lei*



Foi lançado dia 16 de março de 2023 o livro “O adolescente em conflito com a lei – Do ato infracional à execução de medidas socioeducativas”, de autoria do acadêmico e advogado Marcos Bandeira, também professor do Departamento de Ciências Jurídicas

da UESC e Juiz de Direito aposentado no Estado da Bahia.

A obra é resultado da dissertação de mestrado em Direito na UFBA, foi publicada pela Editus e o lançamento teve como sede o auditório do Hospital de Olhos Beira Rio.

Roda de leitura na Escola Pio XII

A Academia de letras de Itabuna realizou, no dia 17 de



março de 2023, mais uma RODA DE LEITURA SÔNIA MARON. O encontro aconteceu na escola Pio XII, a mesma unidade onde aconteceu a primeira Roda de Leitura, em 2017.

Estiveram presentes: o escritor e poeta

Cyro de Mattos; o presidente, Wilson Caitano; a Vice-presidente, Janete Ruiz; a 1ª Secretária, Lurdes Bertol Rocha e a Diretora de Comunicação, Raquel Rocha.

A Academia de Letras de Itabuna completa 12 anos, lança a revista Guriatã nº 4 e inaugura galeria de fotos com personagens ilustres de Itabuna



- Aniversário de 12 anos da Academia de Letras de Itabuna
- Lançamento da Revista Guriatã n 4
- Inauguração dos Quadros de Adonias Filho (Patrono) e Cyro de Mattos (Presidente de Honra).

Data: 20/04/2023

Cyro de Mattos ganha o Prêmio Literário Casa de las Américas - 2023

O escritor Cyro de Mattos conquistou o Prêmio Casa de Las Américas 2023 com o livro *Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias*, segundo anunciou o diretor Jorge Fornet da Casa das Américas, em Havana, Cuba.

O Prêmio Casa das Américas consiste no valor de 3.000 dólares e a edição do livro premiado em dez mil exemplares pelo Fondo de Cultura Editorial da Casa das Américas.

I Concurso Literário da Alita

A Academia de Letras de Itabuna lança seu Primeiro Concurso Literário cujo tema é “O Rio Cachoeira” e contemplará estudantes de instituições universitárias da Região Sul da Bahia, do particular entorno da Região Cacaueira

Os participantes devem enviar textos no gênero crônica literária. O concurso tem como objetivos incentivar a criação literária e a revelação de novos talentos no campo da literatura, despertar para uma realidade crucial dessa região, especificamente da cidade de Itabuna e seu entorno, considerando circunstâncias geográficas, histórico-sociais e humanas e suscitar o interesse e providências devidas por parte de órgãos públicos, de natureza científica e da população em geral, itabunenses e de municípios adjacentes, quanto ao relevante tema proposto.

Resultado do I Concurso Literário da Academia de Letras de Itabuna

1º lugar - Corredeiras com muitas histórias... - Ronaldo Oliveira Santos - Curso - Teologia - ESTÁCIO - POLO ILHÉUS - 1º SEMESTRE

2º lugar- Três cidades e um rio - Lucas Correia Santos - Curso - Interdisciplinar em linguagens e suas tecnologias/ihac-ja - ITABUNA - UFSB - 5º SEMESTRE

3º lugar- O velho Homem e o Velho Rio - Marcos Antônio Maurício da Costa - Curso - Filosofia- UESC - 5º SEMESTRE.

Lançamento do livro *Águas de meu rio*, de Cyro de Mattos



Em 25 de maio de 2023, o acadêmico Cyro de Mattos lançou seu novo livro *Águas do meu rio*, com participação de membros da Academia de Letras de Itabuna e demais representantes da sociedade.

Poeta e escritor Cyro de Mattos recebe Comenda Dois de Julho na ALBA



A Academia de Letras de Itabuna homenageia o escritor Cyro de Mattos pelo recebimento da Comenda 2 de julho!!!

A Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) foi palco da entrega da maior honraria da Casa para o escritor e poeta Cyro de Mattos, no dia 10 de julho de 2023. Uma sessão especial proposta pelo deputado estadual Marcelinho Veiga (UB) marcou a celebração ao artista baiano, que recebeu a Comenda Dois de Julho após

construção de legado literário com 65 obras publicadas de diversos gêneros e premiado em diferentes países. A entrega da comenda aconteceu no plenário da Alba.

Em sua justificativa, o deputado Marcelinho Veiga diz que “o trabalho de Cyro de Mattos engrandece a vida de qualquer pessoa com sua obra”. Para ele, os livros contribuem com a progressão da cultura, artes e ciências, na Bahia e no Brasil. “É uma honra poder homenagear um baiano de

Itabuna com um legado cultural imenso e que evidencia o poder intelectual e de expressão verbal do povo nordestino”.

Roda de leitura na Escola Lúcia Oliveira



A Academia de Letras de Itabuna realizou, em agosto de 2023, mais uma RODA DE LEITURA SÔNIA MARON. O encontro aconteceu na escola municipal Lúcia Oliveira. Estiveram presentes: a primeira secretária, Lurdes Bertol; a segunda tesoureira, Sione Porto, o diretor da revista *Guriatã*, Charles Sá e a diretora de Comunicação, Raquel Rocha. O grupo de alitanos foi recebido pelas coordenadoras Caroline Macedo Cavalcante Nicácio e Antonia Maria Alcântara Brito.

A Roda começou com a coordenadora do projeto, Raquel Rocha, perguntando às crianças se elas sabiam o que era uma Academia de Letras. Após explicar o que era e sua finalidade, os membros foram apresentados. Na sequência, os alitanos realizaram leituras de autores regionais e clássicos da literatura mundial. Lurdes Bertol leu *Jardim Encantado* de Fátima Gondim, Sione Porto contou a história da Cinderela e Charles Sá leu *o Cão e o Osso*, fábulas de La Fontaine. Os alunos ouviram as histórias contadas pelos alitanos atentamente e a alitana Raquel Rocha finalizou as leituras com as charadas do livro “Responda certo se for esperto”, do escritor Cyro de Mattos.

Homenagem aos Patronos

Homenagem ao Dr. Gil Nunes Maia

Patrono da Cadeira nº 29

da Academia de Letras de Itabuna

Margarida Cordeiro Fahel

Uma breve história

Lembro-me bem daquele homem tranquilo e de jeito simples, voltando do trabalho todas as tardes. Ele me chamava a atenção, e eu parava a leitura na varanda ou a conversa com a amiga vizinha e o via passar. Seu rosto me falava de paz, um sorriso meio encoberto ali pressentido. Sempre vestido como os homens da época, de paletó, mas não me recordo se usava gravata. Pouquíssimas pessoas andavam de carro naquela época, e aquele senhor seguia em seu passo tranquilo, sem pressa, dirigindo-se à sua casa, eu já observara, quase no final da rua. Era a rua Laurinda Fontes, na cidade de Itabuna, onde eu também residia. Bem em frente aos trilhos da velha Maria Fumaça, a passagem era então chamada de Rua da Linha. Curiosa, indaguei a uma vizinha sobre aquele homem que tanto tomava a minha atenção.

- Ah, é o Dr. Gil Nunes Maia. É médico, é patologista.

Intrigou-me um médico de jeito tão simples. Já conhecia muitos e de certa pose, desculpem. Alguns eram até meus professores na minha inesquecível Ação Fraternal de Itabuna - AFI. Certa vez, creio que para levar alguma solicitação de exame, fui ao seu consultório. Aquele sorriso meio escondido se abriu, solícito. Naqueles anos de adolescência

eu não poderia imaginar que não seria ele somente um médico e, muito mais que isso, somente uma bola de cristal me teria dito que um dia, tantas décadas depois, seu nome, um dos dois primeiros autores de haicais no Brasil, seria o meu patrono numa Academia de Letras - a ALITA! Não sei como foram escolhidos os nomes dos patronos para cada acadêmico. Nunca indaguei sobre isso. No meu caso, creio que algum anjo, desculpem-me a falta de modéstia, ou mesmo possível infantilidade ou rasgo de romantismo - quem sabe? - soprou aquele nome. O nome de um senhor de jeito modesto, sem qualquer arrogância, talvez por sua íntima natureza, talvez porque soubesse, patologista que era, o quanto todos somos frágeis nessa caminhada na terra.

Mas aqui tenho o meu patrono. E é necessário mostrá-lo como ilustre cidadão itabunense. Em verdade, nascido em Ilhéus, no ano de 1913, em Itabuna viveu, exercendo a medicina, tendo sido o primeiro patologista - clínico do interior do estado da Bahia. Em Itabuna, exerceu várias funções públicas, em sua área e no campo da Educação. Fora de Itabuna, foi Professor -assistente de Biofísica, na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, na Capital do Estado, onde havia se graduado. Importa dizer que seu nome consta em várias antologias poéticas e publicou o livro INTERVALO, que reuniu elegias e poemas, os famosos haicais, vez que, necessário repetir, foi um dos primeiros criadores do gênero em nosso país.

A seguir, alguns desses haicais, em delícia de ler.

1. **Haicai**

O vento rompeu
A roupinha que secava
- Viu, mamãe, quem rasga?

2. **Quadro perfeito**

Os marrecos maus
vieram desmanchar a lua
no fundo do lago

Gil Nunes Maia, necessário observar, foi sempre fiel à métrica, porém sem rígida preocupação com a rima. E assim o lemos.

3. O sol surge pálido
e lágrimas de alegria
caem na folhagem.

4. Desmaia o poente
e sobre as ondas dançando
velas negrejando

5. Nenhuma alegria
nas flores de vivas cores
sobre a tumba fria

6. **Elegia**

Decanto, decanto
o canto, até sair o espanto
e ficar o encanto

7. **Tranquilidade**

Arroz na tigela
calma, fé, pleno amor na alma
flores na janela

E eu, daqui desta Academia de Letras de Itabuna - ALITA, assentada nesta Cadeira 29, e sendo também desta cidade quase filha, pois aqui vivi toda a minha vida estudantil, profissional e quase toda a minha vida pessoal, o louvo, o saúdo e lhe agradeço por esse honroso apadrinhamento. E sou grata à sorte pela recordação tão antiga, porém tão nítida e tão prazerosa, daqueles passos calmos e firmes, daquele rosto entre sério e risonho, por tardes sem conta. Era o passo feliz do dever cumprido, penso hoje. Deveria ele refugiar-se, então, na quietude da noite, para fazer brotar os versos simples, exatos e até brincalhões, mas sempre sábios e doces. Entendo, relendo-os, que a doçura é o apanágio dos fortes.

Nota da autora

O editor, poeta e ensaista Gustavo Felicíssimo apresenta estudo crítico sobre o meu ilustre patrono, em cujo trabalho nos baseamos prioritariamente, para coleta de dados e para apresentação dos haicais aqui colocados.

Em demais leituras esparsas sobre a cidade de Itabuna, constatei que, selando os altos benefícios prestados por Dr. Gil Nunes Maia a essa cidade, como médico patologista-clínico, e como educador, em 1964 coordenou o Inquérito Sorológico Escolar, para o diagnóstico da doença de Chagas, no município de Itabuna. Face a essa e suas muitas outras atividades em prol de nossa cidade, merecidamente em seu Código de Endereçamento Postal está inserida a Travessa Dr. Gil Nunes Maia, localizada em área central, em devida e justa homenagem.

Visto isso, peço licença para associar-me às palavras de Gustavo Felicíssimo, editor, poeta, e crítico literário sediado nesta cidade de Itabuna.

Nos haicais de Gil Nunes Maia nada é demais, fingido ou arranjado, nada é forçado. Cada verso é a fórmula aberta de momentos em que ele se apresenta em estado de graça a cada fragmento de sua poesia.

E o Editor nos informa:

Gil Nunes Maia, apesar de ter publicado muitos haicais em suplementos e revistas de cultura, e de ter participado de várias antologias, somente em 1978, aos 65 anos, através do Clube Grapiúna do Livro, veio a publicar o seu “Intervalo”, uma obra que se divide em duas partes: “Hai-Kais” e “Poemas,” esta última apenas com versos livres.

FONTE BIBLIOGRÁFICA

1 Felicíssimo, Gustavo--GilNunesmaia- Disponível em: <<http://Itabuna.com.br/gilnunesmaia.htm>>. Acesso em 5 de março de 2009.

2 Felicíssimo, Gustavo. O haikai no Brasil e o pioneirismo dos autores baianos. Disponível em: <<http://kW.Cronópios.com.br/site/printversion.asp?id=3781>>. Acesso em 5 de março de 2009.

**Quadro
Social da
Academia
de Letras de
Itabuna**

Quadro Social da Academia de Letras de Itabuna 2022 - 2024

Cad.	Acadêmico	Patrono
01	Marcos Antonio Santos Bandeira	Ruy Barbosa
02	Silmara Santos Oliveira	Sosígenes Costa
03	Carlos Eduardo L. Passos da Silva	Nestor Passos
04	Dinalva Melo Nascimento	Helena Borborema
05	Cyro Pereira de Mattos	Jorge Amado
06	Lurdes Bertol Rocha	Milton Santos
07	Sione Maria Porto de Oliveira	Telmo Padilha
08	Maria Luiza Nora de Andrade	Euclides Neto
09	Rilvan Batista de Santana	Walker Luna
10	Ary Quadros Teixeira (1944-2022) Sérgio Sepúlveda*	Amélia Rodrigues
11	Marialda Jovita Silveira	Minelvino Francisco da Silva
12	Antônio Laranjeira Barbosa	Afrânio Peixoto
13	Ruy do Carmo Póvoas	Plínio de Almeida

14	Sonia Carvalho de Almeida Maron (1940-2021) Heloisa Prata e Prazeres*	Valdelice Soares Pinheiro
15	Gustavo Fernando Veloso Menezes	José Haroldo de Castro Vieira
16	Ceres Marylise Rebouças de Souza	Abel Pereira
17	Hélio Pólvora	Machado de Assis
18	Raimunda Alves Moreira de Assis	Anísio Teixeira
19	Gustavo Cunha	Aracydo Marques
20	Renato de Oliveira Prata	Ariston Caldas
21	Wilson Caitano de Jesus Filho	Augusto Mário Ferreira
22	Aleilton Fonseca	Castro Alves
23	Carlos Válder do Nascimento	Sabóia Ribeiro
24	Celina Santos Silva	Clodomir Xavier de Oliveira
25	Raquel Silva Rocha	Elvira Shaun Foepfel
26	Jorge Luiz Batista dos Santos	Fernando Leite Mendes
27	Maria Palma Andrade (1933-2023) Eliabe Izabel de Moraes*	Fernando Sales
28	Sílvio Porto de Oliveira	Firmino Rocha
29	Margarida Cordeiro Fabel	Gil Nunes Maia
30	João Otávio O. Macedo	Hélio Nunes

31	Maria de Lourdes Netto Simões	Ildásio Tavares
32	Sérgio Alexandre Menezes Habib	Itazil Benício
33	Alessandro Fernandes de Santana	João da Silva Campos
34	Luiz Antônio dos Santos Bezerra Clóvis Silveira Gois Junior*	Jorge Calmon
35	Reheniglei Rehem	Jorge Medauar
36	Maria Rita Coelho Dantas	José Bastos
37	Jorge de Souza Araújo	Luiz Gama
38	Naomar Monteiro de Almeida Filho	Manuel Sampaio Lins
39	Janete Ruiz de Macedo	Manoel Fogueira
40	Charles Nascimento Sá	Natan Coutinho

*** Segundo ocupante da Cadeira**

Esta revista foi composta nas tipologias:
Calibri e DejaVu Serif

Hino da Alita

Letra: Cyro de Mattos
Música: Marcelo Ganem

A cidade contigo conhece
Que a vida não é coisa vã,
É a palavra solta a dizer.
A beleza de cada manhã.

Imortal é tua maneira de ser,
Tua luz que nunca se apaga,
Ideal é a página que escreves
Pra voar com as asas da alma.

Tudo vale, tudo anda, com Deus,
Que nos deu a razão e a emoção,
O sentido de viver com o amor.
Pra dizer o que vem do coração.

* * *

Seções:

Ensaaios

Artigos

Contos

Crônicas Históricas
e do Cotidiano

Poesias

Discursos

Homenagens Especiais

Registros

Homenagem aos Patronos

Quadro Social



Que o mundo todo é gaiola / E a vida é Guriatã.

In: *Guriatã - um cordel para menino*, de Marcus Accioly, poeta pernambucano. Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores (Rio).

ISSN 2446-5615



9 772446 561001